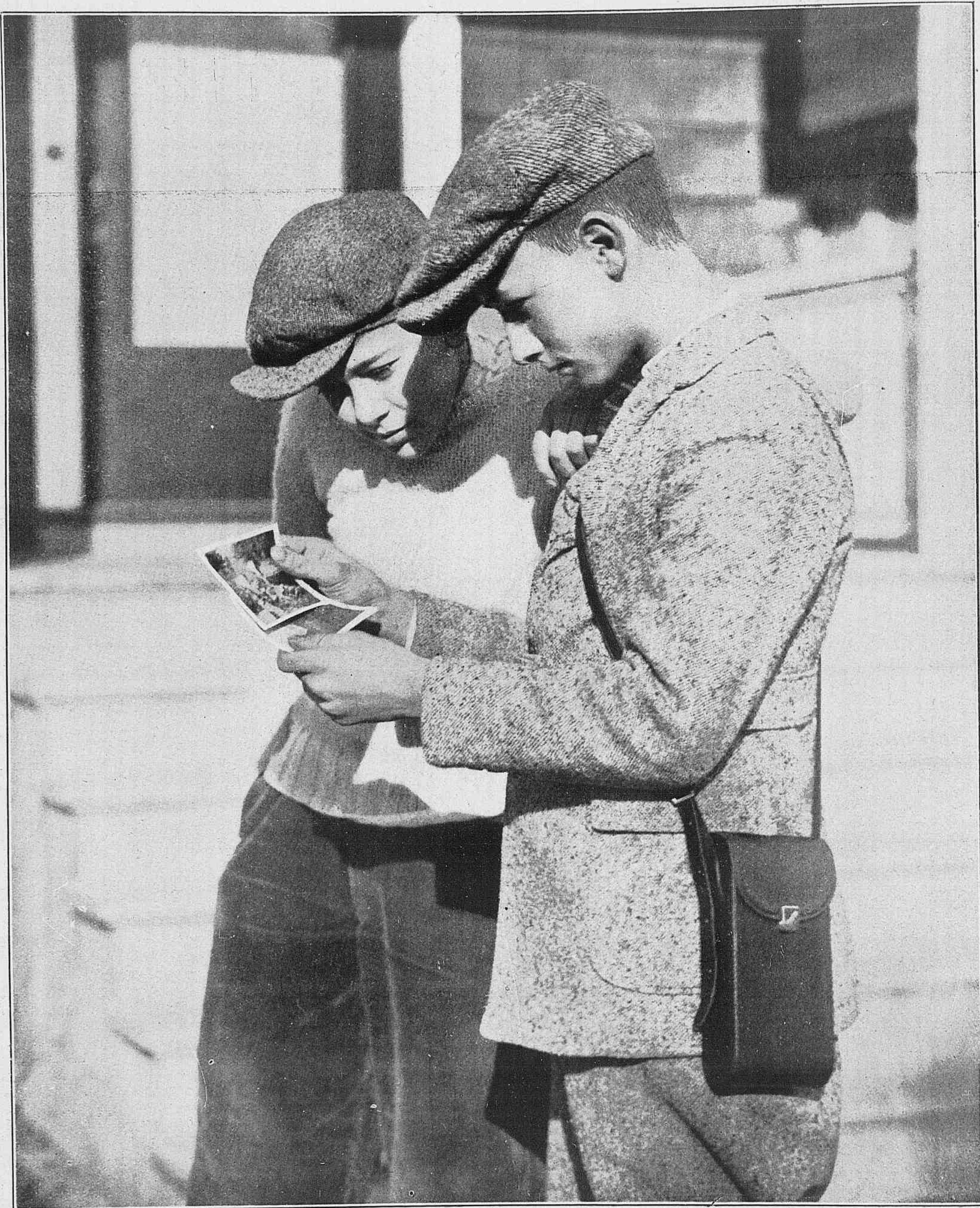
Revista da Semana

ANNO XXVII -- N. 21

15 de Maio de 1926

Para os moços, uma Brownie

As camaras Brownie tiram boas photographias

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

A decana das Revistas nacionaes

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

Propriedade da Companhia Editora Americana

Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires, 103

RIO DE JANEIRO

TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660 Directoria, Norte 112

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

Correspondencia dirigida a **AURELIANO MACHADO**

DIRECTOR-RESPONSAVEL.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por série de 52 numeros (1 anno) 50$000

6 mezes.. 26$000
Estrang... 65$000
Avulso... 1$200
Atrazado. 1$500

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet—PARIS
Agentes nos Estados Unidos—S. S. KOPPE & Co., Inc. Times Building—New York

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || **Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1926** || NUMERO 21

O GATO E A ROLA

NÃO é uma fabula. Aconteceu aqui em casa, hontem á noite, exactamente como lhes vou contar.

Estavamos na sala, havia visitas. As senhoras chalravam encantadoramente. Nós, homens, fallavamos de coisas serias. A certa altura, a palestra offereceu um conjunto deveras pittoresco de *charleston*, guerra de Marrocos, jantar inaugurativo do Copacabana, gréve geral na Inglaterra... Houve um *chassé-croisé* de phrases: um cavalheiro achou aquella ultima moda dansante uma convulsão de selvagens em delirio; uma senhora declarou que, para haver ainda guerras, depois da Grande Guerra, era preciso que os homens não tivessem intelligencia nem pudor de especie alguma. Essa troca de opiniões, extremamente parecida com uma troca de balas, desencadeiou uma polemica mais accesa e tumultuosa que cem batalhas. Foi quando um ruido agudo, extranho, afflictivo se fez ouvir lá fóra; e toda a gente, interrompendo argumentos e replicas, ficou á escuta, ansiosamente.

O ruido angustioso, estertoroso fez-se ouvir melhor no silencio da sala. Era na escada exterior que desce para o jardinete. Com certeza, algum animalejo atacado por outro bicho mais forte e que, sem poder luctar muito tempo, lançava aquelle appello aos seus eguaes, aos homens, á Providencia... Uma criada entrou na sala, contou entrecortada, telegraphicamente uma historia de gambá noctivaga e devastadora. Ninguem alli tinha visto uma gambá, nem fazia ideia do vulto ou poder agressivo de tal fera. Quanto a mim, não hesitei um momento. Armei-me duma bengala enorme, presente profissional do critico Gastão de Carvalho e que pela primeira vez iria quiçá cumprir o seu destino, e precipitei-me para a escada do jardim. Deante da minha arremettida, uma sombra malhada de claro se despenhou degraus abaixo, galgou o muro, desappareceu na noite... A voz agonica persistia em gritar ás creaturas e aos deuses que lhe acudissem. Aproximei-me, curvei-me, com a bengala justiceira prompta para castigar a possivel felonia. Um bico desmedidamente aberto se levantava, clamando, implorando e ao mesmo tempo investindo para morder. O resto do corpo estrebuchava, sem poder sahir do logar. Deitei a mão ao passaro prostrado, acariciando-o e supportando-lhe as bicadas, felizmente já debeis. Era uma rola. Parecia ter uma aza quebrada; o pescoço gotejava sangue; e apavorada ainda, desvairada de ter visto tão de perto a imagem da Morte, empregava as ultimas energias tentando libertar-se das mãos que a afagavam. Démos-lhe agua, puzemos-lhe Maravilha na ferida visivel, deitámol-a sobre panos fofos, numa cestinha que parecia feita de proposito para ella. Uma das senhoras, tão piedosa quão irreverente, suggeriu o nome do cirurgião illustre, e aqui visinho, dr. José de Mendonça...

Mas a rola melhorava, arribava a olhos vistos. Parecia agora apenas fatigada. Mandámol-a para um quarto no andar inferior, de janella gradeada mas alta, que ella, com a aza naquelle estado, certamente não attingiria — e deixámos para o dia seguinte as outras medidas necessarias. Mas a conversa que a tragedia da escada interrompera não mais se poude animar. Depois, fazia-se tarde... allegaram as visitas. E dalli a pouco partiam.

Fiquei ainda a acabar de ler um artigo de revista. Sentia-me irrequieto, esquisito, sem vontade de ir para a cama. Mas, decididamente, tambem não tinha vontade de ler. Enterrei-me na poltrona, tentei cerrar os olhos... E nisto ouço lá fóra um gato a miar. Devia ser na escada do jardim. A principio, está claro, não dei ao caso a menor importancia. Mas o bichano foi alteando a voz, insistindo em me dominar a attenção, em me bolir com os nervos... E a verdade é que o seu miado adquiria, de momento para momento, uma expressão mais vehemente, querendo sem duvida significar alguma coisa mais que de costume e impondo-se á minha intelligencia, como se eu tivesse obrigação de o decifrar. De facto, entrei de repente a comprehendel-o. Era um miado ao mesmo tempo de queixume e de protesto. E dizia:

— Com que direito vieste tu, homem inconsiderado, homem violento, mais vaidoso da tua força que cioso do teu criterio, arrancar-me das unhas a presa que tanta astucia e trabalho me custara e tão legitimamente me pertencia? Por que razão te intrometteste, contrariando a lei universal e eterna, pela qual os gatos gosam a faculdade de caçar as rolas e as rolas estão sujeitas a dar o seu sangue e a sua carne para alimento dos gatos? Tu, creatura pretensamente superior e com prosapia de racional, commetteste um erro de baixa e crassa animalidade. Arrebataste o meu bem, espoliaste-me. E, a esse roubo, ignaramente juntaste um crime maior, que foi o de me não deixar saciar a fome. Com effeito, ando desesperado de fome. Historia banal. Os meus donos foram viajar, deixaram a casa fechada, apagada, deserta... Comecei a procurar a subsistencia nas outras casas. Pessoas e cães, era quem com mais furia me escorraçava; e os ratos em geral não andam cá por fóra... Quando um resto de comida se me deparava, sem cozinheira nem cachorro á vista, os meus olhos tinham a impressão dum milagre. Emagreci. Mil vezes perguntei ao Céo que mal eu fizera para assim soffrer e qual a razão cruel por que os passaros tinham azas... Até que, hoje, apanhei um. Nem tu imaginas a minha paciencia de caçador á espera, as precauções do meu avanço contra a ave já irrequieta, vibrando, espreitando na meia treva, presentindo obscuramente o ataque... Fizme todo de velludo, apaguei o clarão amarello dos olhos, agachei-me, desappareci... Finalmente, apanhei-o! Houve uma lucta, silenciosa da minha parte, porque era o vencedor, espalhafatosa e estridente da parte do vencido. E quando os meus dentes completavam a tarefa das unhas, appareces tu, de bengala alçada, para inutilizar toda a minha argucia, toda a minha destreza, todo o meu jubilo de triumphador, todo o meu direito á vida. Sinto nas entranhas os golpes despedaçantes da fome. Daqui a pouco, provavelmente, cahirei ahi a um canto de jardim. Eis a tua obra. Assassino! Assassino! Ass...

Não podendo ouvir mais corri á janella, atirei-lhe a *Revue Mondiale*, outros projecteis literarios, alli á mão. Vi a sombra malhada de claro despenhar-se, guindar-se depois ao muro, sumir-se na escuridão. Esta manhã, o meu primeiro cuidado foi visitar a rola enferma. Com a aza naquelle estado, tinha conseguido alcançar a janella de grade, fugir á protecção e ao carinho que eu tão sincera, tão espontaneamente lhe offerecera! Lograria voar para muito longe? Não cahiria nas garras daquelle mesmo ou doutro caçador nocturno? Mysterio. E depois? preguntarão os senhores. Onde quiz eu chegar? A moralidade de tudo isto? Mas, perdão, os senhores não têm direito de exigir nem preguntar coisa nenhuma, pois logo os preveni — fazem favor de se lembrar — de que isto não era uma fabula!

João Luso.

A CARTA DE LADY ROSSITER

Conto de John Anthony

O general sir Henrique Rossiter e sua esposa representam, no mais amplo e profundo sentido do termo, a "respeitabilidade" britannica. Lady Rossiter é talvez duma rigidez excessiva em materia de moral. Mas a sua elevada posição envolve naturalmente certas responsabilidades; e as precauções, por muito exageradas que pareçam, nunca realmente são de mais.

Basta olhar o general e sua esposa para se ter como impossivel a existencia de qualquer coisa de desairoso para elles ou para o resumido ambiente em que vivem. No emtanto, houve um dia em que a reputação de Maria Rossiter, o seu lar, a sua respeitabilidade — tudo isso oscillou, periclitou e por um tris não veiu abaixo.

Era então sir Henrique major e commandava, em Mainkwar, a guarnição mais afastada de Burma. A esposa contava vinte e seis annos. Logar sinistro para uma mulher moça ainda e sobretudo para uma mulher tão bella como Maria Rossiter... No horizonte esboçava-se a linha das serranias de Palkai e, para além, era a China, extranha e quasi desconhecida.

O idyllio havia começado achando-se o major, em goso de licença, na Inglaterra. Havia uma rara seducção nesse militar alto, secco, solido, esbelto e um verdadeiro encanto tambem nas narrativas que fazia daquelles paizes exoticos. Foi por effeito dessas qualidades primorosas que elle voltou para o seu posto casado, o que não deixou de causar certa surpreza. Ao verem, porém, Maria Rossiter, todos os homens concordaram em que o major mostrara ter bom gosto... Quanto ás senhoras, reservaram a sua opinião. Nunca se sabe... Muitas vezes a belleza tem os seus inconvenientes e perigos... O melhor é esperar.

Com o tempo, porém, as proprias damas aprovaram sem restricções o casamento do major. Decididamente, Maria não tinha defeitos. As suas maneiras eram correctas, irreprehensivel o seu trato. E nenhum homem lhe despertava interesse ou curiosidade em que pudesse haver desvio dos seus deveres de esposa.

Como sempre acontece na India, todos os officiaes, apaixonados por ella, suspiravam ao seu redor. Mas suspiravam em vão. E isso chegava ás vezes a divertir o major, que bem sabia a mulher que tinha e como nella podia confiar.

De repente, entrou em scena Christopherson. Veiu substituir um tenente que voltara, doente, para a Inglaterra. Não era um official vulgar, esse Christopherson. Entre outras qualidades tinha a de fazer versos, coisa bem pouco commum entre militares. Era alto e moreno, com olhos intensamente negros. Dizia-se que pertencia á familia dos Rutland Christopherson, gente, como os senhores sabem, bastante notoria — embora não no melhor sentido. Em todo o caso, Christopherson podia ser considerado um cavalheiro. Afinal, isso de versos não depõe contra ninguem. E o major Rossiter tinha em excellente conta as suas qualidades de militar.

O primeiro encontro de Maria com Christopherson deu-se por occasião de um jantar, no bungalow dos Rossiter. Foi o proprio marido que os apresentou. Um momento, o olhar de Maria se fitou no official — mas afastou-se, antes de terminadas as palavras sacramentaes dos dois apresentados.

Durante o jantar, o tenente conservou-se calado. Depois que elle se retirou, o major de-

clarou á esposa que o achava pouco intelligente. Maria calou a sua opinião. Com os outros officiaes, nem um só momento ella deixara de se sentir segura de si e por conseguinte superior a elles. Com Christopherson, porém, dava-se coisa bem differente. Dos dois, o mais calmo e seguro parecia ser elle.

Poucas semanas depois, as damas cochichavam. As murmurações nascem e desenvolvem-se rapidamente nessas longinquas guarnições da India. Talvez uma questão de clima. Christopherson não mostrava interessar-se por mulher alguma. Era uma falta de tacto que forçosamente havia de chamar a attenção.

Christopherson lia versos a Maria. Ora, na India, nunca os officiaes lêem versos á esposa do commandante. Era esquisito. E ella gostava não só dos versos como da voz do recitador, na verdade agradavel. Mas Christopherson não lia versos ás outras damas, entre as quaes algumas havia sinceramente admiradoras da poesia e que por conseguinte o ouviriam com perfeita attenção...

Todos esperavam a crise, considerando-a inevitavel, a não ser que Christopherson fosse transferido para outra guarnição. E pelos modos a unica pessoa a ignorar o que se estava passando era o major.

No emtanto, a crise tinha realmente passado. Deu-se esse desfecho por um delicioso anoitecer, voltando a sra. Rossiter e Christopherson dum passeio a cavallo. Os animaes caminhavam a par. A brisa da tardinha attenuava providencialmente o calor do dia. O horizonte tingia-se de ouro desmaiado. Morrera o bulicio do dia e reinava nos ares uma grande serenidade.

Durante alguns minutos os dois se conservaram em silencio. Mas os seus olhares cruzaram-se e o official murmurou:

— Maria...

— Não! exclamou ella com vehemencia, certa de que o companheiro lhe adivinhara o pensamento.

— Precisamos de fallar, dizer-nos tudo. Não podemos continuar assim. A verdade é que nos amamos. Nunca eu lhe dirigi uma palavra de amor, mas...

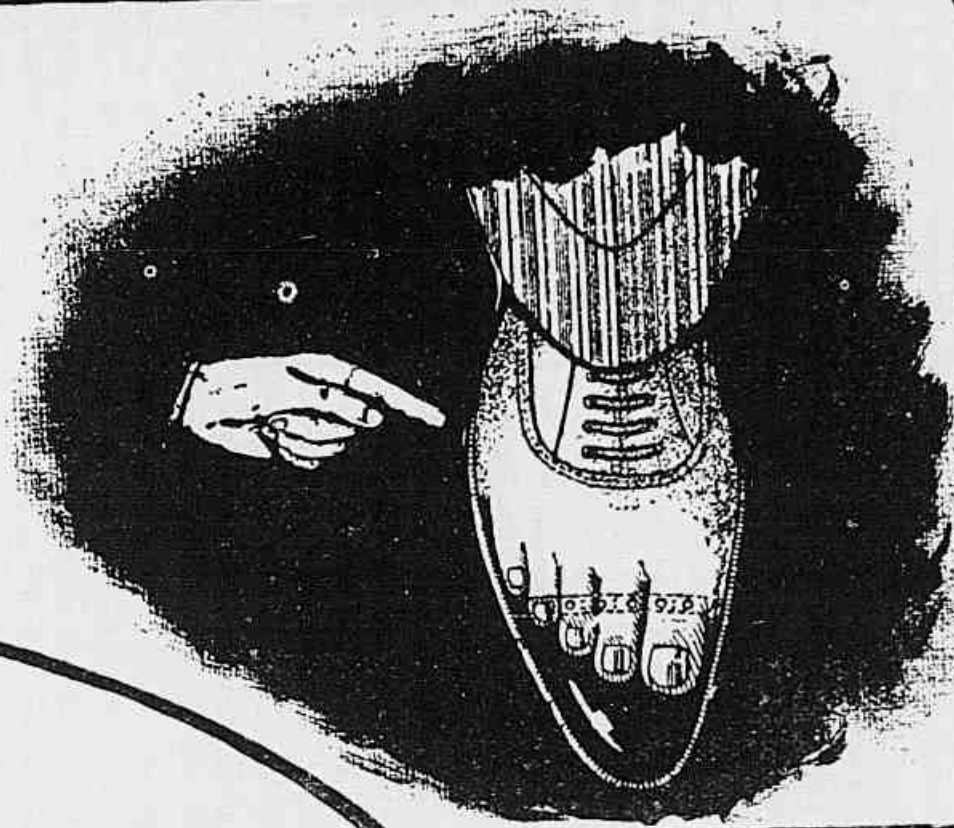
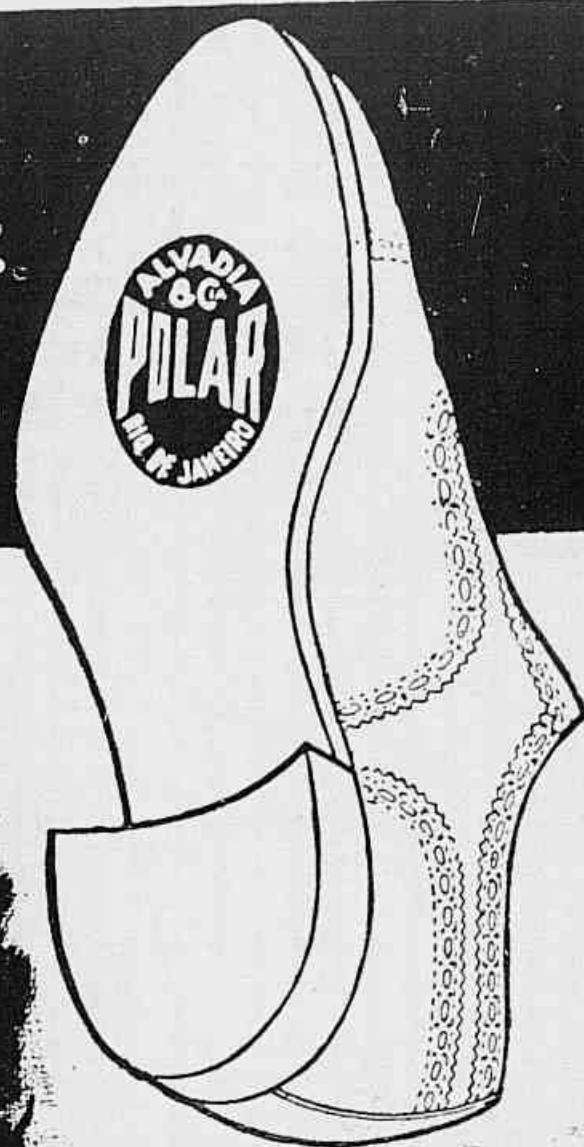
— Nem tinha tal direito, sr. Christopherson!

— Não é, porém, exacto o que acabo de dizer, Maria?

— E' uma loucura.

— Talvez. Mas não a podemos evitar. Ha coisas superiores á nossa vontade...

— Não só podemos como devemos evitar. Sou uma senhora casada.

— Quero-lhe mais que á vida! exclamou com ardor o official, apoiando a mão no hombro de lady Rossiter.

— Senhor! — Maria sofreou o cavallo e, com os olhos bem fitos nos de Christopherson que lhe imitara o movimento, disse: — Não deve tornar a fallar-me nisto.

— Reconhece ao menos a verdade das minhas palavras?

— Não reconheço coisa alguma.

— Viverá então nessa mentira?

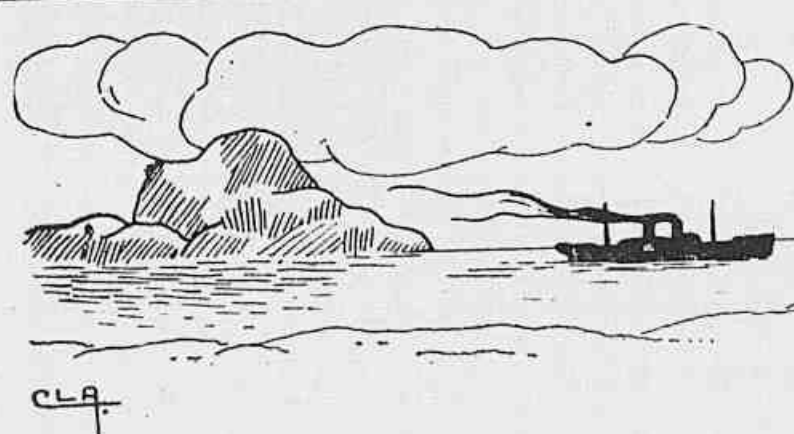
— Ha outras coisas na vida, além do amor. Ha outras affeições. E ha o dever!

Christopherson sorriu:

— Para quem ama, só ha o amor.

— Não, não! protestou Maria, num tom singular, que se diria de desalento.

E tocou com energia o cavallo, que entrou a galopar, como numa fuga. Christopherson não tentou alcançal-a. Maria tomou a direcção de casa e, uma vez no seu quarto, atirou-se, em pranto desfeito, sobre a cama. Seria temerario affirmar a razão por que ella chorava... Talvez por causa da altivez e firmeza de Christopherson, talvez por reconhecer que elle dissera a verdade...

Fosse como fosse, Maria evitou, nessa noite, ficar a sós com Christopherson. Demais a mais, o marido mostrava-se preoccupado. Ella o notou, apenas se sentaram á meza. Chegou a admittir um momento que Rossiter desconfiasse dalguma coisa... Não havia, porém, motivo para elle desconfiar. Algumas palavras trocadas em pleno campo... Nada, em summa... a não ser em pensamento.

Casamento do sr. Hernani de Magalhães Pacheco com a senhorita Dulcinéa Rossi Marques, effectuado n'esta capital, no dia 10 do mez passado.

— Estou triste, Maria... disse o major — Temos que partir para as serras esta noite. Houve novos assaltos no valle de Thunsa. Aquelles bandidos precisam duma lição. Quinta-feira estarei de volta. Não te assustes. Levo Christopherson, Wembly e cincoenta soldados.

— Mas haverá perigo?

— Nenhum, creio eu.

Maria ficou calada.

Depois de jantar, resolveu escrever a Christopherson. Tomou a penna e começou. Não queria que elle tornasse a fallar-lhe de amor. Não lh'o toleraria. Talvez elle julgasse que ella assim procedia justamente porque o amava. Tal, porém, não era a verdade. E assignou a carta: "Maria".

Não podia deixal-o ir, talvez a caminho da morte, sem lhe dizer que era uma esposa fiel... Reflectia assim, com a carta na mão, quando ouviu os passos do marido. Entregou apressadamente a carta a um criado, para que a levasse ao seu destino.

Os homens partiram para as serras e as mulheres ficaram á espera de os ver voltar. Pela primeira vez Maria passava por esse transe e toda ella era ansiedade. E as outras mulheres, acostumadas a ver partir os maridos para a guerra, preguntavam-se a si mesmas e umas ás outras qual seria a causa da ansiedade de Maria...

Chegou emfim a noticia do regresso da força. Tinha havido victimas na operação. Toda a população se alarmou. Mas a dama que esperava á porta do bungalow de Rossiter parecia serena...

O major apeou-se, correu a ella, beijou-a ternamente.

— Pareces um tanto assustada, Maria... disse elle — E, realmente, trago más noticias. O pobre Christopherson lá ficou.

— Morto?

O major meneou affirmativamente a cabeça.

— Vocês eram bons amigos... Sinto a sua morte tambem por ti. Emfim, a nossa vida é esta. Vou escrever á familia do pobre rapaz e mandar-lhe os objectos que se lhe encontraram nos bolsos.

O coração de Maria bateu com violencia. Os seus bellos olhos encheram-se de temor. A carta! Tel-a-hia visto o marido? Leval-a-hia Christopherson comsigo? Queria se lembrar exactamente dos termos da carta, não podia. E parecia-lhe que toda a casa andava á roda...

— Trazia no bolso de dentro uma carta... proseguiu o major, naturalmente. — Uma carta da irmã... Pobre rapaz!

Maria deixou-se cahir numa poltrona.

— Emfim, ossos do officio! concluiu Rossiter que se aproximou, lhe acariciou affectuosamente a face e se dirigiu ao seu quarto, para mudar de roupa.

Uma vez, porém, no quarto, o que elle fez antes de mais nada foi tirar do bolso uma carta e lel-a. Leu-a, releu-a. E depois, vagarosamente, rasgou-a em pedacinhos.

O CINEMA E A MUSICA

Nem toda a gente sabe que ha uma razão importante para que todos os cinematographos tenham a sua orchestra. E' que a musica auxilia poderosamente a vista e com ella se apreciam muito melhor as projecções. Poderá ter a prova disso quem, no cinematographo, tapar os ouvidos. Immediatamente a impressão visual fica prejudicada.

A sciencia conhece ha muito tempo essa relação intima entre a vista e o ouvido. Elles se ajudam mutuamente. Os empresarios cinematographicos podem não saber disso, mas sabem que, sem musica, as suas salas teriam muito menor concorrencia.

Quando uma pessoa não pode, a certa distancia, ler um letreiro, algumas notas agudas de violino lhe facilitam a visão. E ao contrario, se não conseguirmos perceber alguns sons, por demasiado debeis, talvez um objecto de cores vivas agitado diante de nós nos faça ouvir os mesmos sons perfeitamente.

O AMOR DOS VELHOS LIVROS

O dr. Rosembach, de Philadelphia, que já comprára, em Inglaterra, mais de 5 milhões de dollares de livros antigos, acaba de adquirir dois volumes rarissimos de Shakespeare, pela quantia de 20.000 dollares (cerca de 140 contos de réis) cada um.

Esses dois volumes contêm a Historia de Henrique IV *e a segunda parte de* Henrique IV. *Só se conhecem tres exemplares dessa edição original, datados de 1604, e dois dos quaes não estão em perfeito estado.*

Outro amador adquiriu por 36.000 dollares (cerca de 250 contos) o manuscripto dos primeiros versos de Milton. Acredita-se que esse documento date de 1623. Foi encontrado em 1921 pelo professor Hugh Cauley.

A ARTISTA E O TOUREIRO

Pastora Imperio, a bella gitana que actualmente se faz admirar em Paris, depois de enormes triumphos no seu paiz e nas tres Americas, é heroina dum caso passional que vem nos ultimos jornaes francezes, como a historia do dia.

A famosa tonadillera tinha desposado um toureiro e o casal vivia perfeitamente ditoso. Mas o "matador" menos feliz que de costume em algumas touradas successivas, entrou a scismar — os toureiros são individuos cheios de superstições — se a ventura conjugal lhe não estaria prejudicando a sorte na arena. O terror manifestado pelo marido chegou aos ouvidos da esposa e os dois conjuges que se adoravam resolveram separar-se.

Uma vez afastado das delicias do lar, passaria o toureiro a ter mais sorte na lide? Não o diz a historieta. Se, porém, ella é verdadeira, prova da parte da artista formosissima uma dedicação, uma abnegação que deve ser admirada.

O RECORDMAN DOS OVOS

Os estudantes de Cambridge apreciam com espe-

cial enthusiasmo os concursos de velocidade ou presteza. Em cada estação elles organizam novos provas nesse sentido, cada vez mais sensacionaes e pittorescas.

Um dos concursos por assim dizer classicos entre elles é o dos ovos. Numa festa realizada o mez passado, o sr. Ansoll conseguiu comer, dentro dum quarto de hora, 36 ovos e depois ingeriu mais 26 em 12 minutos. As duas provas separaram-se apenas por dez minutos de intervallo. E o heroe de tal record foi carregado em triumpho pelos seus condiscipulos e recebeu felicitações até de varios lentes da Universidade.

E então? Cada um é recordman do que pode...

A COLLINA ESCAMOTEADA

Esta "collina escamoteada" é, nem mais nem menos, o nosso morro do Castello, a cujo arrasamento o Figaro se refere nestes termos.

"Acaba de se realizar no Rio de Janeiro, com milagrosa rapidez, um trabalho gigantesco.

O morro do Castello, collina sobre a qual se erguiam 400 velhas casas, um convento e um observatorio, desappareceu em algumas semanas e foi substituido por uma bella superficie plana, na qual se construirão agora edificios de estylo moderno.

Para retirar os milhões de metros cubicos de terra que a collina representava, empregaram os engenheiros possantes machinas pneumaticas, accionadas por motores electricos".

Em algumas semanas... Assim se escreve a Historia... na Imprensa.

A AMBIÇÃO DE JACKIE COOGAN

Diversas autoridades sustentam que um moço de dezeseis annos — a edade em que, no entender do famoso actor e director theatral norte-americano David Belasco, o celebre Jackie Coogan poderá desempenhar o papel mais difficil do theatro de Shakespeare — não pode interpretar o Hamlet, ao passo que outras autoridades affirmam ser justamente aquella a edade do principe da Dinamarca.

Entre os que discordam desta opinião estão miss Mona Morgan, presidente da Shakespearean Federation, e o dr. Henry Meade Bland, do State College, de S. José, os quaes citam uma passagem da tragedia em que Hamlet pregunta ao coveiro ha quanto tempo desempenha elle aquellas funcções e o coveiro responde que "desde que nasceu o principe Hamlet" e, pouco adiante, accrescenta "ha trinta annos".

A verdade é que representar o Hamlet se tornou a grande ambição do "astro" a quem o cinema proporcionou gloria e fortuna verdadeiramente invejaveis.

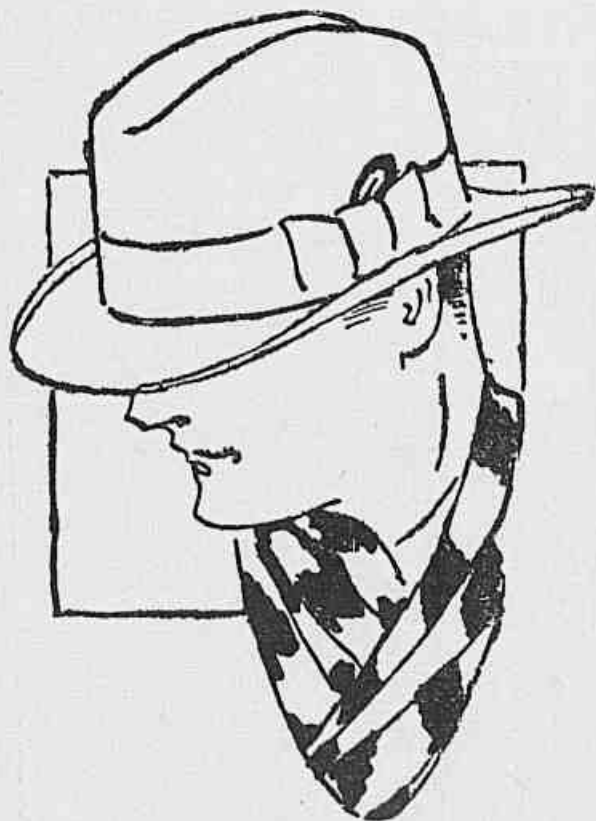
PENSAMENTO

Ha mais valor social n'um impulso do coração que n'um calculo do espirito.

A «REVISTA» EM PORTUGAL — Um baile infantil, á phantasia, em Valença do Minho, vendo-se no gracioso grupo encantadoras creanças filhas das mais importantes familias da historica e pittoresca praça de guerra do norte de Portugal.

CHAPEUS

Contrariamente a todo o credo popular, não ha nenhum estylo em um chapeu de feltro sujo. Os chapeus de feltro enxovalhados costumam ser muito usados pelos rapazes das universidades, que os usam o anno inteiro, e servem para excursões atravez das montanhas e das planicies.

Muito bem, isso foi em outros tempos, e ainda hoje, como se disse, nas Universidades. Mal tal ideal desapparece lentamente.

O chapeu de feltro velho e enxovalhado póde ser usado em acampamentos ao ar livre, ou em raids pedestres, mas nunca na vida commum de negocios e na vida elegante.

Por melhores roupas que se tenha, se a pessoa usar um chapeu de feltro velho o effeito estará todo perdido.

Constitue por assim dizer um crime de lesa-elegancia.

Assim que o chapeu começar a apresentar signaes de velhice precoce, ou um pouco antes, deve-se laval-o e reformal-o. Assim elle será conservado por muito tempo.

A mudança da fita do chapeu é uma pequena operação que proporciona muito gosto, e que serve para rejuvenescer o mesmo.

Convem se tenha, porém, a precaução de não pôr uma fita nova e reluzente em um chapeu velhissimo. Será a emenda peior do que o soneto.

Outra coisa muito importante quando se usar um chapeu novo: é preciso que a pessoa vá immediatamente (ou antes) ao barbeiro para cortar o cabello.

Para se conservar um chapeu de feltro não ha nada como escoval-o logo depois de ser usado e em seguida collocal-o no guarda-casacas afim de protegel-o da acção do sol e do tempo em geral.

O PAPEL DO SMOKING

Como chronista de modas masculinas, não posso deixar de frisar aqui o papel que o smoking desempenha na existencia de um homem que se preza de bem vestido.

Ninguem pode deixar de possuir um smoking no seu guarda-casacas.

E' essencial, a não ser que se trate de uma creatura inteiramente anti-sociavel. Mas esses typos são excepcionaes.

Não ha motivo nenhum que impida um cavalheiro de ir a uma festa ou um baile de vez em quando. E nestas circumstancias, elle terá forçosamente de fazer figura com o smoking.

E' regra, que não ha que fugir.

O unico meio que ha para se evitar o vestir smoking consiste em riscar totalmente da sua vida a convivencia com gente fina e a abstenção completa de festas, sejam ellas de que caracter forem.

Quando se tiver, porém, de ir a essas festas, convem se vá bem trajado. Dado, porém, que as festas não sejam a rigor, então a pessoa poderá ir de terno azul escuro ou preto, mas bem composto e muito elegante.

O smoking é talvez o traje mais sobrio e mais distincto que um homem póde envergar. Depois fica muito bem em qualquer homem, comtanto que seja bem feito e bem vestido.

O smoking é tão necessario a um homem como por exemplo um terno azul escuro de paletó sacco.

Convem que se tenha gravada no espirito esta regra importante.

Peter Greig.

(Serviço do Blue Features Syndicates Inc.)

Photographia tirada no acto da entrega dos novos automoveis BUICK de 7 logares comprados pela Cia. de Transporte e Carruagens para o serviço da sua distincta clientela, tomada em frente á Garage Gloria, rua do Cattete 88, de propriedade daquella Companhia.

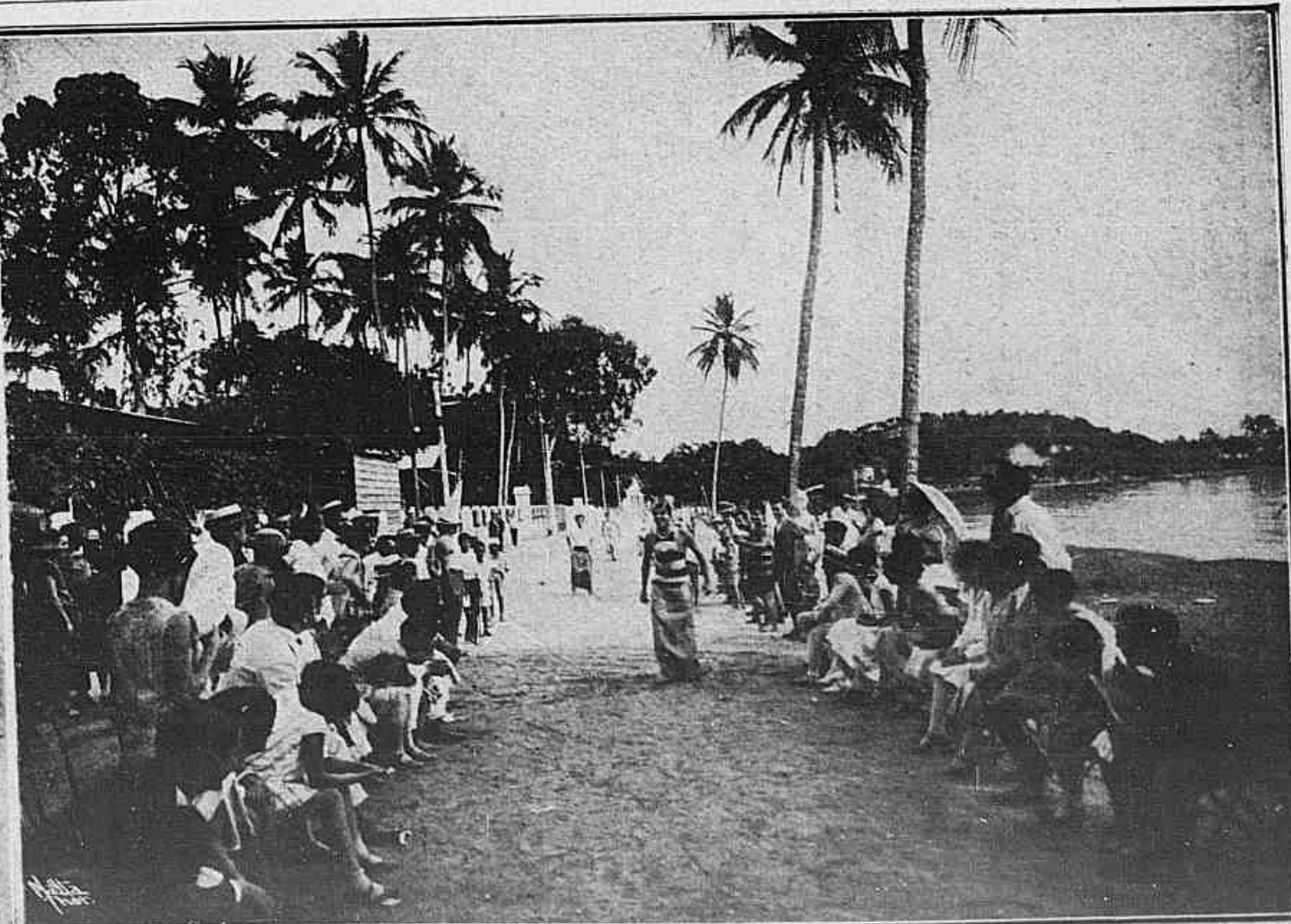
O THEATRO JAPONEZ

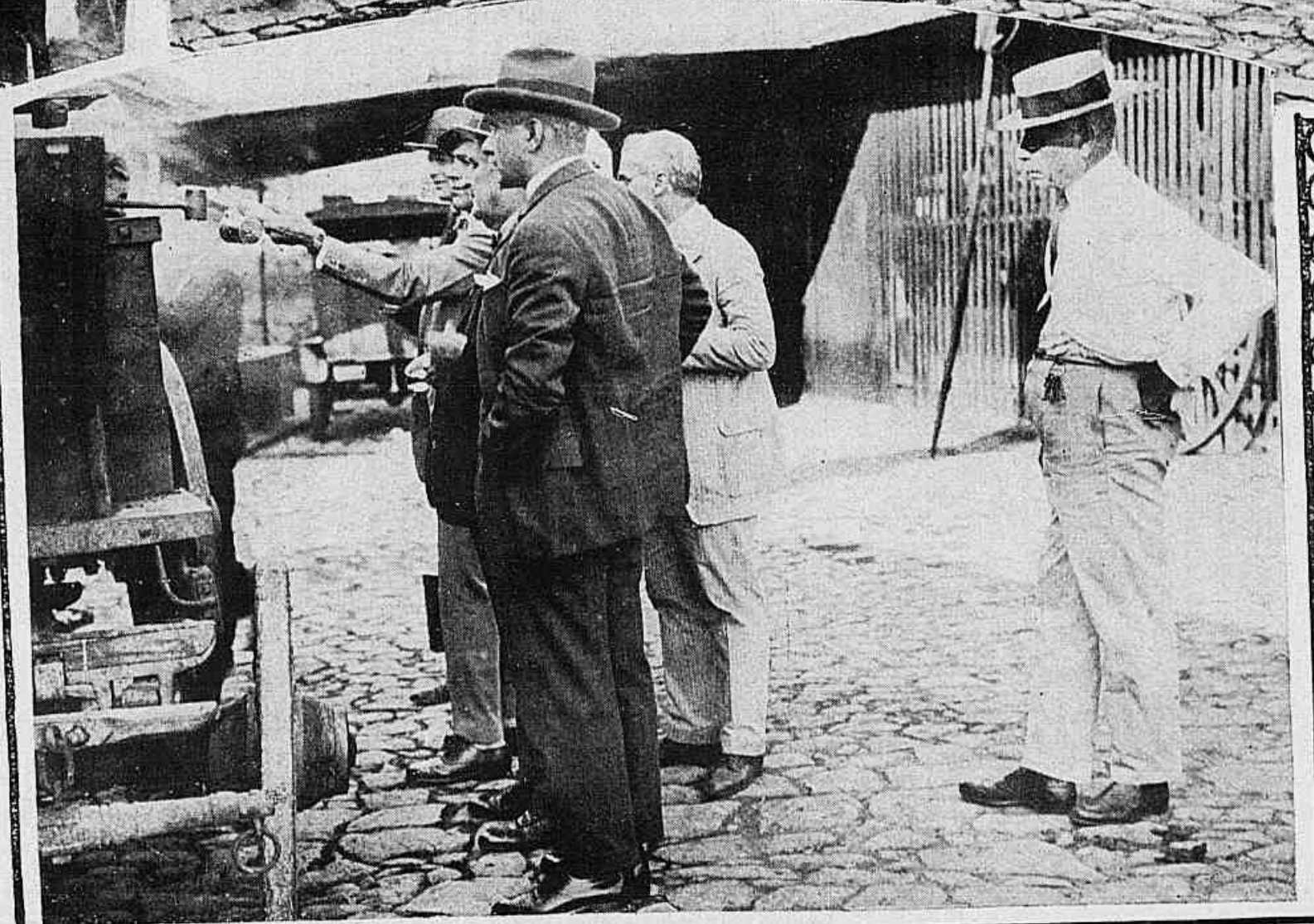
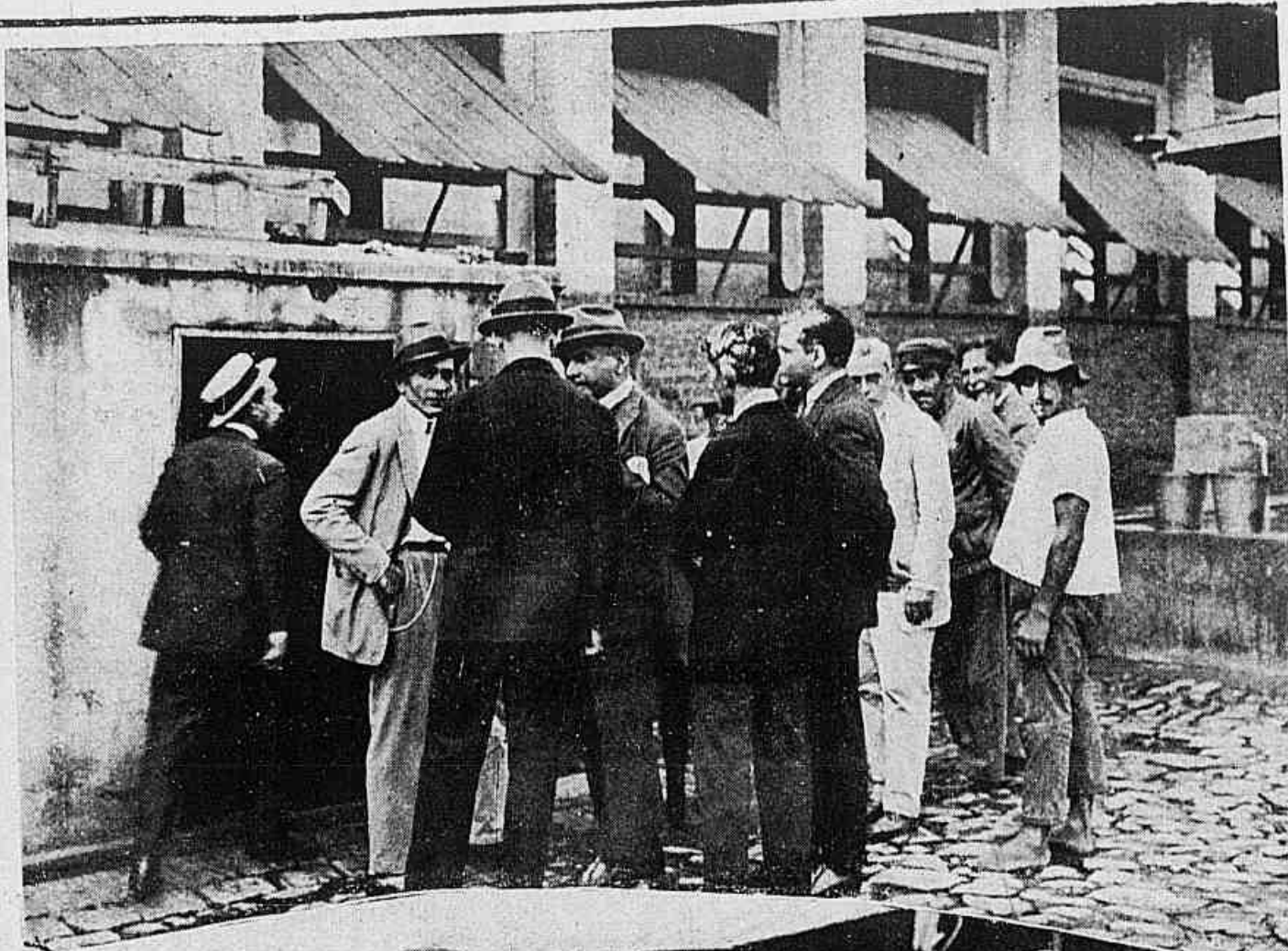
O Japão, paiz tão adeantado em todos os dominios da actividade humana — diz o sr. A. Reader num artigo recentemente publicado — mostra-se, no tocante á arte dramatica, refractario a toda e qualquer modificação dos moldes tradicionaes.

Numerosas tentativas se fizeram em fins do seculo passado para reformar a scena japoneza. Todas ellas visavam a applicação das praticas dos theatros do Occidente á arte dramatica japoneza, tão atrazada. A resistencia opposta pela massa do publico japonez foi, porém, tão vasta e tão energica que os reformadores não tiveram remedio senão desistir.

Entre os paladinos da tendencia renovadora, deve-se citar a artista Marita Kanya, seguida pela famosa Sada Yakko.

Depois de todos esses insuccessos a arte theatral japoneza voltou ás suas tres fórmas tradicionaes: o No *ou drama classico, com as suas figuras em* travesti; *o* Ningys-Sibai, *ou theatro de* marionettes, *que interpreta drama fantasticos complicados ; e o* Kabuky, *theatro popular, com um pessoal exclusivamente masculino que é, ao mesmo tempo, autor e creador da peça.*

A photographia acima representa o tumulo do operoso industrial sr. Henrique Schayé, rodeado de sua exma. familia, parentes e amigos, por occasião da tocante homenagem prestada pela data do seu anniversario natalicio.

Pic-nic que teve logar na Ilha de Paquetá organizado pelos empregados da conhecida casa Lopes Fernandes, da Avenida Rio Branco.

EXPERIENCIAS NA INSPECTORIA DE PROPHILAXIA DA SAUDE PUBLICA DO INSECTICIDA FLY-TOX

Na Inspectoria dos Serviços de Phophylaxla, á Praça da Bandeira, e com a presença de distinctos medicos, realizaram-se no dia 28 de Abril experiencias do exterminador de insectos *Bichocida Fly Fox* sendo maravilhosos os resultados, obtidos, pois que não só ficou comprovado, que extermina baratas, mosquitos, moscas e todos os mais insectos, mas, ainda, todos os seus germes ou lavras.

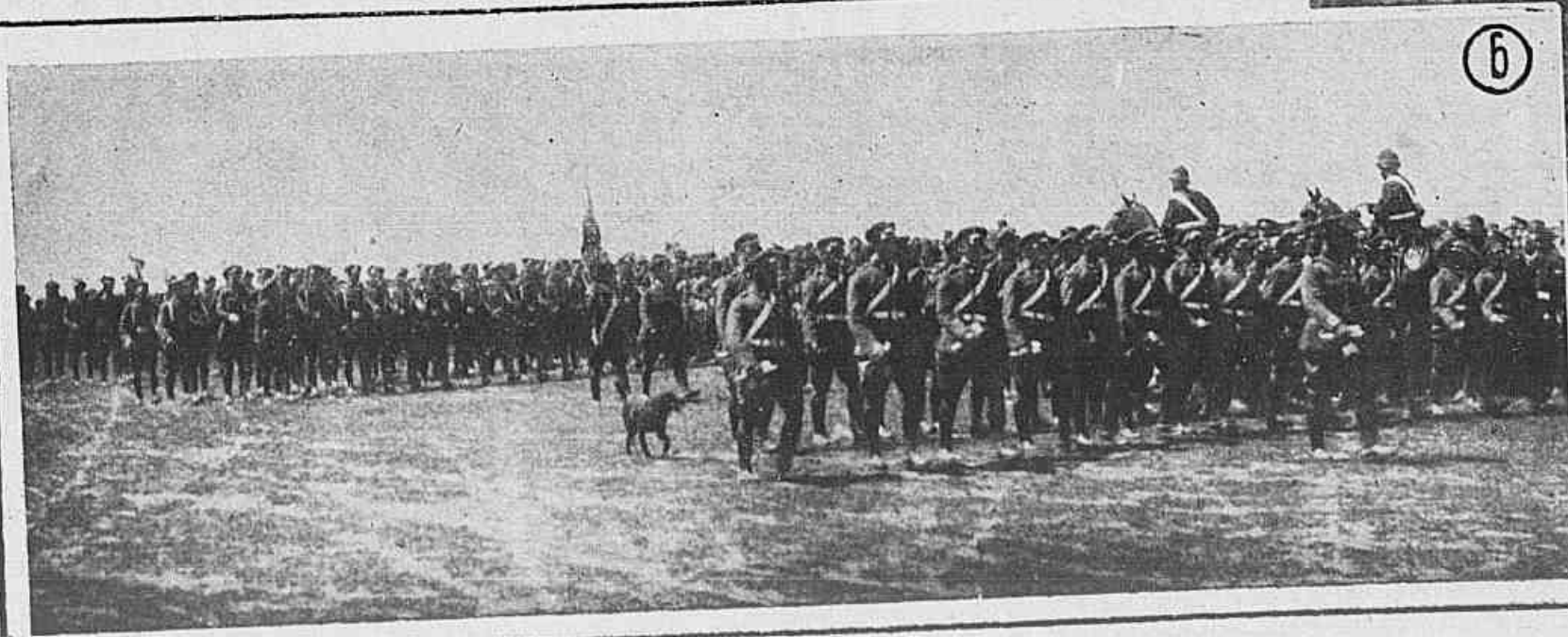
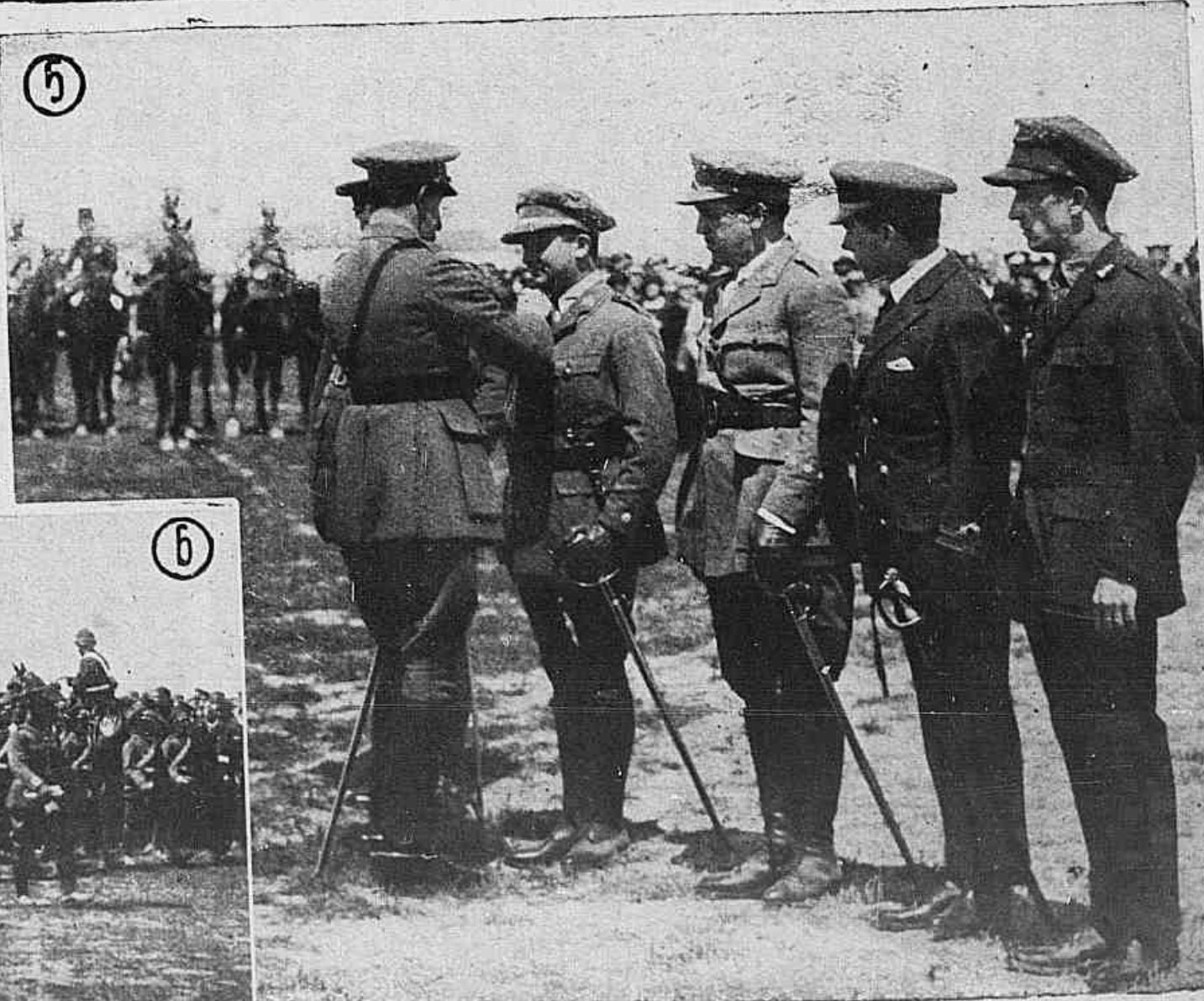
A' applicação do pulverisador, immediatamente se reconheceu a benefica influencia dos seus effeitos.

Não ha duvida que estamos em frente duma providencial descoberta que tão prodigiosos resultados pode trazer á saude publica, quando divulgada e generalisada. Esta experiencia official veio consagrar entre nós esse producto que já gosa nos principaes paizes do mundo dum extraordinario prestigio e duma larga divulgação.

Em pouco tempo não haverá lar que não tenha o seu *Bichocida* e, dessa forma, se evitarão muitas doenças e, até, muitas epidemias.

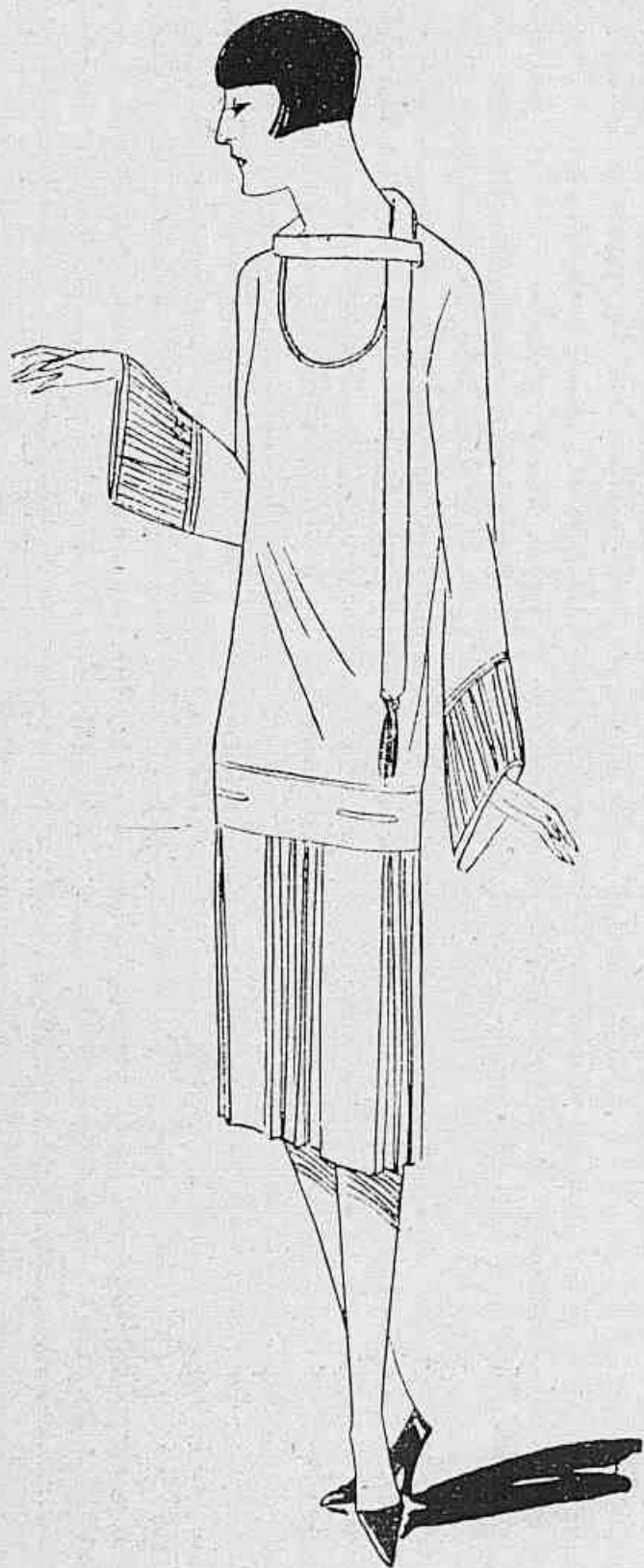
As gravuras que vão nesta pagina foram tiradas na occasião das experiencias feitas, a que acima nos referimos, e nas quaes se observaram os resultados admiraveis e as excellencias prodigiosas do incomparavel insecticida.

O QUE VAE PELA HESPANHA

1 — Na igreja basilica da Virgem Milagrosa, durante a
grande solemnidade da entrega a S. S. M. M. os Reis da
Hespanha dos titulos de presidentes honorarios das *Associa-*
ções da Milagrosa. A photographia mostra o momento da
entrega dos titulos ao Rei Affonso XIII e á Rainha Victoria
2 — O Rei impõe a Gran-Cruz de San Fernando ao general
Primo de Rivera. 3 — Interessante momento em que S. M.
o Rei abraça o mechanico Rada, depois de lhe haver imposto
a medalha Aerea. 4 — Ramon Franco conversando com a
commissão de marinheiros argentinos, que foram á Hespanha
assistir á significativa festa militar em *Cuatro Vientos*. 5 —
S. M. o Rei impõe a primeira medalha *Plus Ultra* ao com-
mandante Franco. 6 — As forças que assistiram ao acto em
Cuatro Vientos desfilam deante da tribuna real.

Abril de 1926.

VESTIDOS DE CIDADE E SMOKING

As férias de Paschoa estão quasi terminadas. Fugitivas, têm ellas o encanto das coisas que não possuimos por completo; aspiramol-as como um bouquet depressa murcho; é a treva da primavera. Para estas curtas férias, arvoraram as senhoras novos vestidos. E' preciso reconhecer que nos adaptamos com rapidez ás mudanças de estação; embuçadas hontem ainda nos manteaux de pelles, eis-nos subitamente vestidas de toilettes leves e de côr clara.

Estes dias de sol permittiram ás senhoras sahirem em corpo. Noticiámos já o successo do vestido duas peças composto de sweater e da saia plissada; é elle gracioso e pratico mas desprovido da grande elegancia indispensavel ás toilettes *habillées*.

Vestido de *kashinette vieux bleu*, ornado de pespontos e plissés.

Os grandes costureiros lançaram o vestido de uma peça com effeito de bolero ou de tunica; este modelo, que nós vimos já na Riviera, dá o aspecto de dois vestidos num só. Pode assim dispensar-se o manteau e pôr simplesmente sobre os hombros uma bella rapoza ou uma estola de vison. Este genero é novo e de uma correcção mais senhoril que o do sweater ou do jumper.

Tudo deve ser cuidadosamente estudado nestes vestidos: o tecido, a forma e a côr. O kasha, o jersey, o drapella, o propalga são inteiramente indicados. A côr desempenha tambem um papel importante; a alta costura fez vestidos escuros, alegrados por enfeites de plastrons e de canhões. Assim, um modelo azul marinha, guarnecido de um plastron em crepe plissado azul pervinca ou preto com plastron rosa-dragée. A linha continua direita sem por isso deixar de apresentar uma certa amplitude obtida por meio de grupos de pregas ou por um volante em forma. Uma ideia original é a de guarnecer a saia com triangulos incrustados em fita do mesmo tecido em tom mais escuro; é uma decoração inteiramente moderna, visto a tendencia actual ser para as linhas quebradas ou curvas. As guarnições devem ser tambem muito estudadas conservando todavia uma grande sobriedade. As mangas são compridas, alargando por vezes a partir do cotovello; a golla-écharpe cujas duas pontas fluctuantes formam na frente um nó de gravata, veste muito a *silhouette*. Como estes modelos são para usar na rua, não será correcto que sejam muito decotados.

Ultimos modelos apresentados em Auteuil.

Em summa, o vestido de cidade simplifica-se; combina-se de uma maneira menos severa que outr'ora; a elegancia moderna evita a afectação, guardando uma certa liberdade.

O tailleur austero vê-se mais raramente que nas estações passadas, ainda que este genero convenha particularmente a certas silhouettes. Os costureiros ao crear seus modelos pensam demasiado nas senhoras esguias; as modas para aquellas que, não obstante os regimens conservam ainda uns restos de gordura seriam tambem necessarias. O *smoking*, lançado já ha algumas semanas, vae-lhes muito bem. Este nome "smoking" escandalizou as senhoras rasoaveis porque julgaram que lh'o impunham como trajo de soirée e ellas não querem renunciar aos lindos vestidos amplos de côr clara para se vestirem de lan preta. Foi uma falsa interpretação: os costureiros quizeram apenas lançar um tailleur original.

Vestido de musselina azul pastel e azul marinha.

O smoking é um pequeno casaco direito em tecido de lan que veste sobre uma saia estreita. Fazem-se tambem smokings mais *habillés* em setim preto abrindo sobre um collete de setim branco e acompanhados de uma saia de setim preto.

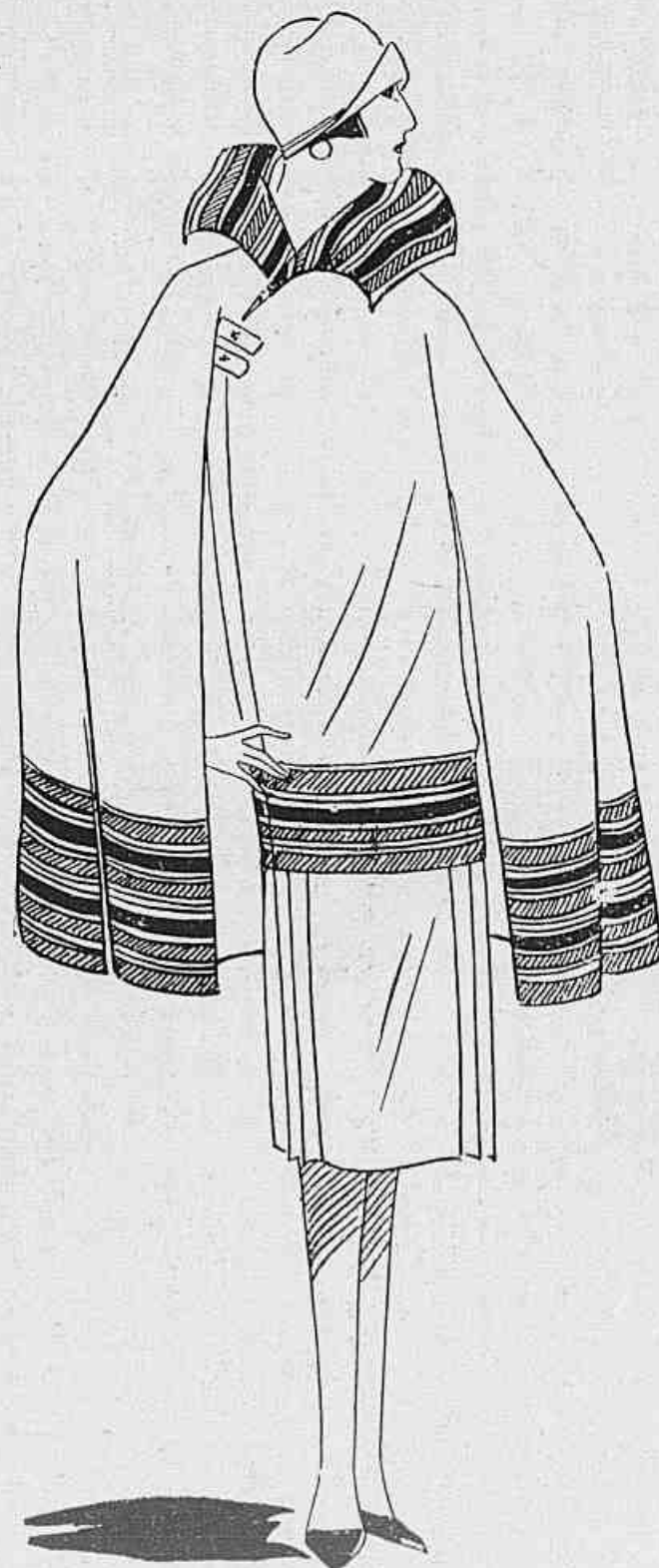
Em resumo, o smoking provocou bem inutilmente uma revolução na moda; e afinal elle não nos conduz, como a principio temiamos, para uma silhouette masculina — é simplesmente um tailleur de forma um pouco mais phantasista que os outros.

A. D'ENERY.

(Serviço especial do *Consortium de Presse*).

Gravata de crepe estampado multicor.

Bolsa de gamo de dois tons, com iniciaes de prata. Bolsa de crocodilo e couro liso. Bolsa de couro vermelho com applicações de prata e galatithe.

Manga enfeitada de fitas.

Para viagem, este manteau em forma de capa em tecido encorpado beige liso guarnecido de tecido raiado marron, beige, côr de tabaco e abricot.

De ha vinte annos para cá, não ha noticia de haverem subido tanto as aguas do S. Francisco. Banhando Minas, Bahia, Alagôas e Sergipe, o grande rio lançou, com suas aguas enormemente avolumadas pela cheia, a desgraça por sobre o solo dos quatro Estados, numa indomavel devastação. Damos nesta pagina aspectos da cheia do baixo S. Francisco, na cidade sergipana de Propriá, diante da villa alagoana do Collegio.

1 — Aspecto parcial da rua da Frente, em Propriá, onde se acha localisado o commercio. Vê-se á direita um grupo tirado sobre a casa submersa da bomba que serve á usina electrica da cidade. 2 — Aspecto do mesmo trecho da rua da Frente em época normal, vendo-se o S. Francisco no seu nivel costumeiro. Essa gravura foi feita em um dia da feira semanal de Propriá. 3 — Outro trecho da rua da Frente debaixo dagua. As aguas que invadiram as casas chegaram a altura superior a metro e meio. 4 — Alguns dos 150 casebres mandados erguer pela intendencia de Propriá para abrigo das victimas da cheia. Vê-se assignalado na gravura o secretario da Intendencia, sr. José da Rocha. 5 — Vista parcial da cidade inundada, bairro de cima, vendo-se a avenida Tavares de Lyra coberta dagua. Ao fundo, a faixa de territorio alagoano e de permeio o S. Francisco.

A immortalidade de autores e de obras depende não raro das sociedades por elles copiadas ou das agitações publicas por ellas symbolisadas. N'este ultimo caso, entre nós, figura Castro Alves cujo pedestal de gloria é o abolicionismo no segundo reinado.

Os grandes problemas sociaes e o do elemento servil trabalharam as entranhas do mundo decadas sobre decadas. São as vagas colossaes de empinar corôado pela espuma, em sentido figurado os rasgos de genio ou de philantropia.

Ninguem deve esquecer quanto odio e quanto sangue, vermelhos ambos, despertou e verteu nos Estados Unidos a escravidão, mantendo até hoje um dos exemplos de democracia universal os mais humilhantes preconceitos de raça.

Pela victoria da causa abolicionista norte-americana fez tanto e melhor do que as armas um livro: "A cabana de Pae Thomaz", filho do coração e da penna de mulher cujo nome os seculos ficaram encarregados de guardar: Miss Harriet Beecher Stowe.

Contam os Estados Unidos escriptores de applauso em todo o universo: um Fenimore Cooper, do qual tanto se approximou o nosso Alencar; Longfellow, o poeta bemdito da "Evangelina"; Edgar Poe, o maldito do "Corvo" cuja vida em apellos da ventura tiveram por echo o tão famoso *never more*.

A caridade emmoldura a memoria de miss Stowe e não é demais lembral-a agora, no transcorrer de mais um anniversario, o trigesimo oitavo, da decretação da Lei Aurea. Coincide com o movimento em pról da execução de monumento á Mãe Preta, isto é áquella que por tanto tempo alimentou gerações brasileiras, sacrificando muitas vezes o fructo do proprio ventre.

A escravidão entre nós tem duas paginas: a pagina rubra, do mal querer, da vingança, do feitiço, do assassinato em represalia, do homicidio por maldade, e a pagina branca, a da dedicação, a do participar das alegrias e dos lutos da familia, a da identificação com ella nas molestias e nos infortunios, nos dias de sol ou de sombra, nas horas de céo limpo ou de nuvens.

Como em toda a parte, frizemos bem, e talvez menos que em toda a parte, frizemos ainda mais, a escravidão no Brasil foi de um lado perversidade, do outro altruismo.

Casas e casos houve em que a nobreza de sentimentos se manifestou em toda a plenitude por parte de escravisados.

A muitos chamavam as donas do lar e davam-lhes as cartas de alforria, recusadas com brandura por aquelles que não podiam nem queriam a liberdade da qual já gozavam sem titulo, cercados de regalias no seio familiar por longa tradição de serviços tanto mais meritorios quanto desconhecidos.

"Que é isso, nhanhã?" perguntavam á vista das cartas de alforria. "A tua carta de liberdade". "Pr'a que?" E ficavam na interrogação, e as cartas iam amarellecer nas pastas, muitas d'ellas rasgadas tempos depois, reconhecidas inuteis pelos maiores interessados.

N'uma familia do segundo reinado vivia um preto escravo, Thomaz Benedicto, o symbolo da meiguice alliada á bondade e á intelligencia.

Vira casarem-se os maiores da casa, criarem-se os descendentes e os descendentes d'estes.

Servira os mais velhos no ramerrão caseiro e nas contingencias da vida; conduzira os mais moços ao collegio; assistira-lhes aos exames publicos e embora nada soubesse adivinhava por instincto o brilhareto e o espichareto, polos do estudo.

Depositario mudo e fiel dos segredos do lar, consagrara-se a este, votara-lhe culto, não admittindo a menor censura aos que reputava superiores aos outros por já sentil-os os seus.

Impressionavam a paciencia, a cordura, o esforço, o labor de Thomaz, o qual chamado á meia-noite para qualquer mister de urgencia ou de auxilio a enfermo se apresentava com a mesma cara com que se teria mostrado ao meio-dia.

Nunca, em longuissimos annos, o mais leve movimento de impaciencia: sempre o mesmo sorriso de carinho, de pergunta constante ás necessidades alheias.

Tudo quanto bom ou máo passava pela casa encontrava Thomaz indefectivel no ponto de prestimo.

Tinha mãe e irmão: respeitava uma, aconselhava o outro, de indole diversa, trabalhador, mas casmurro e disposto a recorrer se necessario fosse ás duas ultimas syllabas de casmurro.

Dia de jubilo sem par, para Thomaz, foi o da escolha de um membro da familia para senador do Imperio, e a posição no antigo regimen, já pela vitaliciedade, já pela companhia, podia comparar-se a especie de vice-imperancia.

Acompanhara na penumbra a carreira politica do senador como ao collegio o seguira, soubera-o deputado provincial e geral, presidente de provincias; mas a escolha de 1886 sellou o desvanecimento de Thomaz, compensando-o de afflições soffridas quando o triumphador partira para a guerra do Paraguay ahi realisando o anhelo camoneano de suster n'uma das mãos a espada sem da outra deixar cahir a penna.

Estava Thomaz habituado a frequentações illustres na familia que servia e os insignes ou distinctos que buscavam aquelle lar conheciam e apreciavam o modesto Thomaz.

Quantas vezes lhes trouxera o chá ou lhes levara cartas, quantas outras o tinham incumbido de recados de confiança!

Diante dos olhos de Thomaz desfilaram, entre outros, Caxias, Rio Branco, Pirapama, Villa da Barra, Paranaguá, Pedreira, o padre João Manoel, o general Drago, Beaurepaire Rohan, uma serie de homens que nos auxiliaram quando nos faziamos gente.

A varios acontecimentos historicos assistiu Thomaz, commentando-os a seu modo e com ironia cujo alcance o assetеador não percebia bem; mas que nem por isso deixava de bater em cheio no alvo.

Tudo quanto da Maioridade ás vesperas da Republica occorreu no Rio de Janeiro foi observado por Thomaz. Oxalá muitas das "pequeneces" dos successos que elle narrava não se perdessem rolando no improviso do chronista ingenuo que nenhum interesse tinha em empallidecer ou em pôr *rouge* na verdade. Dizia as cousas como tinham sido e em certas occasiões ouvil-o era vêr o proprio successo dentro da massa popular, da qual Thomaz participara.

Para attestar o grão de estima que ao humilde consagravam os poderosos basta adiantar que a attenção do proprio D. Pedro II se inclinou a Thomaz, dada a posição d'este na familia á qual o soberano dava apreço.

Certa vez, na Tijuca, n'um sitio onde a familia costumava veranear, de manhã muito cedo bateram á cancelinha rustica tres homens dos quaes um logo se avantajou. Eram D. Pedro II e dous camaristas.

Houve notavel alvoroço na casa. Como receber em logar desprovido de recursos e a hora tão matinal madrugador de tal gerarquia? Não deu tempo, porém, a reflexões e alvitres. Veiu entrando pelo jardim, a passo lento, e dizendo "não façam cerimonia, desculpem a hora". E manteve-se no jardim onde vicejava um coqueiro baba de boi cujos fructos D. Pedro II pediu a um dos camaristas.

Estava visivelmente dando tempo e ao entrar na casa, com pedidos de perdão, encontrou logo Thomaz risonho e respeitoso, a offerecer-lhe fumegante chicara de café, emquanto os donos da casa se desculpavam. "O culpado sou eu, mas vim vêr o Caxias ahi no largo da Bôa Vista e não quiz deixar de saudal-os. Não preciso de mais nada, não está aqui o café do bom Thomaz"?

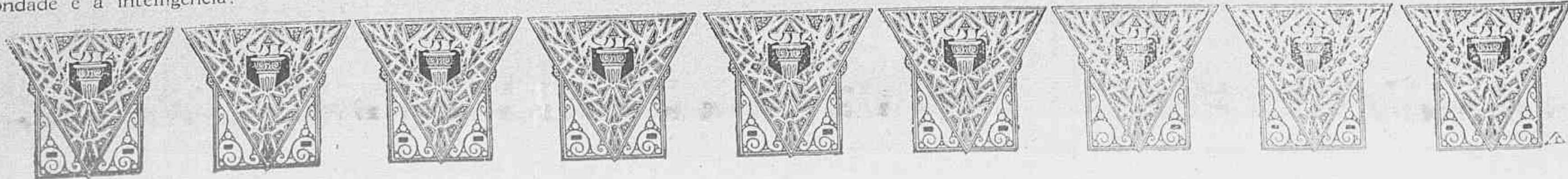
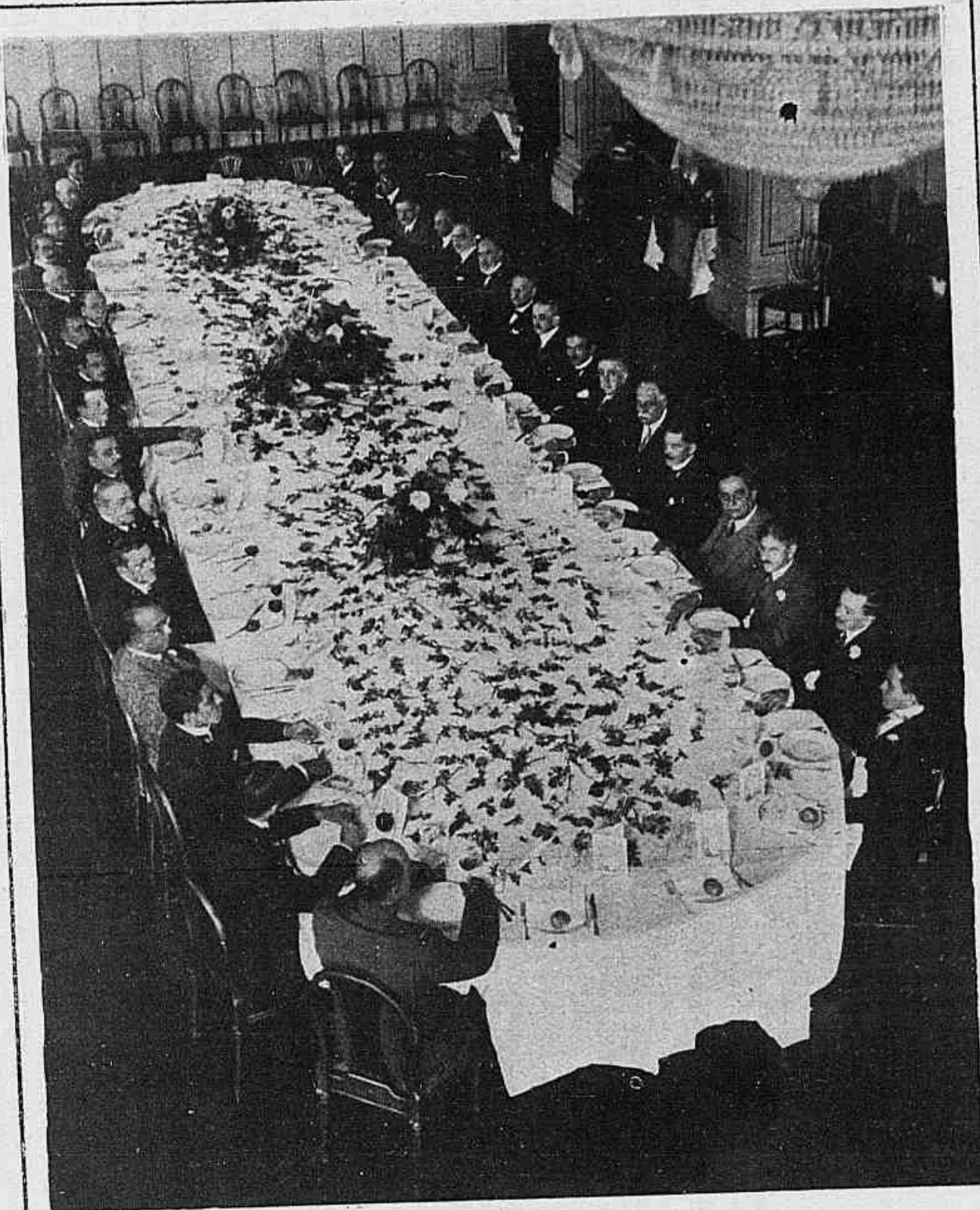
Sentou-se á beira de uma cama de criança, que por signal rangeu bastante com o peso, sem fazer feio, e após ligeira palestra se retirou, sempre com a mesma simplicidade, bem nossa, porque embirramos de ha muito com os homens tesos.

Não viu Thomaz o fim de D. Pedro II, d'aquelle que com tanta affabilidade lhe tinha acceitado e agradecido a chicara de café.

Falleceu o bom Thomaz, em Dezembro de 1886, e ás alças de seu caixão pegaram, revezando-se, pessôas bem gradas. "De quem é o enterro?" perguntavam curiosos na rua. "De um preto." "Qual, isso é figurão"!

Em jazigo perpetuo jazem os restos de Thomaz no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa. E na semana de Treze de Maio ressuscite raça inteira n'um só individuo admiravel.

Escragnolle Doria

Miss Harriet Beecher Stowe, a autora do celebre livro abolicionista norte-americano — «A Cabana do Pai Thomaz».

A mesa da Camara aos Presidentes de S. Paulo e Rio Grande do Norte

A mesa da Camara dos Deputados offereceu aos illustres drs. Carlos de Campos e José Augusto, presidentes dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Norte, um almoço, em razão de terem s. s. ex. ex. comparecido pessoalmente ás commemorações do 1º centenario do Poder Legislativo. Publicamos dessa reunião as gravuras que se vêem nesta pagina. Ao alto: a mesa do almoço, vendo-se aos lados da gravura os retratos dos srs. presidente Carlos de Campos, á esquerda, e José Augusto, á direita. Em baixo: grupo feito após o almoço, vendo-se sentados, da esquerda para a direita, os srs. senadores João Lyra e Lacerda Franco, presidente Carlos de Campos, dr. Arnolpho Azevedo, presidente da Camara; presidente José Augusto, senador Adolpho Gordo e deputado João Mangabeira; e de pé, entre outros, os srs. deputados Eurico do Valle, Heitor de Souza, Monteiro de Souza, Baptista Bittencourt, Ferreira Braga, Vianna do Castello, Domingos Barbosa, Bocayuva Cunha, Juvenal Lamartine.

PAGINA DE EVA

Dentro de uma caixa de costura

Ouviu-se um barulho forte e macio a um tempo, como si se houvessem espalhado uma porção de pequeninos objectos de metal...

— "Ai! que o Pery me jogou no chão a caixa de costura, exclamou a moça, levantando-se para ir ver.

Mas o Pery ali estava, debaixo da mesa, enrodilhado em rosca, abrindo a meio um olho somnolento á injustiça da accusação. Não se perturbara pois, como cachorro de casa, tinha longa experiencia destas calumnias sem consequencia, confiando tranquillamente na justiça imanente dos factos. Não, não fôra o Pery. Não fôra mesmo ninguem, porque a caixa lá estava immovel e fechada em cima da commoda da saleta. A moça enganara-se. Voltou, cantarolando, a brunir as unhas no recanto da varanda onde dormitava o innocente Pery. Tudo pareceu tornar ao socego cheio de sol daquelle doirado meio-dia. A caixa, batida de luz, brilhava com todo o lustre de seu verniz. Era uma antiga caixa de *bonbons*, bonita e enfeitada, convertida de cousa de luxo em objecto de utilidade, só conservando de suas elegancias um laço de fita encarnada atado á chavinha prateada que a fechava. Este laço tinha naquelle momento um ar positivamente agitado. Com as duas pontas levantadas, affectava uns modos de borboleta e, se não fosse a chave que o retinha, a gente diria que o laço de fita queria voar, fugir talvez... A propria chave, a meio sahida da fechadura, não parecia muito senhora da sua situação de porteira vitalicia. Podia-se jurar que ia cahir no chão. Susto ou máo geito?... Não se podia saber.

Passava-se eviventemente naquella caixa qualquer cousa de anormal. Quem lhe chegasse perto ainda ouviria um bulicio leve como insolito remexido de todas as mil cousinhas differentes que continha. Que haveria?... Nada mais nada menos do que uma revolta, ou antes uma revolução, uma verdadeira revolução dentro da caixa de costura.

Botões, colchetes, agulhas, linhas, alfinetes, carreteis, até o circumspecto dedal, tudo isto se agitava com violencia, tomados todos de inexplicavel frenesi.

Um vento de guerra parecia ter soprado sobre aquelle pacato povinho de objectos, e mesmo o Alfinete de fralda, sempre tão mettido consigo, saccara de armas, enristando-se aggressivamente em ponta de lança para o provavel combate.

— "E tudo isto por causa da Agulha de fundo de Ouro — explicava ao rôlo de Fita Metrica a má lingua da Tesoura, escancarando a grande bocca de cortadora profissional — uma desajuizada como ha poucas!... — Porque tem a cabeça doirada — e por signal que não acho nada bonito aquelle louro!... — julga-se uma belleza e superior a todas as demais agulhas. Vive dando regras ás outras que, embora a detestem e invejem, consideram-na muito chic, obedecendo-lhe só por isto. Sempre foi a perdição da caixa esta Agulha de fundo de Ouro!... Todos os alfinetes babam-se por ella e os carreteis, se não fosse andarem tão apertados pela ciumenta da Linha, iam pelo mesmo caminho. Um demonio, a tal agulha!... Você não imagina a labia que tem!... Declara que é filha de um agulheiro de Paris, franceza por conseguinte, fazendo pouco em todas nós... Quer ser a rainha de tudo aqui... Já se viu que pretenção?!...

— E os Colchetes estão pelos autos? — perguntou a Fita Metrica, enrolando-se com a prudencia que lhe é propria. — Os colchetes em geral são muito teimosos, não se convencem assim com duas razões...

— Oh! com os colchetes é uma simples questão de pressão, V. bem sabe... A Agulha de fundo de Ouro engazopou-os como aos botões... Calcule V. que convenceu aos Botões — uns patetas, seja dito de passagem — que ninguem lhes sabia fazer as casas com a pericia d'ella... Ella que não faz nada em geral!... A Linha devia ter protestado, não acha? Tanto mais quanto a tal Agulha vive a pregar em todos os cantos que, uma fidalga como ella, só pode trabalhar com seda... Linha é bom para as outras, as que não teem fundo de ouro...

— Ella diz seda, mas pensa retroz, — atalhou uma agulha rombuda esquecida num novello de linha de serzir, — já reparei que só gosta de homens... Namoradeira, como ella só!... Quer trabalhar com o retroz porque o retroz é seda do genero masculino...

— Justamente, — confirmou a Tesoura, encantada com o aproposito do aparte — e por ser assim namoradeira é que anda hoje aqui tudo nesta balburdia. O que não póde fazer uma mulher assanhada, minha gente?...

— Tesoura, você está sendo injusta, — interrompeu um bojudo Carretel, não dando tempo á sua mulher a Linha de tomar-lhe a palavra como é costume, — a Agulha de fundo de Ouro não é tão má quanto vocês dizem... Um pouco vaidosa, naturalmente porque é bonita...

— Bonita, tu então a achas bonita, seu pirata?! — sibilou a Linha, apertando ainda mais o desgraçado marido — o que ella é é uma impostora muito grande! Vocês, homens, vendo uma cara mais passavel, ficam logo pelo beicinho!... Só porque tem a cabeça doirada, és capaz de dar-lhe razão, neste negocio de hoje, não é verdade?

— Eu não sou capaz de cousa nenhuma Linha de minh'alma, você não deixa! — suspirou humildemente o Carretel.

— Pois fique sabendo que cumpre o seu dever de marido, sr. Carretel, só fazer o que a mulher manda — pontificou a Tesoura — eu vivo citando o seu exemplo, sabe?... Não ha casal melhor que o da Linha e o Carretel. Sempre juntinhos, concordando em tudo, vivem como Deus com os anjos... Mas a Linha na frente... assim é que é direito!... A Agulha de fundo de Ouro bem gostaria de ter feito o mesmo com o Dedal...

— Com o Dedal?! — exclamou a Linha interessadissima — pois o Dedal quiz casar-se com ella?... O Dedal tão sério, tão reflectido... nunca pensei!...

— O dedal é como todos os outros; acha-a bonita, com aquella cabeça côr de gemma d'oiro. São gostos. A Agulha namorou-o como namora a todos: o furador, os alfinetes, os grampos, o grampo de chapéo...

— O que, até o Grampo de chapéo?!...

— Sim, senhora. Um mastodonte daquelles e ella tão pequenina!... A Agulha de fundo de Ouro, porém, não olha para esas cousas... O que quer é divertir-se. Botou quasi maluco o pobre do Grampo, e quando este fez o pedido disse que não se casava com um aposentado... Elle fôra bom partido, sim, mas em tempos: agora estava inutilisado, não prestava mais para nada... O grupo dos grampos todo picou-se muito com a historia... A Agulha, então, vendo-se ameaçada, atirou-se ao Alfinete de fralda. Coitado do Alfinete, tão ingenuo, só lida com creanças!... Acreditou logo no que ella lhe dizia e já tinha convidado o Dedal para padrinho de casamento, quando a Agulha de fundo de Ouro avistou um Alfinete de gravata... Ahi é que foi a desgraça!... Apaixonou-se logo por elle, decidindo fazer este pelintra o rei da caixa de costura.

— Desafôro! — deixou escapulir a Fita Metrica.

— Desafôro e presumpção — continuou a Tesoura — pois o Alfinete de gravata faz tanto caso della quanto a faca do canivete...

— Mas o Alfinete de gravata é tão bonito!... — murmurou sentimentalmente uma agulhinha singela — é de perola!... Quem não quererá uma perola para marido?...

— Vocês, agulhas, são todas as mesmas!... Como são de aço vivem a sonhar com o que é de ouro ou de platina... Imposturas!...

— Então foi por causa do Alfinete de gravata que os alfinetes se revoltaram?

— Sim, senhores. Os alfinetes commandados pelo Furador, que é muito mettediço, declararam guerra ás agulhas pois não admittem joia como chefe de objecto util... Cada qual no seu logar, não lhes parece?... Brigaram feio e forte, pois os colchetes tomaram partido pela Agulha de fundo de Ouro...

— E o Dedal?

— O Dedal deu razão ao Alfinete de fralda... Vocês não ouviram o barulho?... A Agulha de fundo de Ouro espetou-se no refugio do tubo de retroz. Os alfinetes furiosos fôram consultar a Agulha de injecção... Vocês bem sabem que é a sabichona das Agulhas... Formada em medicina, o que ella diz é decreto, todo mundo se inclina respeitoso deante da sua sciencia e do seu poder... Não adeantou nada, entretanto, a consulta; a Agulha de injecção declarou que tinha mais que fazer do que metter-se nestas guerrinhas de alfinetadas... Os alfinetes voltaram, damnados. Pediram então, a opinião da Agulha céga, a agulha de tricot...

— Eu não sympathiso com esta senhora — atalhou desdenhosamente a Linha — só faz caso da lã...

— Mas é bôa pessôa... — insinuou timidamente o Carretel.

— Bôa pessôa, se quizerem — concordou depressa a Tesoura, com medo que lhe tomassem a palavra — mas muito antiquada... Depois não póde enxergar as cousas direito... O facto é que aconselhou aos Alfinetes deixarem a Agulha de fundo de Ouro casar com quem quizer...

Os alfinetes, porém, não querem saber de majestades e o Alfinete de gravata, sendo de perola, é de sangue real... Decidiram então propor á Agulha de fundo de Ouro ou ser expulsa da caixa ou casar com o Dedal, que afinal de contas sempre ha de ser o melhor partido para uma agulha...

— Hum!... — fez a Fita Metrica duvidosa — dedal é muito traiçoeiro...

— Como todos os homens, minha cara! — replicou o fiapo de voz de dona Linha.

Abriu-se nesse instante inesperadamente a caixa de costura. O Dedal brilhou na ponta de um dedo e a Agulha de fundo de ouro foi vivamente arrebatada ao retroz.

— Com esta agulha assim tão fragil, você não ha de cozer muito!... advertiu alguem. Dito e feito, Um estalido secco, um gritinho...

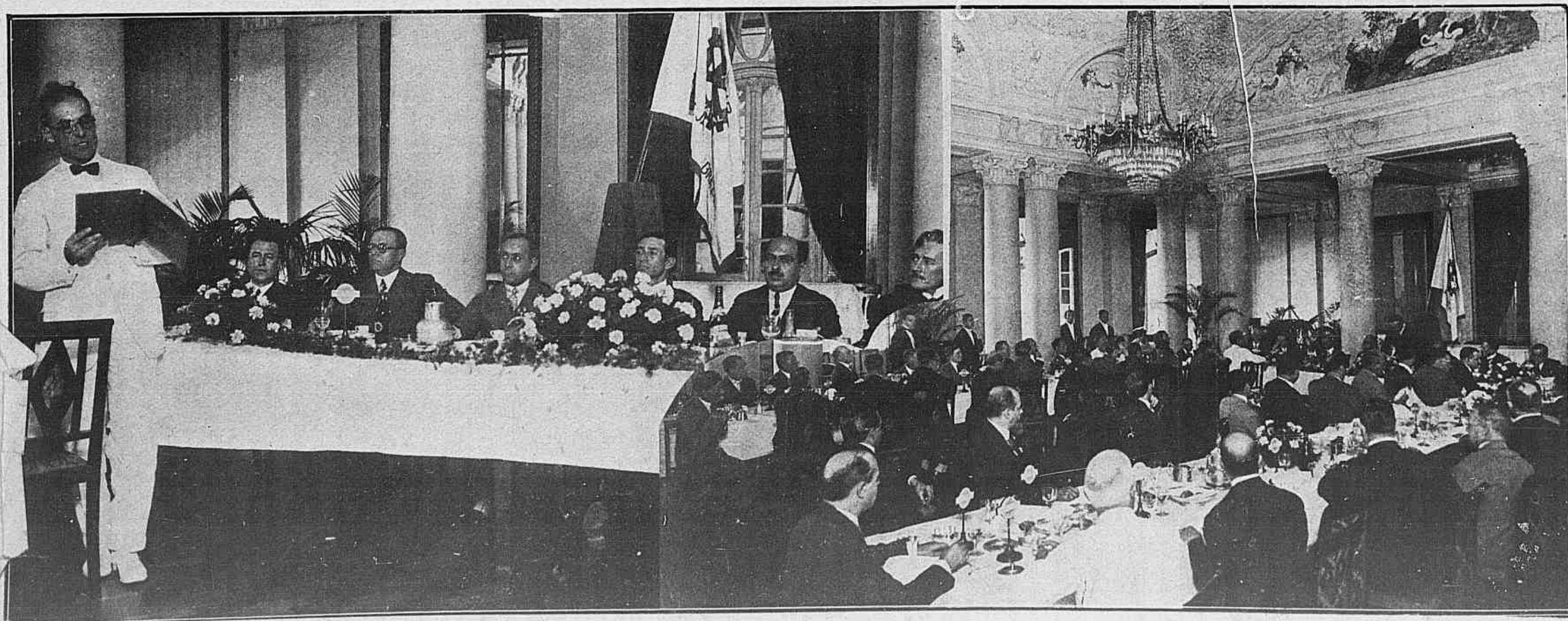
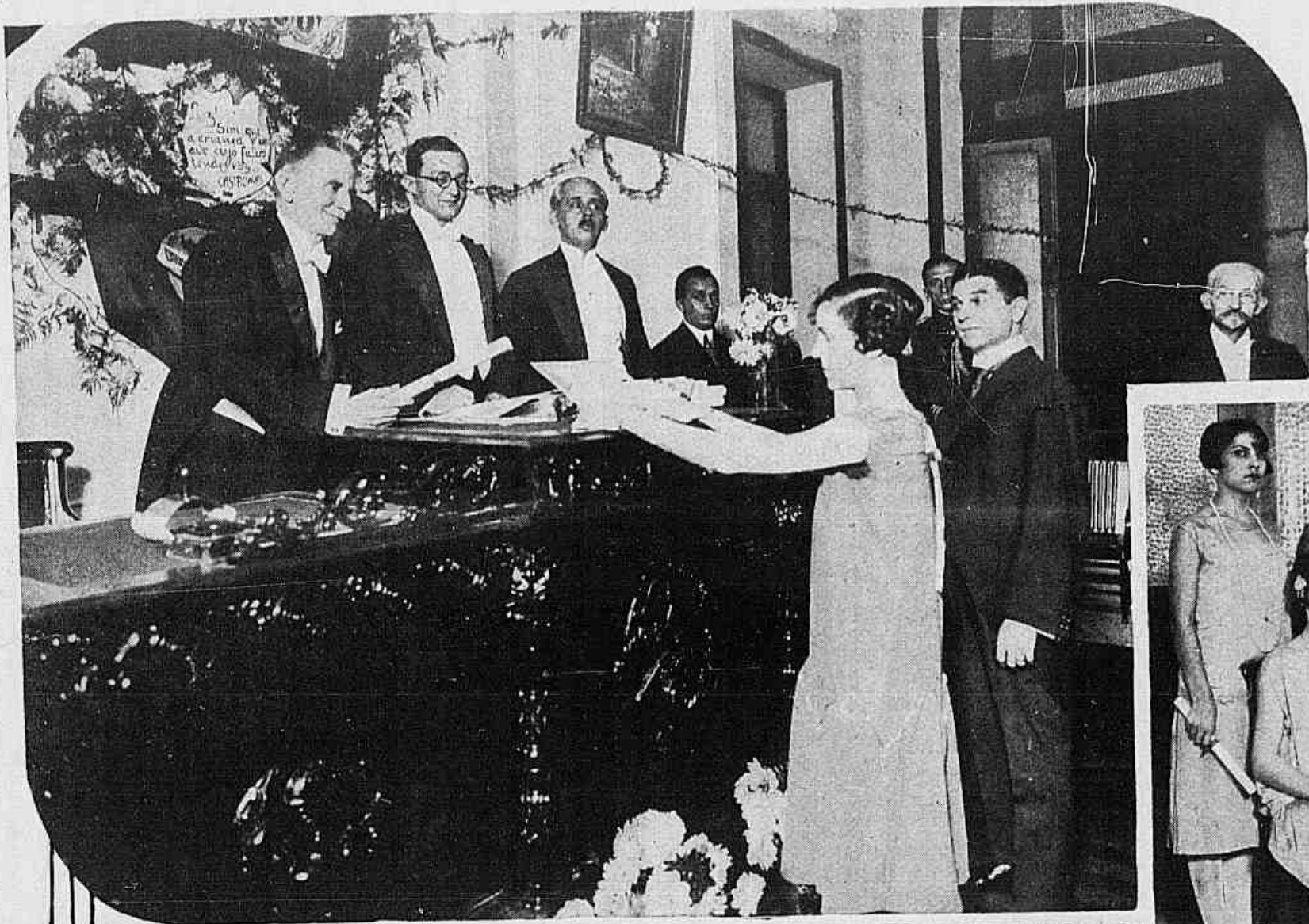
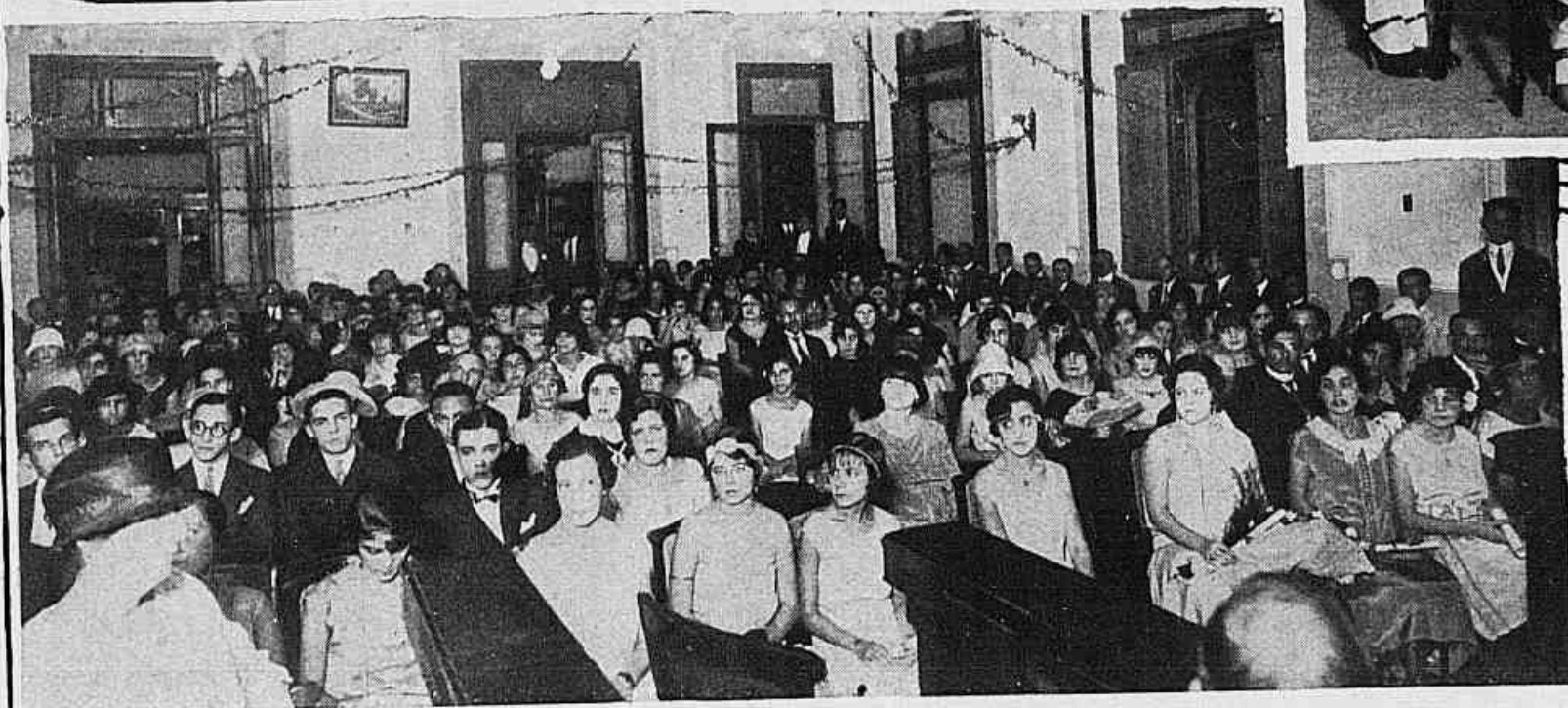
— Que massada! Estas agulhas de fundo de ouro não valem nada, quebram-se atôa...

— E a agulha decepada foi atirada ao lixo.

Meia-hora mais tarde outro reboliço na caixa de costura...

— Coitada! — lamentava muito commovida a Linha que finalmente sempre se dá com as agulhas — aquillo para mim foi vingança do Dedal despeitado... Matou-a porque ella não se quiz casar com elle...

— Cruz, crédo! — ciciou a Fita Metrica, num arrepio — este dedal até parece homem!..."

Maria Eugenia Celso.

A ultima reunião quinzenal do Rotary-Club, relizada na sexta-feira ultima, para eleição da nova directoria. A' esquerda, os logares de honra da mesa, vendo-se da direita para a esquerda os srs. dr. Oliveira Sobrinho, 1º delegado auxiliar; dr. Geremario Dantas, director da Fazenda Municipal; dr. Octavio da Rocha Miranda, presidente do *Rotary Club*, cujo mandato expirou nesse dia; dr. Carlos Costa, chefe de Policia da capital; drs. Oscar Weinschenck e Edmundo de Miranda Jordão, presidente e vice-presidente eleitos do *Rotary Club*. De pé, lendo o relatorio da directoria expirante, o sr. R. Shalders. A' direita: aspecto da mesa do almoço.

As novas professoras fluminenses

Aspectos tirados na Escola Normal de Nicheroy, no sabbado ultimo, por occasião da collação de grau das professoras de 1925. A' esquerda, ao alto: a collação de grau, presidida pelo dr. Nogueira da Silva, illustre secretario da Presidencia do Estado; em baixo: aspecto da assistencia, durante a solemnidade. A' direita: As novas professoras, em companhia do dr. Ramon Alonso.

O PRESBYTERIO PAROCHIAL DO BARRETO, EM NICTHEROY

Aspectos tirados no domingo ultimo, em Barreto, por occasião do lançamento da pedra fundamental do Presbyterio Parochial de São Sebastião, vendo-se em todos os quatro aspectos, que definem a solemnidade, s. ex. revm. d. Agostinho Benassi, bispo de Nictheroy, que presidiu á benção.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 15 — as sras. Sá Rheingantz e Leite Ribeiro; as senhorinhas Iracema Silva, Edith de Abreu, Eunice Wandeck e Odette de Oliveira Mesquita; os drs. Leonidas Machado e Barros Campello; as meninas Laura, filha do casal Guerra Duval, e Myriam, filha do casal Rocha Leão; a senhorinha Otelina Coelho.

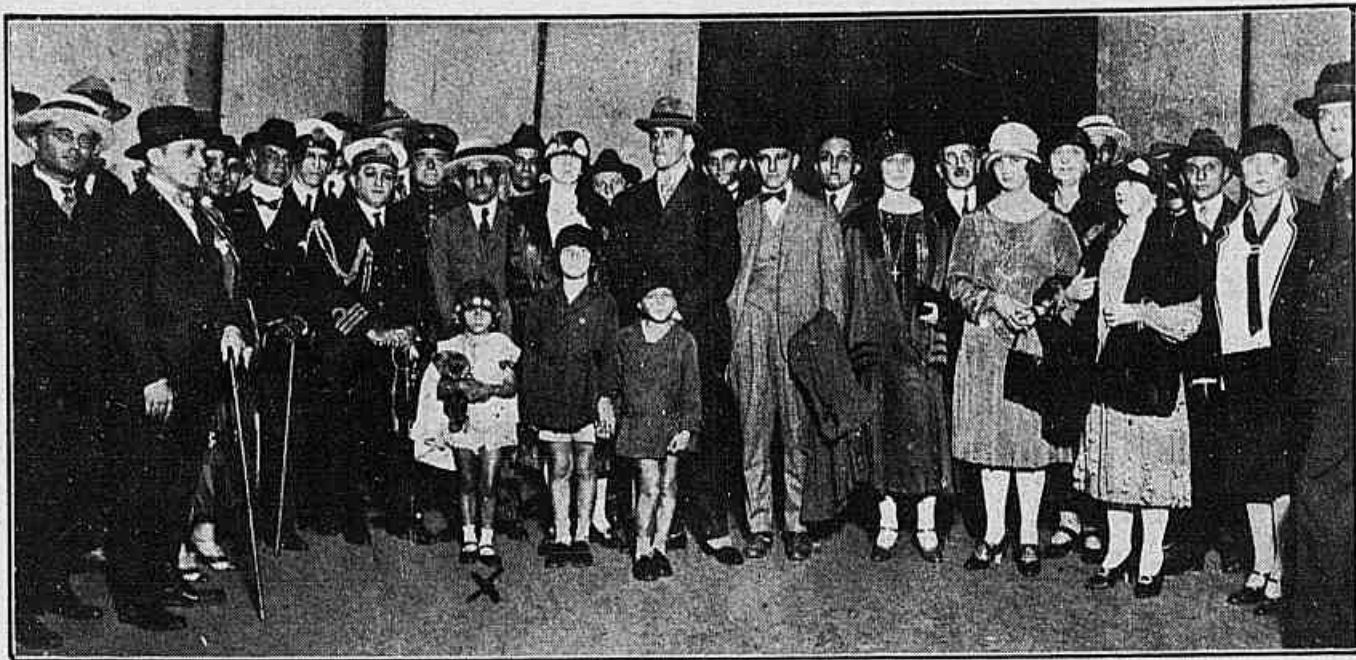
No dia 16 — as sras. Felix Mangia, Gabriel Osorio de Almeida, Helena Bulcão, Baeta Neves e Annita de Barros Barreto, esposa do dr. Frederico de Barros Barreto; os drs. Jesuino Cardoso e Alvaro Alvim; o academico José Damião Pinheiro Machado; a senhorinha Amelia Costa Franco.

No dia 17 — as sras. Albertina Huet Bacellar e Laura Gomes de Carvalho; as senhorinhas Edith de Toledo Bandeira de Mello, Consuelo de Souza Pitanga, Zoraide da Cunha Menezes e Abigail da Costa Noronha; o deputado Barbosa Gonçalves; o coronel Cabral Peixoto; o commandante Herculano da Cunha.

No dia 18 — as sras. Fernandina Goulart de Andrade, Annibal de Toledo e Maria Amelia da Costa; as senhorinhas Maria dos Santos Pereira e Maria Noemia de Souza; os drs. Moraes Jardim, José de Mendonça e Aloysio Neiva.

No dia 19—as sras. viuva Costa Miranda, Ephigenia da Veiga, Augusta Martins e Guiomar de Vasconcellos; as senhorinhas Sophia Guimarães Camarão, Maria Senna Caldas, Laís Moniz Motta; os galantes petizes Ladyr Gonçalves Pontes e Mauricio Pereira Lessa; o ministro Muniz Barreto; os drs. Pedro de Leoni Ramos e José Fortunato de Brito.

No dia 20 — as sras. Anna Lima de Castro Barbosa e Maria Bandeira de Gouvêa; as senhorinhas Carlinda Jovin, Maria da Penha Freitas Alves, Dora Muniz Freire, Nazareth de Souza Reis, Maria de Lourdes Cordeiro Autran e Minervina Albuquerque; os drs. Octavio Martins Rodrigues e Estevão Carneiro da Cunha; o commandante Nelson Guilhobel; o poeta Themudo Lessa; o menino Paulo Guilherme, filho do sr. Wlademiro do Valle.

No dia 21 — as sras. Zulmira do Valle Vieira e Milton Bastos; as senhorinhas Almerinda Porto de Carvalho, Juracy Dolbert Lucas, Maria Luiza Proença e Laura Tavares de Oliveira; a galante Ignezita Felix Pacheco; os drs. Mello Barreto Filho, Augusto Feliciano Pereira Pinto, Odilon da Motta Portinho; o almirante Spinola; o sr. Francisco Bevilacqua, funccionario da Secretaria do Senado Federal.

Aspecto tomado no Cáes do Porto á chegada do sr. dr. José Augusto, illustre presidente do Estado do Rio Grande do Norte, que veio a esta capital assistir á inauguração do palacio da Camara dos Deputados. O illustre viajante vê-se assignalado na gravura, tendo á direita o commandante Moraes Rego, representante do sr. Presidente da Republica.

NOIVADOS

— a senhorinha Wanda Oiticica e o dr. José Cardoso Filho;

— a senhorinha Laura Gomes de Mattos e o dr. Helio Daudt Fabricio;

— a senhorinha Nair Sarly e o sr. Oscar Lima de Mello;

— a senhorinha Olga de Mello e Souza e o industrial Luiz Torres de Oliveira;

— a senhorinha Maria de Lourdes Teixeira e o sr. Alfredo Machaczek Edier von Teschenhauzen;

CASAMENTOS

— a senhorinha Ondina Faleiro e o sr. Francisco Tavora Teixeira Leite;

— a senhorinha Dalila Pinto Salles e o sr. José Carlos da Silva Rocha;

— a senhorinha Ormezinda da Silveira Pinto e o sr. Izaias de Avellar e Silva;

— a senhorinha Francisca Maia de Andrade e o professor João Barbosa de Moraes;

— a senhorinha Maria Corrêa da Silva e o dr. Waldemar de Castro Fretz;

— a senhorinha Ludovina Marques e o dr. Armando Coelho Fragoso;

— a senhorinha Marieta Pinto Campello e o dr. Carlos Veiga da Costa.

*

Realizou-se sabbado ultimo o enlace matrimonial da senhorinha Zilda França, filha do sr. Antonio Ribeiro França e de sua esposa d. Amelia Oliveira dos Santos França, com o dr. Arnaldo Ballesté, medico nesta capital.

As ceremonias civil e religiosa realizaram-se na residencia dos paes da noiva, servindo de testemunhas da noiva, no civil, o sr. Agostinho Affonso Machado e sua esposa, e do noivo os seus tios, sr. Manoel José Lebrão, importante e conhecido industrial, e sua esposa d. Elvira Cordeiro Lebrão; e no religioso, da noiva, o sr. Lebrão e sua esposa, e do noivo o sr. Antonio Ribeiro França e senhora.

DIPLOMATAS

O dr. Oscar de Teffé, embaixador do Brasil na Italia, afim de despedir-se do dr. Felix Pacheco, ministro das Relações Exteriores, reuniu em um jantar intimo muitos diplomatas e familias das suas relações, offerecendo-lhes uma reunião muito encantadora.

*

Está sendo esperado nesta capital, procedente de Buenos-Aires, onde serviu como secretario da embaixada brasileira, o dr. José Olyntho, recentemente transferido para Praga.

*

O conselheiro da embaixada dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello seguiu para a Europa, acompanhado de sua familia, onde vae servir na embaixada do Brasil junto ao Vaticano.

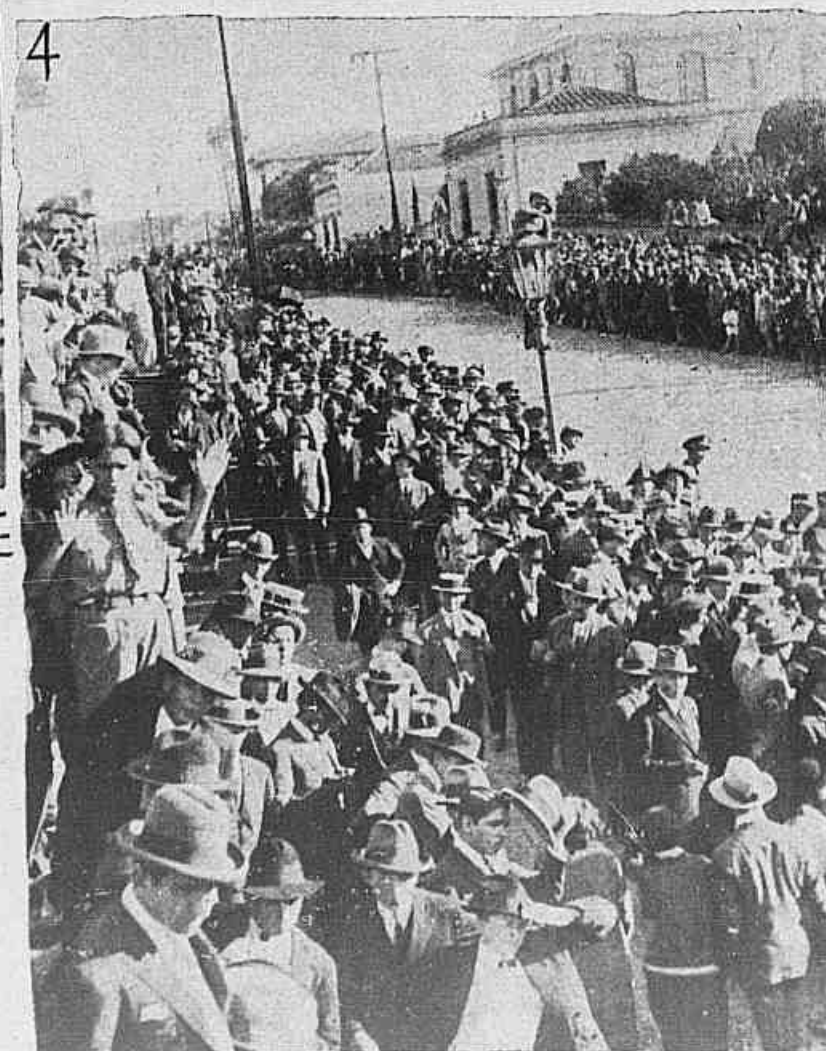
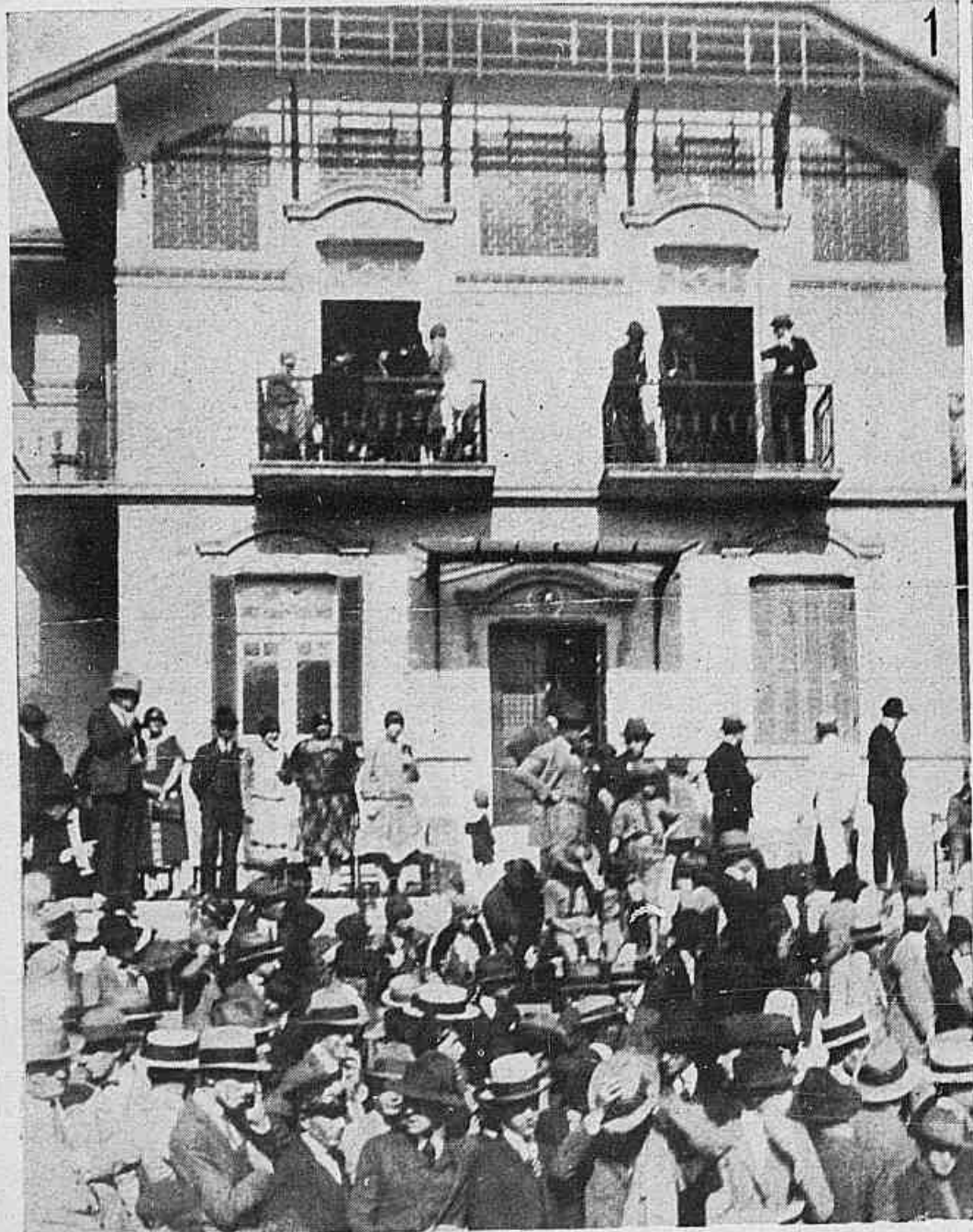
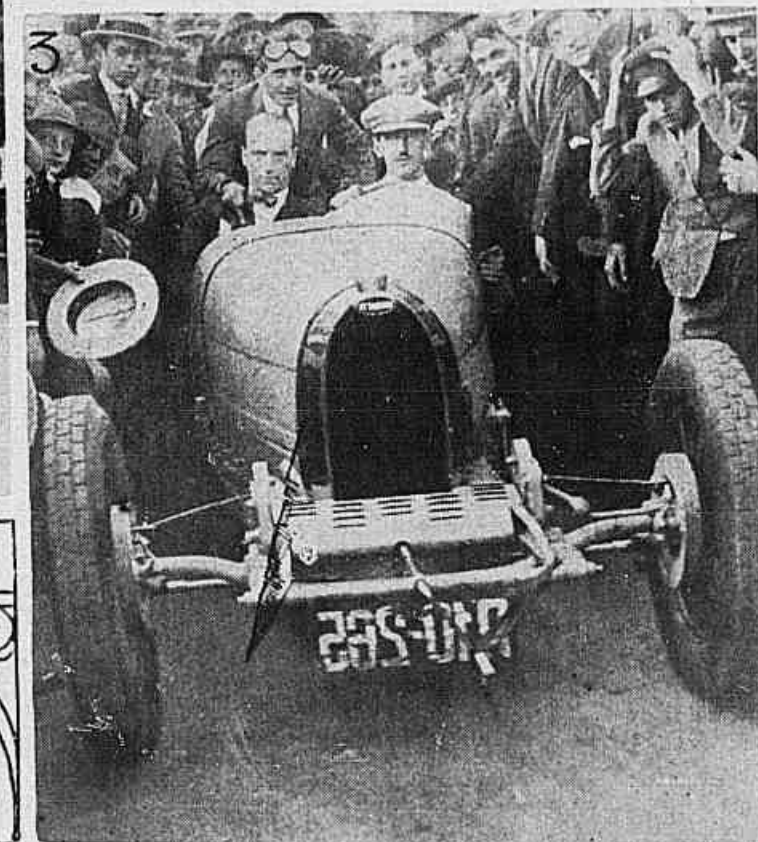
*

O embaixador da Republica Argentina e a senhora Mora i Araujo abriram os elegantissimos salões da embaixada, offerecendo uma brilhante recepção ao dr. José de Paula Rodrigues Alves, novo embaixador do Brasil naquella Republica.

Os salões do bello palacete estiveram cheios de pessôas do nosso grande-mundo e do corpo diplomatico.

*

Pelo *Andes*, seguiu para Roma o dr. Oscar de Teffé, embaixador do Brasil, que vae reassumir o seu alto posto.

O illustre diplomata, que se demorou no

AS PROVAS AUTOMOBILISTICAS EM S. PAULO

Promovidas pelo novel e victorioso diario "São Paulo Jornal", um dos mais brilhantes orgãos da imprensa do grande do Estado do Sul, realizaram-se na Paulicéa interessantes provas automobilisticas, em beneficio da Assistencia aos Lazaros, na avenida Brigadeiro Luiz Antonio.

1 — A residencia da familia Cotrim, na avenida Brigadeiro Luiz Antonio, cedida gentilmente para servir de pavilhão central. 2 — A partida da prova de *double-phaetons* de turismo. 3 — O conde Eduardo Matarazzo, vencedor da prova "Taça Cidade de São Paulo" na sua Bugatti. 4 — A recta da chegada. 5 — A senhora Dulce Barreiros, no estribo do seu Lincoln, com o qual venceu uma das provas.

A soirée de dansa classica

Aspectos tirados durante a *soirée* de dansa classica realizada no Instituto Nacional de Musica e promovida pela sra. Margarida Igel Harden com a cooperação das senhorinhas Carla e Branca Eickhoff e Celia d'Almeida, em prol da Sociedade Beneficente Allemã.

Brasil curto periodo de férias, aproveitou o tempo em que aqui esteve para arredar quaesquer difficuldades á rapida solução do problema immigratorio italiano.

Regressa em sua companhia a sra. embaixatriz, distinctissima figura que, ao lado do brilhante diplomata brasileiro, tanto honra, nos centros cultos onde vive, a intelligencia e elegancia da mulher patricia.

*

Pelo *Almanzora*, seguiu para Vienna, acompanhado de sua senhora, o ministro Lima e Silva, representante diplomatico do Brasil, na Austria.

O embarque do sympathico diplomata foi muito concorrido, e muitas flôres foram offerecidas á distincta senhora Lima e Silva.

*

Para Londres, seguiu o dr. Samuel de Souza Leão Gracie, onde vae assumir o cargo de conselheiro da Embaixada Brasileira.

*

O embaixador da Italia, dr. Giulio Cesare Montagna, offereceu ao dr. Oscar de Teffé, embaixador do Brasil na Italia, um jantar intimo de despedida, em que tomaram parte muitos diplomatas e as figuras mais brilhantes da nossa sociedade.

Os que viajam

Deixaram o Rio: — o coronel Constantino Corrêa, que regressa ao Piauhy; o dr. João Jorge de Paulo Proença, que se destina a Buenos Aires; o dr. Antonio Rodrigues Vieira Junior, em commissão do governo para o Amazonas; o dr. João Paulo Barbosa Lima, para a Europa, em viagem de recreio; o engenheiro Raymundo Barbosa de Carvalho Netto, que vae ao Piauhy em visita a sua familia; os drs. Amaury de Medeiros, Getulio dos Santos e Renato Machado e o marechal Ferreira do Amaral, que vão tomar parte no 2.º Certamen Pan-Americano de Cruz Vermelha.

Chegaram ao Rio: — o jornalista dr. Carlos Dias Fernandes, que volta de representar "O Paiz" no Congresso Pan-Americano de Imprensa, reunido ultimamente em Washington; o coronel Martinho Licio, vindo de Caxambú; o abbade Gustave Chautard, superior da Ordem dos Trapistas, vindo de França; o dr. Feliciano Vieira e familia, chegados de Minas; mr. John Day, que regressou dos Estados Unidos; o dr. Lauro Muller, que volta de Caxambú; o sr. Orlando Rangel, de regresso de sua estação de repouso em Lindoya; o dr. Barbosa de Souza, vindo de Minas.

Musica

Foi muito applaudido, nos seus dois grandes concertos, realisados na ultima semana, o violinista patricio Pery Machado, que levou ao theatro Lyrico uma grande concorrencia.

*

Vianna da Motta, o notavel pianista portuguez, tem tido casas optimas no Lyrico, onde vem realisando seus concertos. O grande-mundo carioca tem sabido mostrar-se á altura do famoso artista.

*

Está annunciado para hoje o bello recital de canto do professor Carlos de Carvalho. O programma organisado é dos mais felizes e o recital terá como local o salão do Instituto Nacional de Musica, ás 9 da noite.

Senhorinha Dora Soares, filha do sr. dr. Luiz Soares consul da Bolivia no Brasil, e brilhante musicista, cujo recital de violino, realisado em Lisbôa na semana finda, constituiu um verdadeiro acontecimento artistico e mundano. A nossa gentil patricia, interpretando ao violino Bach, Wagner, Boulanger, Debussy e De Rubay, conquistou calorosos applausos do selecto auditorio, em que se encontravam, com o Embaixador do Brasil e membros da colonia brasileira, os vultos mais representativos da alta sociedade lisbonense.

Ha geral contentamento em nosso grande mundo, com a chegada de Guiomar Novaes.

A notavel pianista patricia promette-nos uma serie de concertos, que estão sendo esperados, com justa ansiedade.

Declamação

Mais um formoso recital promette-nos Maria Sabina, a apreciada *diseuse*, que tão querida e applaudida é sempre pela nossa ina sociedade.

Esse está marcado para o proximo dia 25 no Trianon.

E' possivel que tomem parte no programma ainda algumas alumnas da senhorinha Maria Sabina, em que figurarão lindas poesias de festejados escriptores patricios.

Bailes

O Tijuca Tennis Club offereceu domingo ultimo mais uma de suas deliciosas noitadas aos seus associados.

Grande foi a animação nos salões do querido club, que tiveram regorgitantes do melhor elemento do seu quadro social e de innumeras familias do pittoresco bairro da Tijuca.

Em beneficio

Realisou-se, e com optimo programma, no salão do Instituto Nacional de Musica, quarta-feira ultima, em beneficio do Amparo Thereza de Jesus, um esplendido festival que teve a presença da nossa alta sociedade.

*

E' finalmente hoje que se abrem os formosos salões do Fluminense F. Club para a grande *matinée* dansante organizada por senhorinhas da nossa alta sociedade, em beneficio da Associação de Escoteiros Catholicos do Sagrado Coração de Jesus.

Logo á tarde, certamente, as esplendidas dependencias do Fluminense F. Club serão pequenas para conter o mundo elegante que ansiosamente espera esse festival.

Recepções de anniversario

No dia 8 — a sra. Eduardo May, que festejou o seu natal com uma brilhante recepção, offerecida ás suas relações.

No dia 9 — o casal Alfredo Rizzo, que para festejar o anniversario de sua filha Angela, deu uma linda reunião em sua esplendida residencia de São Francisco Xavier.

M. de D.

Senhorinha Maria Lucadello Guimarães, alumna distincta, premiada com medalha de ouro, por unanimidade de votos, no Instituto Nacional de Musica. Alumna do curso de piano da professora senhora Alcina Navarro de Andrade.

Carnet

Meu amigo

Decididamente você não entende nada de mulheres.

Quando uma mulher diz não, pode muitas vezes mudar rapidamente de opinião e dizer sim; mas quando ella diz — talvez, não é certo — não tenha confiança porque a corda do talvez é muito elastica.

Você nos convidou para um theatro e eu respondi: "talvez; telephone, porém, para uma confirmação»... Se me você tivesse olhado veria nos meus olhos um prenuncio de "revanche".

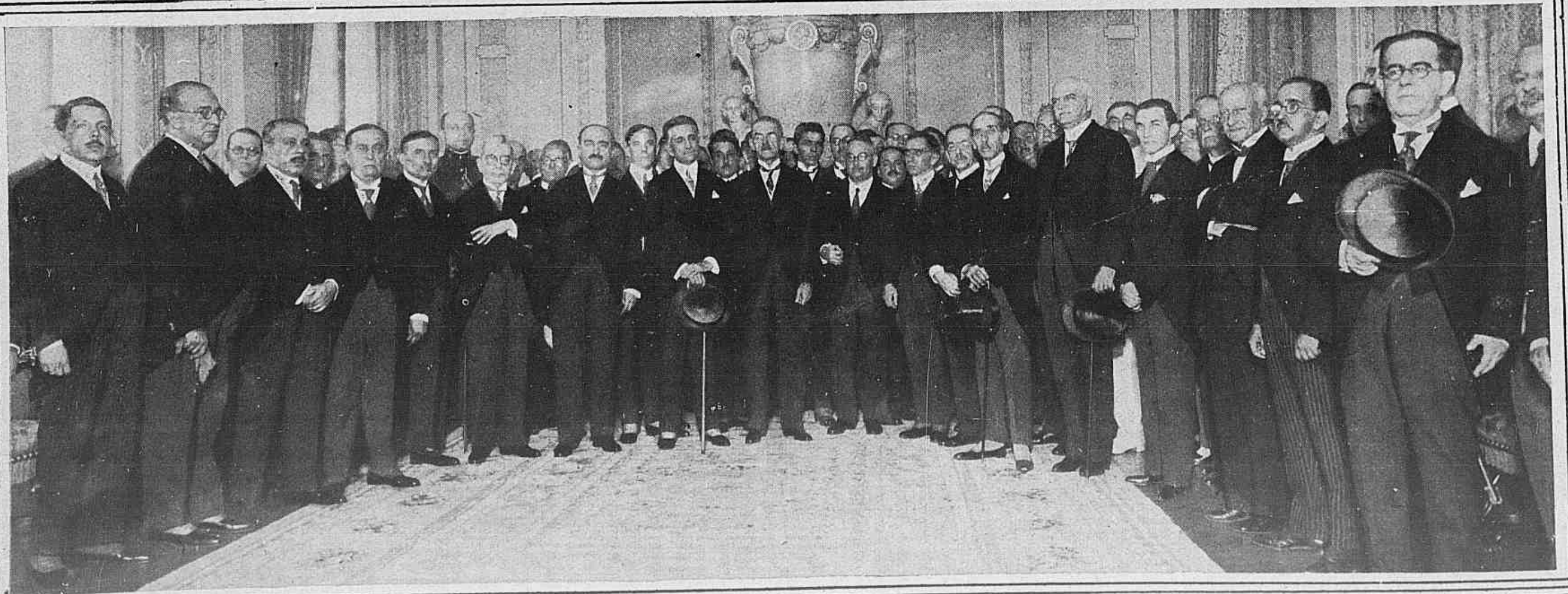
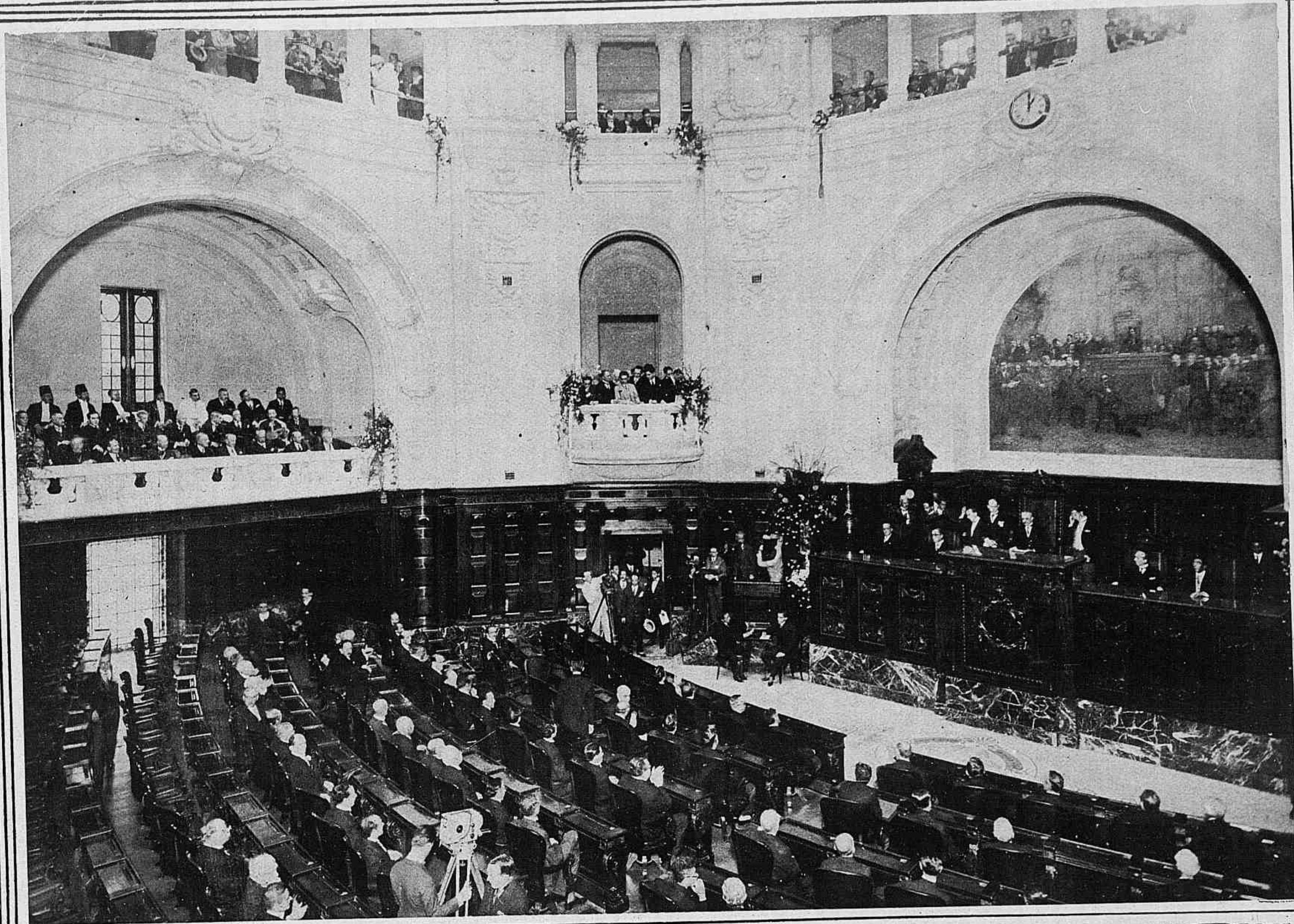
Lembra-se de que me havia dito que as brasileiras eram monotonas pela incapacidade de pequenas maldades e pela demasiada sinceridade?

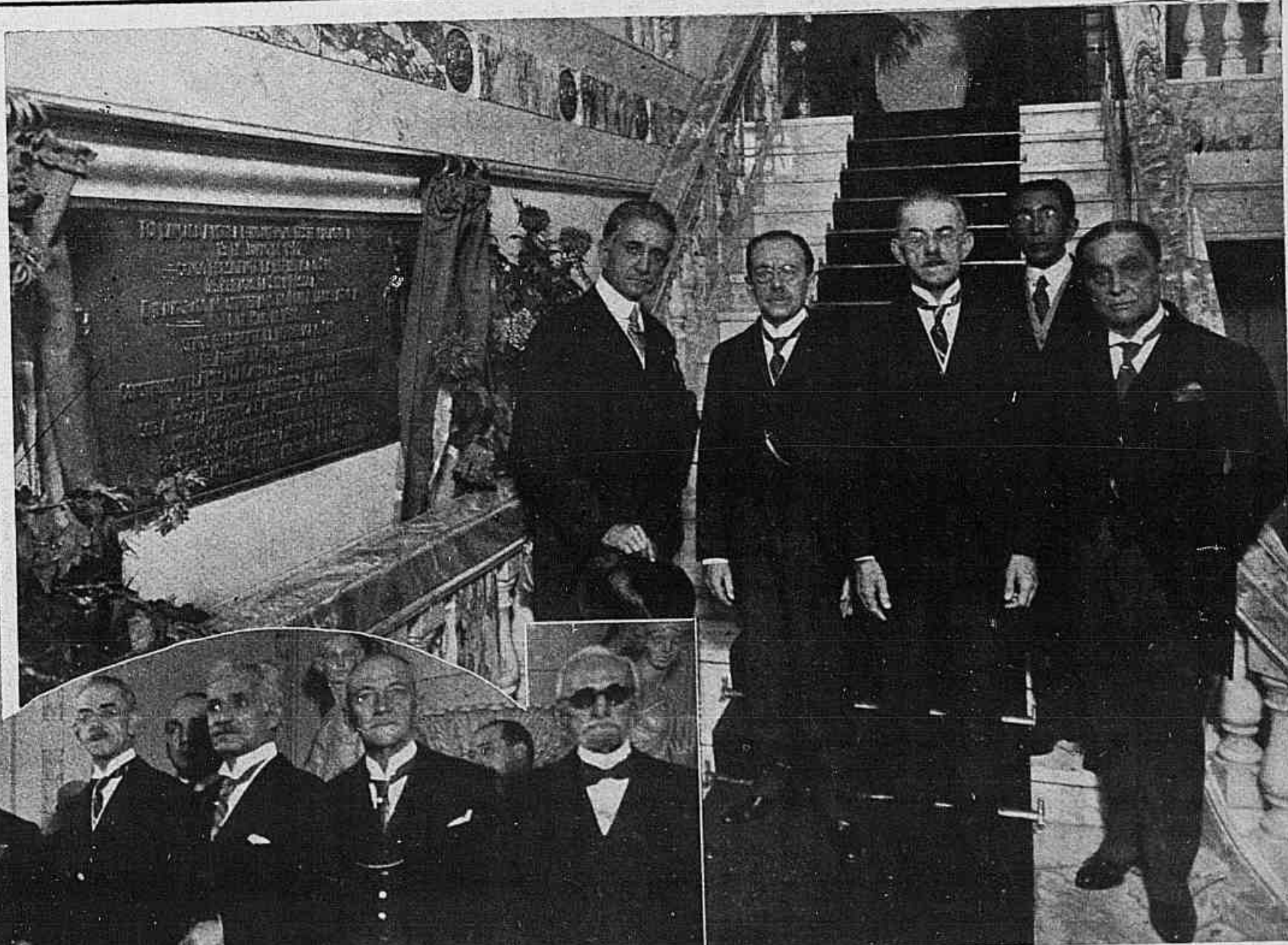
Pois saiba que eu não estava doente, como lhe mandei dizer ao telephone; queria apenas lhe demonstrar que os homens entendem geralmente duma mulher — e por essa presumem conhecer as outras, esquecidos de que não existem duas perfeitamente iguaes. Soube que você se affligiu com o meu estado de saude mas... perdõe, eu não resisti ao desejo de vingar o meu sexo.

Adeus, meu feliz amigo, agradeça aos Céus todo o bem que lhe dá, porque o certo é que você estudou o typo feminino numa mulher toda bondade.

Saudades da

Maria de Lourdes.

O CENTENARIO DO PODER LEGISLATIVO

Commemorando o 1.° Centenario do Poder Legislativo no Brasil, a Camara dos Deputados procedeu á inauguração do seu novo palacio, construido sobre o terreno onde se erguia a Cadeia Velha, historica pela prisão de Ti-adentes, e onde por tanto tempo funccionou esse ramo do Poder Legislativo.

1 — O novo palacio da Camara dos Deputados, sem duvida um dos mais soberbos edificios do Rio de Janeiro. 2 — Grupo feito no novo edificio, após a sua benção, vendo-se na gravura d. Sebastião Leme, que presidiu á solemnidade religiosa; dr. Arnolpho Azevedo, presidente da Camara, e entre outros os deputados Collares Moreira, Domingos Barbosa, Eurico do Valle, Heitor de Souza e Monteiro de Souza. 3 — Grupo feito no salão nobre, após a assignatura da acta da inauguração, vendo-se no primeiro plano, da esquerda para a direita, os senhores deputados João Mangabeira, Domingos Barbosa, Octavio Mangabeira e Heitor de Souza; presidente José Augusto; ministros Felix Pacheco e Annibal Freire; dr. Estacio Coimbra, dr. Arnolpho Azevedo, presidente Carlos de Campos;

ministros Affonso Penna Junior, Edmundo da Veiga, Setembrino de Carvalho e Miguel Calmon; deputados Nelson Catunda e Manoel Duarte, senador Miguel de Carvalho 4 — Aspecto do recinto durante a sessão solemne, vendo-se á esquerda a tribuna occupada pelo corpo diplomatico. 5 — A placa commemorativa inaugurada no novo palacio, vendo-se ao lado, da esquerda para a direita, os senhores dr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; ministro Edmundo da Veiga, secretario da Presidencia da Republica; dr. Arnolpho Azevedo, presidente da Camara dos Deputados; deputados Monteiro de Souza e Heitor de Souza. 6 — O dr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica, assigna a acta da inauguração do novo edificio. De pé, da esquerda para a direita, os senhores deputados Geraldo Vianna, Baptista Bittencourt, Monteiro de Souza, Heitor de Souza e Arnolpho Azevedo, presidente da Camara; senador Pereira Lobo, deputado Bianor de Medeiros e ministro André Cavalcanti, presidente do Supremo Tribunal.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

JORNALISTAS ARGENTINOS

Grupo feito diante do Hotel Suisso após o almoço que os empregados da Leopoldina Railway offereceram ao sr. Monteiro da Fonseca, primeiro funccionario da Companhia que gosa dos favores da nova lei dessa ferro-via que concede aposentadoria aos seus servidores que contarem mais de trinta e cinco annos de serviço. O homenageado está de branco no primeiro plano.

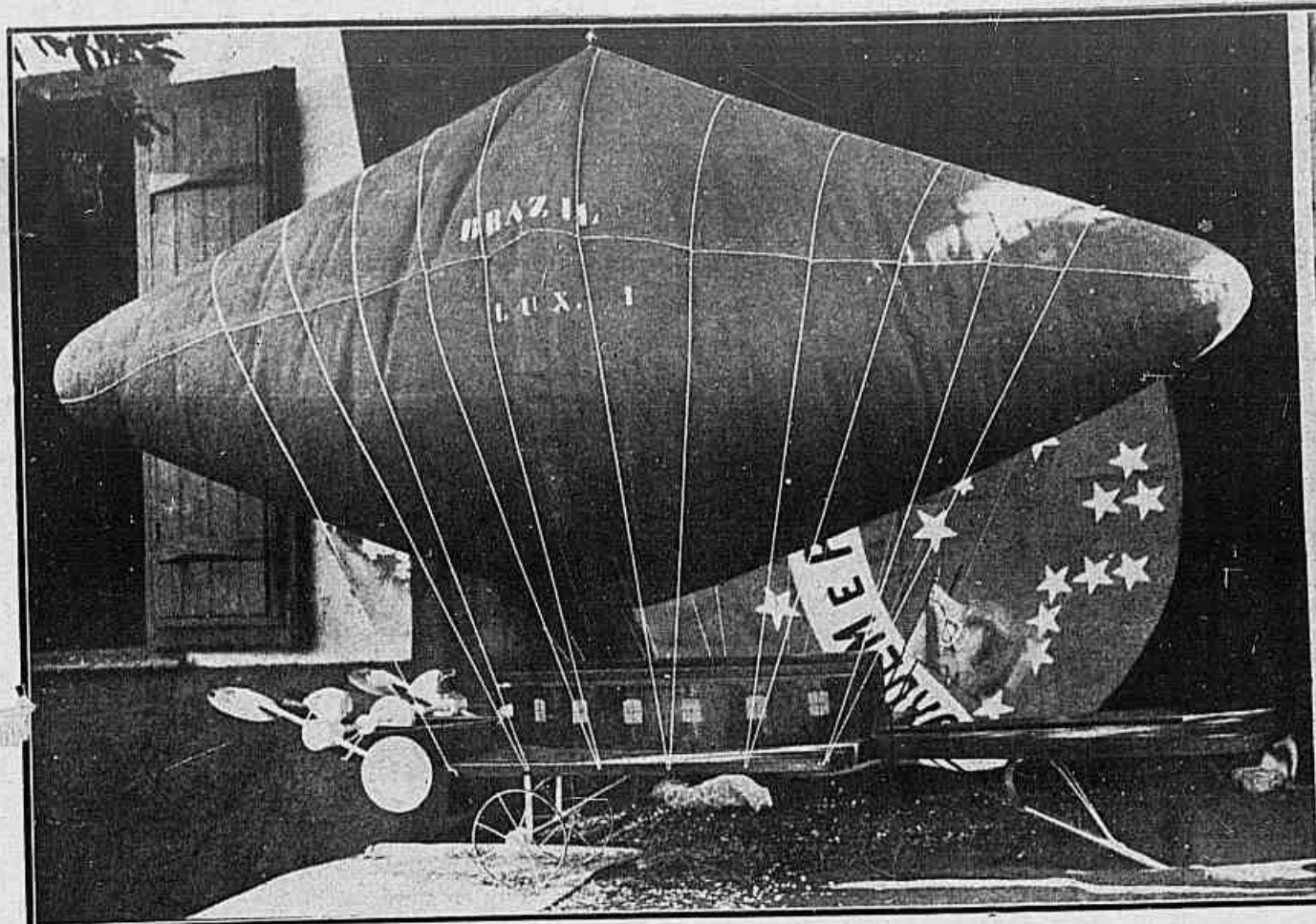
Os chronistas theatraes argentinos srs. José Quaratino, Aristeo Salgueiro e Enrique Fox, já a estas horas de regresso a Buenos Aires, levaram sem duvida do Rio de Janeiro saudades eguaes ás que deixaram entre os seus confrades cariocas. São tres rapazes de bella intelligencia, cultura ampla e esmerada, captivante cavalheirismo. A sua educação moderna de homens de imprensa permittiu-lhes estudar rapidamente a nossa cidade, os nossos costumes, as feições curiosas e proprias da nossa vida, com uma boa dóse de affeição e de gentileza é certo, mas tambem com uma agudeza de observação e uma nitidez de aprehensão cujo resultado vale por uma longa monographia e quasi diriamos uma bibliotheca. Era isso que os tres brilhantes hospedes deixavam patente e sobremaneira faziam apreciar nas suas palestras. E tal o encanto da visita com que honraram a *Revista da Semana*.

A nossa sociedade e especialmente as rodas literarias e theatraes prestaram aos tres jornalistas as homenagens mais altas e mais carinhosas. E os chronistas theatraes do Rio offereceram aos seus collegas portenhos um almoço que se realizou no Jockey-Club e ao qual compareceram, como se vê na nossa gravura, da esquerda para a direita, os srs. João de Deus Falcão, Gastão de Carvalho, Mario Nunes, João Luso, Enrique Fox, Baptista Junior, José Quaratino, Jarbas de Carvalho, Aristêo Salgueiro, A. Ribeiro e Tito Soares.

Grupo feito no Country Club por occasião da centesima reunião do Club de Senhoras da Igreja Unida do Rio de Janeiro (The Guild of the Union Church).

A ESTAÇÃO DE OPERA

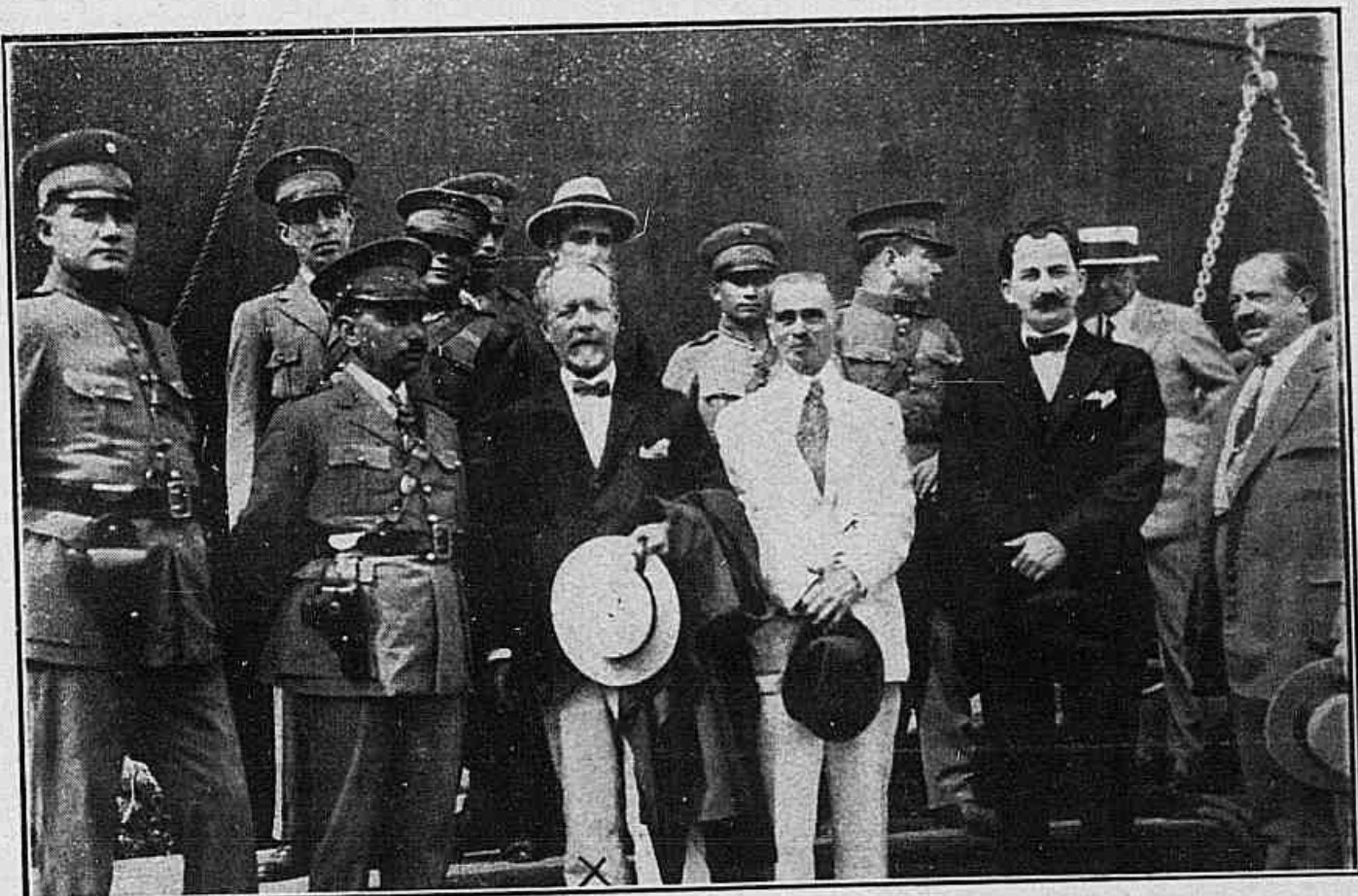
O Rio de Janeiro attrahiu este anno quatro companhias lyricas. Duas, de feição modesta, fizeram já as suas temporadas, ambas com exito formidavel. Restam as outras duas, as pomposas, as exigentes, as de luxo. A que vem para o Lyrico abriu já a sua assignatura e, logo nos dois primeiros dias, ella attingiu quatrocentos contos de réis. E' o facto positivo, a suprema eloquencia dos algarismos... Sempre os cariocas gozaram de excellente fama de musicophilos. Todas as celebridades do canto, todos os *virtuosi* illustres aqui encontraram o exito material e o enthusiasmo glorificador que os seus meritos reclamavam. Outros artistas de valor excepcional mas ainda não reconhecido aqui vieram receber a primeira consagração. Assim, pois, o prestigio da capital do Brasil perante a arte musical é coisa indiscutivel e que vem de longe. Ninguem, porém, acreditaria ha apenas um lustro que, no correr dum inverno, o Rio de Janeiro hospedasse quatro companhias, das quaes uma, pelo menos, egual ás melhores que se tenham organizado no mundo.

Na madrugada do sabbado ultimo chocaram-se entre Engenheiro Neiva e Guaratinguetá os dois primeiros nocturnos sahidos na noite de sexta-feira de S. Paulo para o Rio e desta para aquella capital, tendo havido algumas victimas a lamentar. A nossa gravura mostra um impressionante aspecto do local.

Realizou-se no domingo ultimo a visita ao *fac-simile* do apparelho que o padre Joaquim Ignacio ideou ha quasi meio seculo para a navegação aérea pelo systema mixto, e do qual a *Revista* já se occupou não ha muito tempo. A' esquerda: o *fac-simile* do apparelho que, se tem pouca significação actual, representa, em attenção á sua epocha, um invento maravilhoso; á direita: o padre Ribeiro, a commissão executiva do apparelho e convidados.

Grupo feito no Assyrio após o almoço que os collegas de turma offereceram ao dr. Lourenço Mega em virtude da sua eleição para o Conselho Municipal.

Com effeito, não se conhece ainda o elenco da companhia que virá fazer a temporada do Theatro Municipal, embora haja certeza de que não pode ser constituida de elementos obscuros nem inferiores. E, quanto á que vem occupar o Lyrico, basta passar os olhos pelos nomes que a compõem para se ter ideia de qualquer coisa de soberbo e esplendoroso. As tradições de gloria do velho theatro soberbamente se vão reavivar. Repetir-se-hão as noites triumphaes do fim do Imperio e dos primeiros tempos da Republica. Alli cantarão a sra. Claudia Muzio, soprano incomparavelmente admirada na actualidade; a meio soprano sra. Gabriella Besanzoni Lage, de voz e figura egualmente magnificas; o tenor Schippa, de que os assignantes do Municipal guardam tão suave e fina recordação; Lauri Volpi, outro tenor victorioso; o grande baritono Titta Ruffo; o baixo Ezio Pinza... Para que citar mais nomes? Esses bastam, na verdade, como garantia da magnificencia duma temporada em que, para completar o effeito sensacional, o maestro dos maestros modernos, sr. Marinuzzi, regerá, entre as mais bellas e aclamadas obras de repertorio conhecido, duas obras novas para o Rio: *Nerone*, de Boito, e *Turandot* de Puccini.

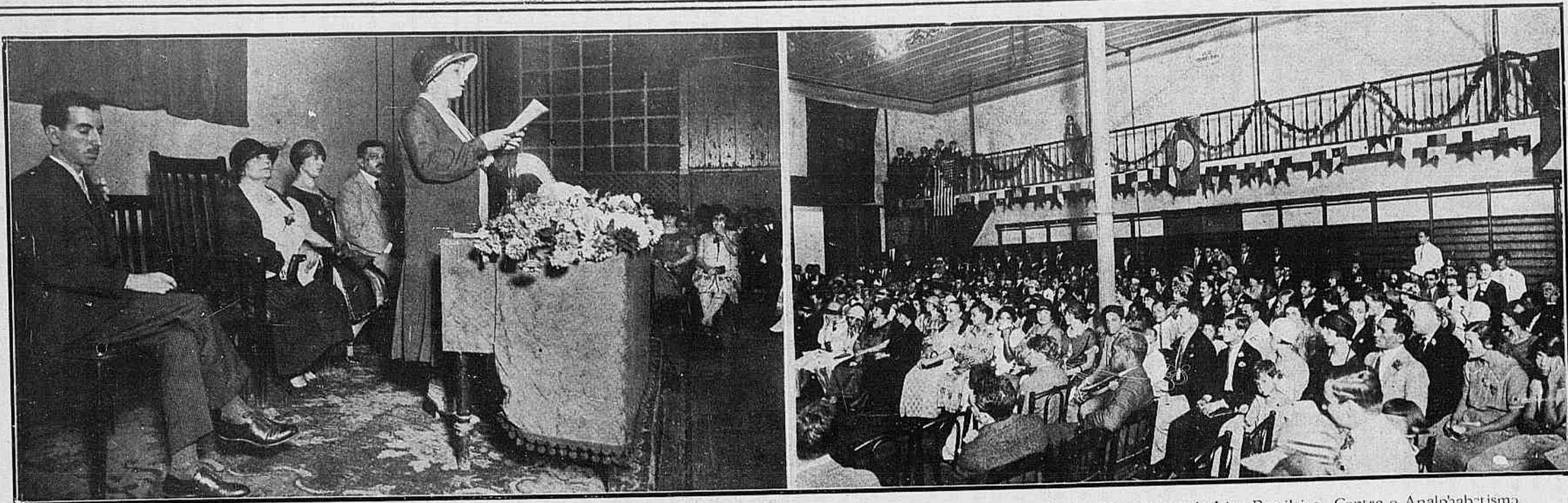
Uma grande companhia que só uma grande cidade, grandemente amiga da arte, poderia acolher e recompensar.

DR. RODRIGO OCTAVIO

Aspecto tirado em Tampico (Mexico) á chegada do nosso illustre patricio, o brilhante jurisconsulto dr. Rodrigo Octavio, que se vê, assignalado, na gravura tendo á direita o general don Pedro C. Figueroa e á esquerda o consul do Brasil em Tampico, sr. Arthur F. Machado Guimarães. O nosso illustre patricio, que teve a alta missão de arbitro nas reclamações franco-allemãs no Mexico, já se acha de volta ao Brasil.

Vanguarda

Inaugurando na quarta-feira transacta as suas novas installações, *Vanguarda* assumiu a sua feição definitiva no periodismo carioca, onde conquistou pelo seu brilho, um posto de extremo destaque. Jornal moderno, de feitura sympathica, com excellente redacção e salutar orientação, *Vanguarda* appareceu conquistando immediatamente geraes sympathias e, vencendo garbosamente todas as etapas, apresenta-se agora dotada de machinas modernissimas e installada condignamente em amplo predio de tres pavimentos.

Registrando a transformação material por que passou a *Vanguarda*, que é, sem favor, um dos mais brilhantes vespertinos cariocas, a *Revista da Semana* congratula-se com o sympathico diario do Rio, apresentando-lhe affectuosas felicitações pelo acontecimento, notavel na sua fecunda e soberba carreira, que lhe permittirá melhor ainda, se possivel, servir o publico carioca que o distingue com tão inequivoca sympathia.

A' esquerda: uma das novas machinas de *Vanguarda*; á direita: o nosso brilhante confrade Ozéas Motta, director de *Vanguarda*, em seu gabinete de trabalho; ao centro: o predio da rua do Rosario onde acaba de se installar a *Vanguarda*.

A Associação Christã de Moços, conforme procede annualmente, levou a effeito no domingo ultimo, com a collaboração da Associação Christã Feminina e da Liga Brasileira Contra o Analphabetismo, a commemoração do *Dia das Mães*. As nossas gravuras mostram dois aspectos dessa linda festa consagrada á piedade materna.

CHRYSANTHEME

Chrysantheme escrevendo o seu novo livro *O que os outros não vêem*, que apparecerá brevemente.

Chrysantheme, a festejada escriptora patricia, cujos livros são lidos com agrado geral e cujos artigos illustram as paginas da nossa imprensa com accentuado relevo, vae dar-nos um novo livro. *O que os outros não vêem* é o titulo da nova obra da auctora de "Vicios Modernos" e desde já podemos affirmar que esse livro de Chrysantheme terá a mesma leveza de estylo e os mesmos predicados de observação que os demais com que a illustre escriptora tem enriquecido a nossa litteratura.

O que os outros não vêem apparecerá brevemente, para merecer os encomios com que a critica tem recebido sempre os livros de Crysantheme.

"A SEMANA"

"A Semana", o brilhante hebdomadario paraense de Edgar Proença, entrou no oitavo anno de existencia, dando-nos, em commemoração da nova etapa vencida, um numero especial admiravel, que é um verdadeiro livro.

Esse numero, com o ser um soberbo repositorio da vida paraense, é um attestado da mentalidade dos filhos do grande Estado do norte que, em prosa e verso, lhe enchem as paginas organizadas com arte e finamente executadas.

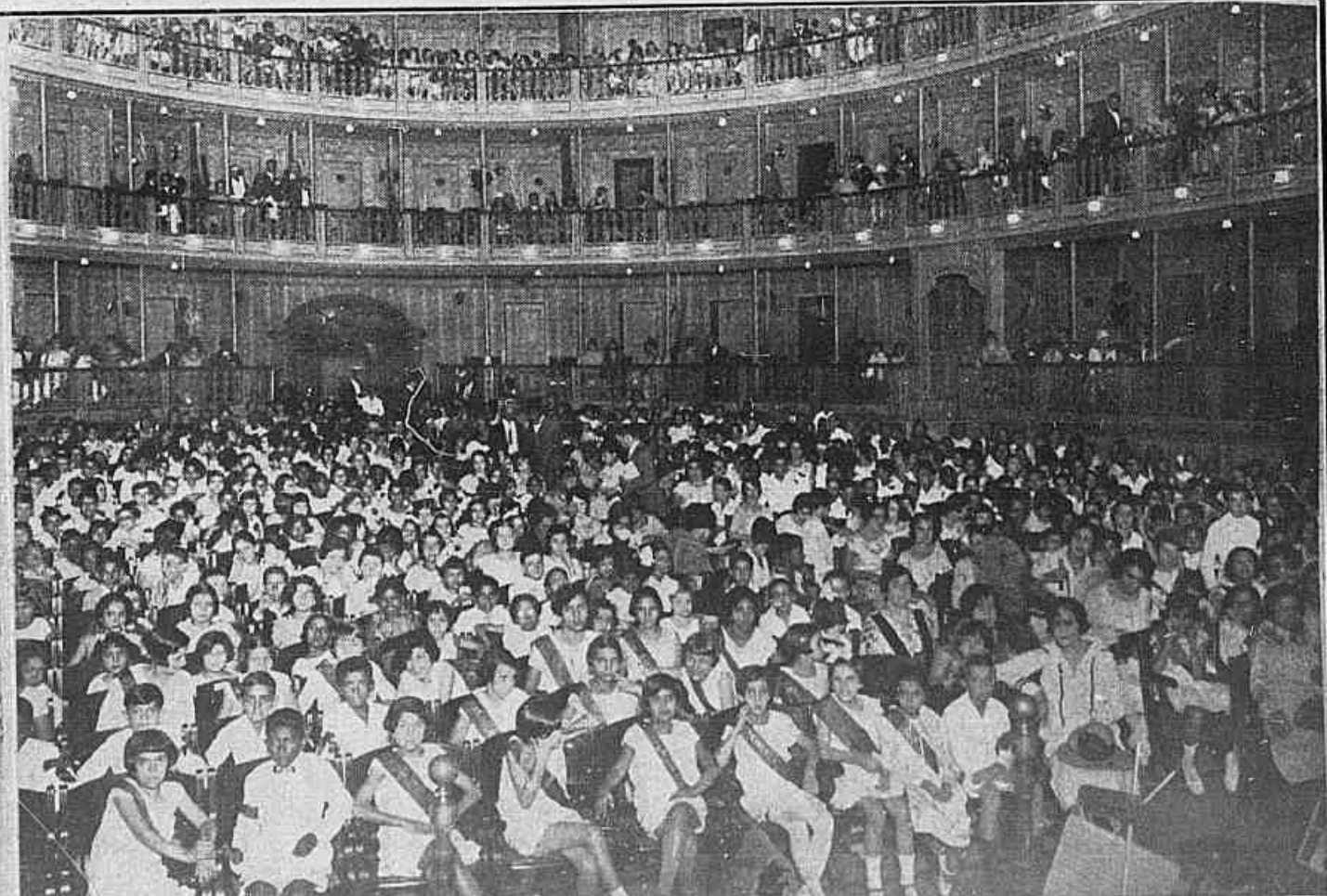
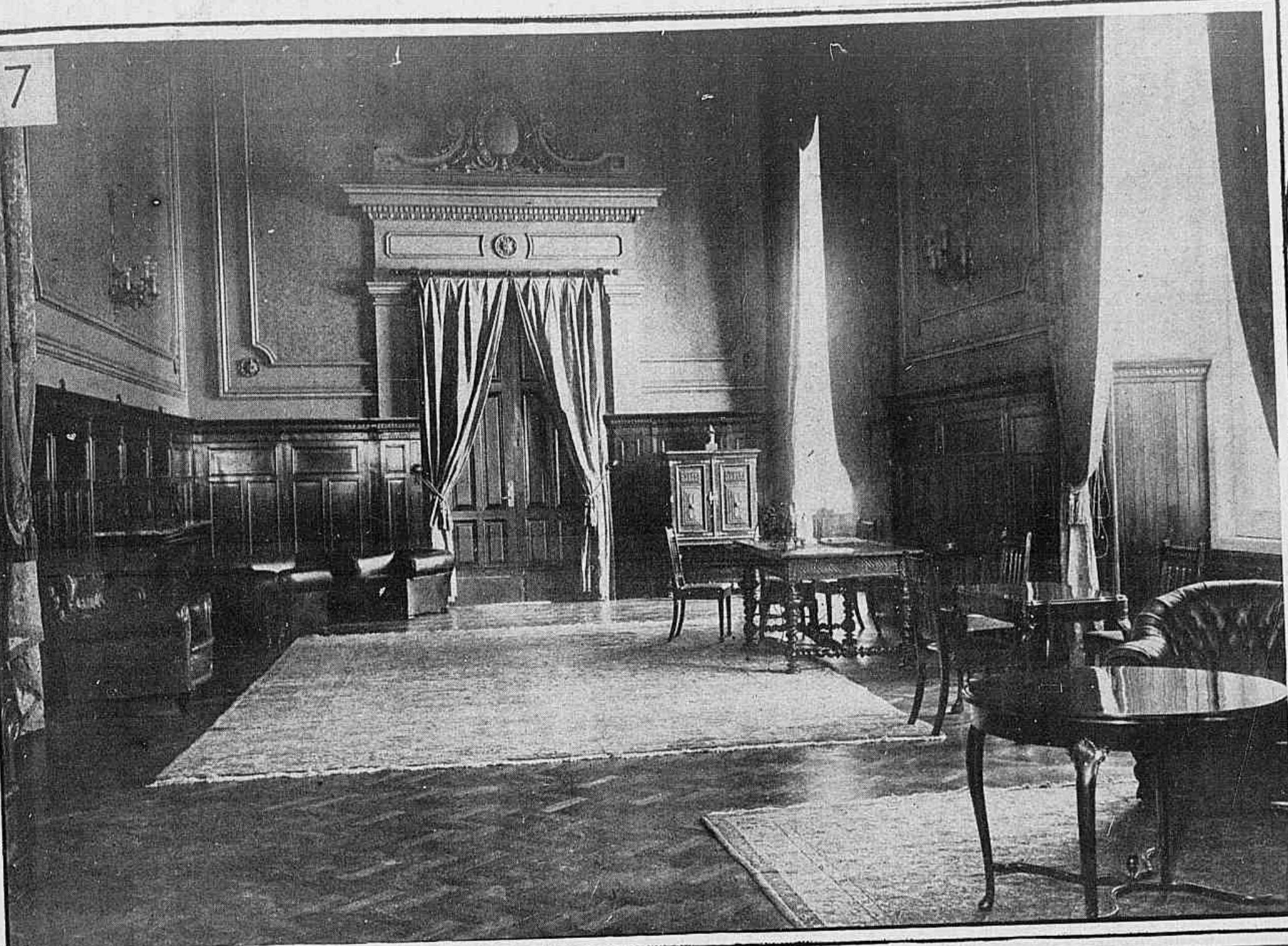
Congratulamo-nos com "A Semana" pelo brilhante numero que nos deu e com Edgar Proença pelo exito do seu grande esforço.

JOÃO REIS

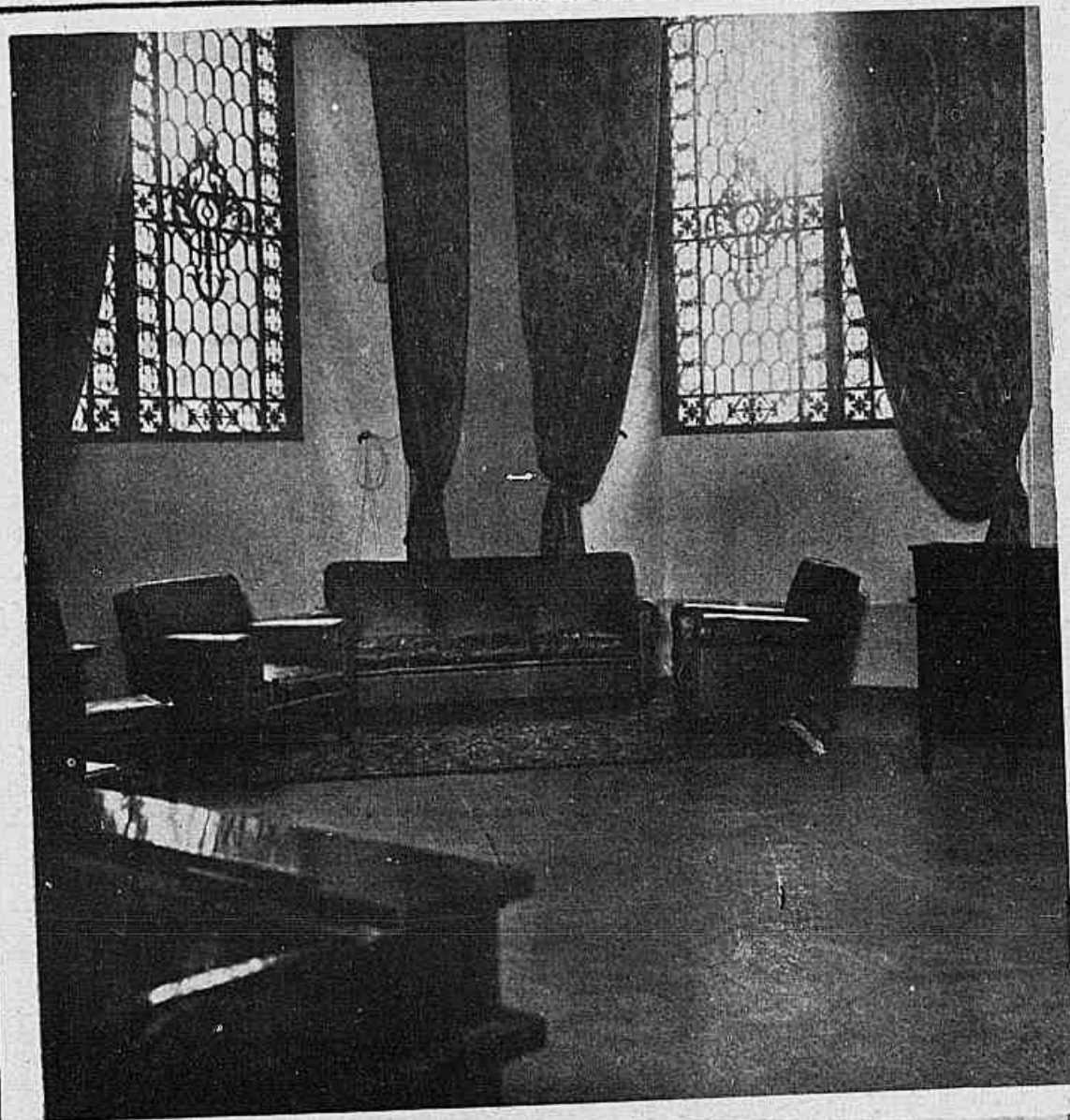
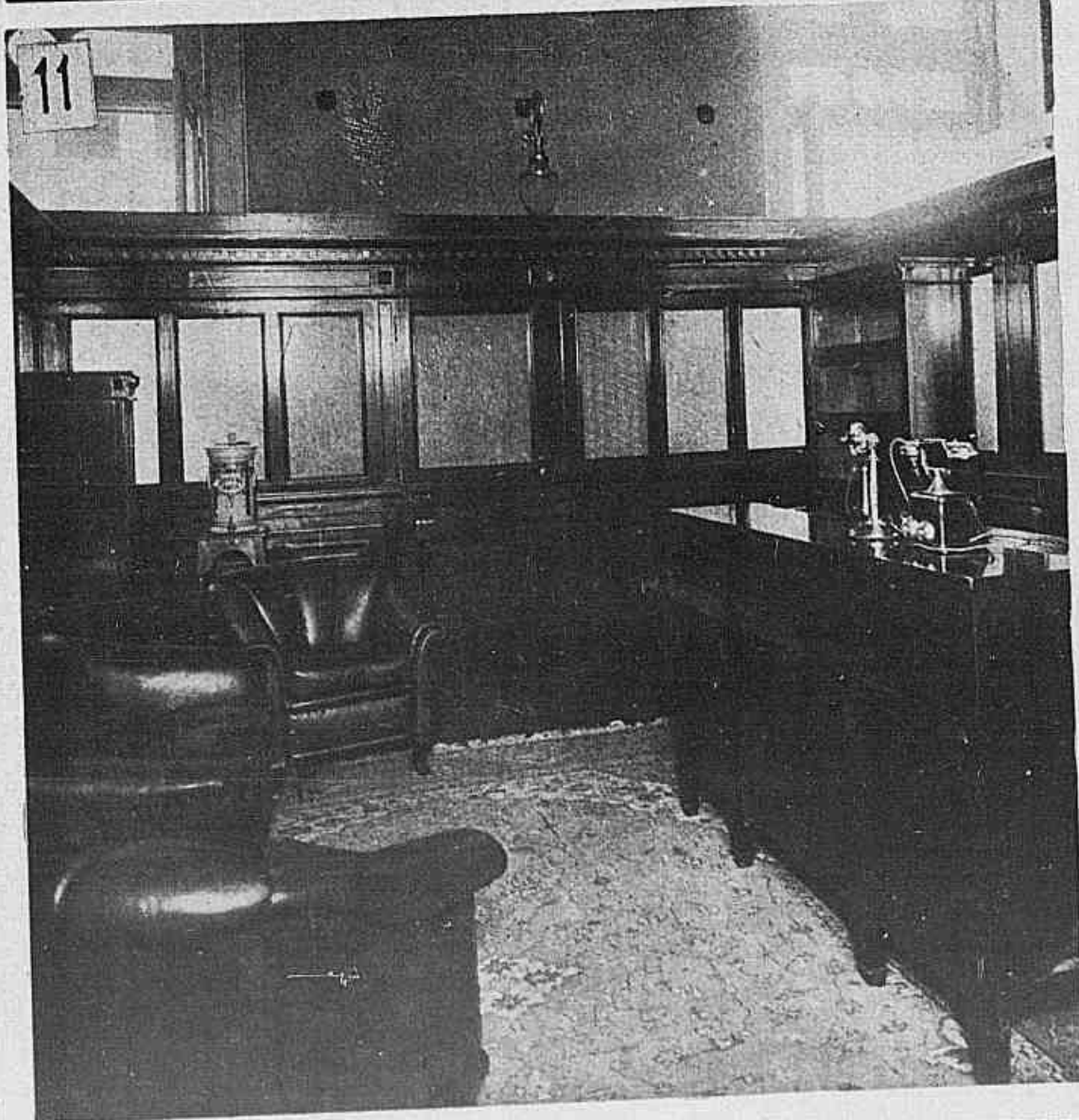
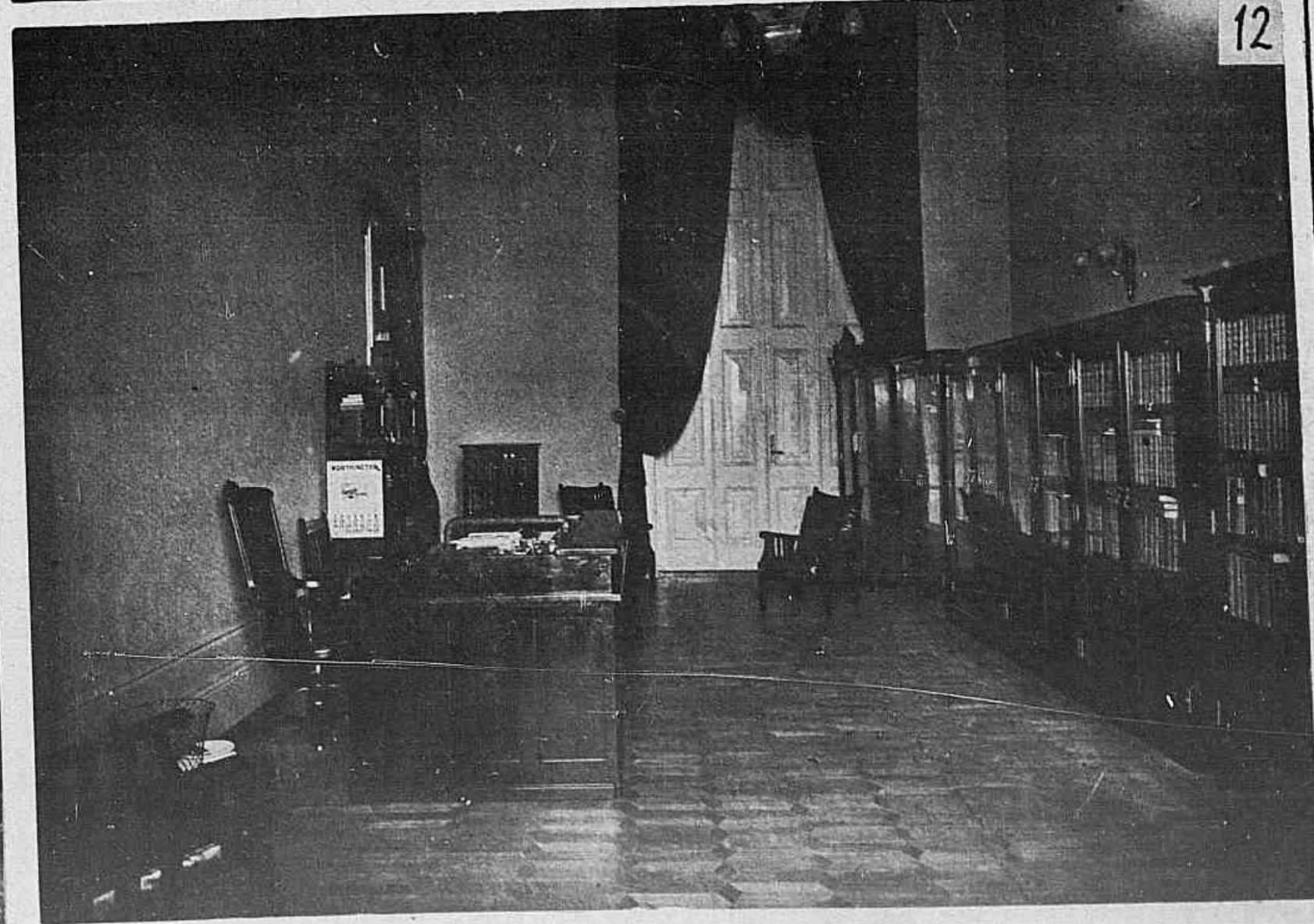
Esteve no Rio, de passagem, o joven e festejado pintor João Reis, vindo de Lisbôa. João Reis, que seguiu para São Paulo, vae fazer nessa capital uma exposição de quadros de seu pae, o grande pintor portuguez Carlos Reis, e seus tambem.

O Brasil conhece e admira, ha muito, a arte dos dois illustres pintores, e é com prazer que irá contemplar as novas telas de Carlos e João Reis, dignas sempre de estima e sempre recebidas com inequivocas demonstrações de agrado.

João Reis foi carinhosamente recebido no Rio, onde, a par da sympathia que envolve o seu nome de artista brilhante, conta excellentes amizades devidas á sua figura de cavalheiro; e é de esperar tenha tido em São Paulo uma recepção na altura do seu valor artistico, realçada ainda mais pela circumstancia de ser o portador das telas primorosas do seu illustre pae, o grande pintor Carlos Reis, tão justamente apreciado por toda parte pelo seu immenso valor.

Grupo de senhoras e senhorinhas presentes ao chá offerecido pela Associação Christã Feminina á imprensa carioca.

Aspectos tirados no Theatro João Caetano por occasião da audição da opera nacional *O Guarany*, audição essa offerecida pela Mesa da Camara dos Deputados, commemorando o centenario do Poder Legislativo, ás creanças das escolas primarias.

O Banco do Brasil é um factor preponderante das finanças e da vida administrativa do Brasil, como banco emissor, dentro dos moldes adoptados pela sabia orientação financeira do governo Arthur Bernardes, que encontrou na personalidade suggestiva do dr. James Darcy um auxiliar precioso.

---

1 — Dr. James Darcy, presidente do Banco do Brasil. 2 — O majestoso edificio onde se installou o Banco do Brasil a 4 do corrente. 3 — Entrada da nova séde. 4 — Parte superior da rotunda. 5 — Sala da gerencia, no pavimento terreo, á esquerda de quem entra. 6 — Vestibulo para onde convergem os guichets que servem ao publico. 7 — O magnifico salão do presidente do Banco. 8 — Dr. Rodolpho Ambronn, gerente da matriz do Banco. 9 — Um lindo recanto do gabinete destinado ao director da Carteira Cambial. 10 — Salão nobrs, em cujo recinto se realizarão as assembl as geraes dos accionistas. 11 — Sala typo dos gabinetes dos directores. 12 — Uma das dependencias do gabinete da presidencia: bibliotheca.

O que pensa a mulher brasileira da moda e da dansa

TENDES hoje, minhas illustres convidadas, a prova do que vos respondi pelo telephone: a minha *enquête* não terminou; e nem poderia ter terminado, conforme suppuzeram algumas de vós, visto não terem sido ainda publicadas as respostas de alguns dos mais elevados expoentes da nossa intellectualidade feminina.

Se esta pagina sobre a dansa e a moda deixou de figurar nos dois ultimos numeros da «Revista da Semana», foi devido unicamente á grande reportagem photographica que, sendo de actualidade e não podendo portanto ser adiada, encheu o numero de paginas que a «Revista» destina ao seu texto.

Continúam pois as respostas, autographos e photographias d'aquellas que tão gentilmente accederam ao meu convite, tornando-se as verdadeiras collaboradoras desta pagina.

Heloisa Lentz

SRA. VIRGILIA STELLA DA SILVA CRUZ (*Rachel Prado*). — Autora dos "Contos Primaveris". Collaboradora da "Revista da Semana" e "Illustração Brasileira".

A Moda é uma *rainha* cujo poderio é extraordinario!

Ella impõe ás suas vassallas as ordens mais absurdas e todas cumprem-n'as porque não querem desgostal-a.

Não ser sua amiga é ser *démodée*. Na sua simplicidade graciosa a moda é encantadora.

E é megéra terrivel quando dicta cousas extravagantes que suggestionam creaturas futeis que pela moda tudo sacrificam.

Sra. Virgilia Stella da Silva Cruz (Rachel Prado)

Se o seculo é das emancipações... as mulheres deveriam libertar-se desse jugo autoritario.

As mais intelligentes deveriam adoptar este criterio: — estar na Moda é dispendioso e ás vezes ridiculo; portanto, fazerem a moda a seu gosto e com aquillo que lhes conceda a posse material.

Emfim, seguir irreprehensivelmente a moda é ser sua escrava. Adoptal-a discretamente, sem exagero, é ser intelligente e livre. Moda, cousa transitoria! Não vales, por um momento de enganosa apparencia e reluzente brilho, as lagrimas de muitas horas e, ás vezes, de toda a vida!

* * *

A choreographia tem preoccupado todos os povos e tem impresso em cada um delles o cunho de uma arte requintada ou a nevrose doentia de uma época. A dansa é uma arte bella e como exercicio para aprimorar o physico é excellente!

Outr'ora, as religiões barbaras ou civilizadas executavam os seus rituaes com dansas e canticos.

No Egypto, a dansa astronomica foi um successo!

Eram lindas as festas do Equinocio da Primavera para celebrar a volta de Osiris.

Representavam todos os signos do Zodiaco e os planetas com os seus satellites. Dizem que a dansa que divertiu os primeiros Pharaós foi a *dansa do ventre*, chamada naquella remota época o "passo da abelha".

Fôram a Persia, a Chaldeia, a Syria e a Turquia que instituiram os bailes mascarados e não a Italia, a formosa *Veneza* como se suppõe.

As dansas com tregeitos abdominaes, que nasceu no Cairo e se installou na Argelia, é na actualidade o americanissimo "shimmy" que avassalou o mundo.

Catharina de Médicis, no seu reinado, pôz em uso os grandes bailados caracteristicos.

Richelieu organisou bailes allegoricos muito divertidos, e elle proprio escrevia os motivos para as dansas.

No reinado de Luiz XV quasi toda a côrte procurava os mestres de dansa mais afamados para aprender o minueto. Os velhos poetas e romanceiros da antiga França faziam questão de que as suas canções fossem interpretadas pela dansa e sentiam no meneio de attitudes, na gracilidade dos gestos a expressão viva da sua arte.

Na Grecia, as festas de Corynthios de Athenas e dos Dyonisios eram executadas com dansas bizarras.

As dansas hellenicas aprimoraram a belleza da raça.

Os adolescentes executavam-n'as nos jardins publicos com os cabellos ao vento e tunicas curtas bordadas a ouro.

Foi delles a dansa dos cymbalos e da *écharpe*.

Depois a dansa das guirlandas de rosas, nas aiandinhas, foi o seu maior enlevo.

Emfim, a dansa em todas as épocas tem feito a humanidade perder a cabeça e até São João Baptista, fascinado pela terrivel Herodiade, perdeu a sua.

Como vêem, sou fervorosa admiradora das dansas classicas que felizmente já vão renascendo entre nós. Mas abomino as dansas de salão que revelam o espirito materialista da época. Para a balburdia dos *jazz-bands* e complicações futuristas na arte actual — só mesmo o grotesco dos requebros de origem barbara na dansa moderna.

Rachel Prado

SRA. ELVIRA RODRIGUES. — Auctora de "Molde de Taça", livro de phantasias que será brevemente publicado. Já collaborou no "Correio da Manhã" e é collaboradora da revista "Risos e Sorrisos" de Bello Horizonte.

A moda e a dansa — eis o que mais atormenta e delicia simultaneamente o espirito feminino.

Oh! A dansa! Desde as mais longinquas éras que ella faz vibrar as almas numa volupia ás vezes criminosa — Salomé dansando toda núa, na sua esplendida nudez, bailando, bailando torcicolosamente...

O rythmo da dansa era o rythmo do crime.

A dansa me exalta. Ella desperta o optimismo. Qualquer bailarino irradia contentamento, alegria sã. Em summa, é-se feliz quando se dansa.

Sinto a alegria da dansa. E quizéra bailar, rodopiar pelo mundo a fóra, arrebatando sêres e cousas, numa orgia louca, e dizer como o vento no sybilar fresco do seu bailado nomada: "Bailae commigo, bailae...

***

A moda — essa simplifica-se girando em volta das ultimas tendencias para o nú artistico. O quadro é feito para ser emoldurado. Cobril-o seria falta de esthetica e... uma calamidade para as vistas masculinas.

Sra. Elvira Rodrigues

Repudiámos as venerandas saias de crinoline e, a pretexto de harmonisar a linha do corpo, banimos todos os complicados folhos e refolhos que nos davam o aspecto de um recemnascido envolto em cueiros.

Não contentes, ainda simplificámos mais e continuamos a simplificar...

Ora viva! Mas cuidado, ó suavissimas companheiras que exhibis encantadoramente a espiritualidade duma perna! Meditae um pouco na evolução paradoxal das nossas roupas. Parece que vamos retrogadando e será cousa mui para ver-se que voltemos aos primitivos e pouco vestiveis trajes dos tempos edenicos...

Um poeta meu amigo já definiu ha pouco o vestuario feminino numa tirada deveras brilhante: "pouco de mais em cima, curto de mais em baixo..."

Elvira Rodrigues

ENCRAVADO nas faldas do morro da Conceição, fazendo esquina com a rua da Prainha, existiu até 1856 um edificio pesadão, de janellas gradeadas de ferro no pavimento terreo, larga porta sempre com a sentinella a guardal-a e, no lado que dava para a ladeira da Conceição, uma janella em fórma de nicho, que illuminava o oratorio dos suppliciados. Era a cadeia do Aljube.

De pequenas dimensões, pois tal casa fôra construida para servir de prisão aos ecclesiasticos delinquentes, depois que D. João VI aqui chegou retiraram os presos que se achavam na Cadeia do largo do Paço e amontoaram-nos ali. O Aljube era uma especie de Bastilha de onde quem entrava raras vezes conseguia sahir. Um preso politico, mesmo que fosse militar de alta patente, era mandado para lá, onde fazia vida em commum com os forçados, ladrões, vagabundos e scelerados de toda a especie.

Viam-se ali na mais completa promiscuidade o negro escravo, que havia fugido da casa do senhor, e o jornalista que havia contrariado a opinião de um ministro ou do intendente de Policia. O carcereiro, que se chamava Silvino, era um desalmado e um venal. Vendia os melhores logares da cadeia aos desgraçados que a sorte para lá arrastava, chicoteava os infelizes presos, sem protecção nem arrimo, e matava de trabalho os pobres negros que lhe eram recommendados como insubordinados, atando-lhes ao pescoço as gargalheiras de ferro e obrigando-os a buscar agua na Carioca para o consumo da prisão. De quando em quando entrava no Aljube um preso que vinha em uma padiola carregada por dois negros. Era um desgraçado que acabava de ser atado ao pelourinho e de ter levado 300, 400, 500 açoutes.

A's vezes, não era um só preso que entrava; eram muitos de uma só vez, sem se perguntar se havia logar e alimentação para elles. De uma feita, entraram de uma só assentada 43 ciganos.

O governo não dava alimento aos presos. Aos que tinham familia ou alguem que lhes chorasse, a comida era para lá levada em um bahú, por um portador. Os desgraçados, os infelizes sem padrinhos eram alimentados pela Santa Casa de Misericordia, que mandava o que podia.

Nestas condições, a fome no Aljube era uma coisa commum.

Uma vez, um negro foi levar a comida a um tabellião que lá estava preso por estellionato. Ninguem desconfiou do tamanho do bahú, que serviu para o tabellião metter-se dentro delle e safar-se.

O carcereiro Silvino não exigia por escripto a ordem de prisão. Bastava que um soldado levasse para lá alguem, para se considerar a prisão legal.

Não havia assentamentos nem escripturação de especie alguma.

O proprio carcereiro não sabia de prompto dizer se tal individuo ali se achava. Muita gente era recolhida ao Aljube sem nota de culpa ou por motivos não previstos na lei.

José Bonifacio mandou para lá um homem por ter mentido; Pedro I mandou varios sem declaração de motivo.

Tendo sido nomeada pela Camara Municipal uma Commissão para dar parecer sobre o Aljubé, esta declarou que a casa tinha sido construida para abrigar 10 ou 20 pessoas no maximo e, no emtanto, lá estavam 390!

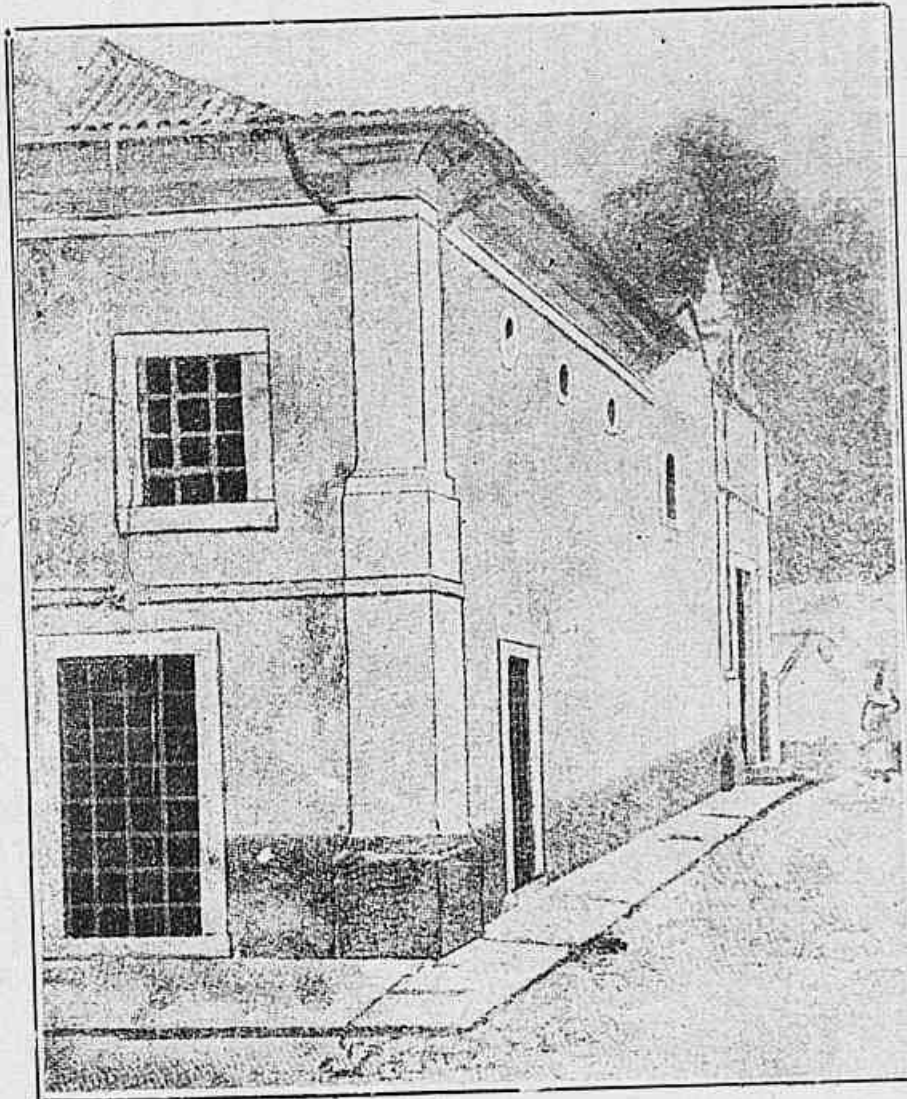
A primeira sala tinha 4 pés de comprimento, 23 e meio de largo e 12 de alto. Devia conter pelo maximo 8 pessoas e tinha 50. A outra tinha 23 e meio em todos os sentidos. Diminuindo-se os espaços occupados por um fogão, uma privada e uma pipa de agua, não podia conter mais de 4 pessoas e tinha 33. A outra sala era a enfermaria; tinha 45 pés de comprimento e 23 e meio de largura. Nella se achavam 52 presos.

Este era o pavimento superior.

Vejamos agora o inferior, por onde se descia por uma porta de alçapão.

Ahi se encontram varias enxovias, entre as quaes a denominada de Guiné, que tem apenas 2 janellas. Estão ahi 85 presos, que dormem em cima de pedras humidas.

Seguem-se mais duas que lhe ficam contiguas. Para ahi são recolhidos os presos que entram muito doentes, para que possam morrer mais depressa ou aquelles que o carcereiro Silvino quer que morram por asphyxia, principalmente no verão. Do lado opposto, acha-se a sala onde o carcereiro Silvino augmenta os seus proventos. Como é a mais arejada ou, melhor, a menos abafada, os que querem para lá ir têm que lhe pagar o que elle exige. Houve um preso que lhe pagou 150 mil réis, quantia que hoje equivale a mais de 500.

A Commissão, da qual já fallámos, ao entregar á Camara o seu relatorio, disse que "tinha sido com grande difficuldade que poude vencer a repugnancia que deve sentir todo o coração humano, para penetrar nessa sentina de todos os vicios, nesse antro infernal, onde tudo se acha confundido: o assassino o mais inhumano com uma miseravel victima da calumnia, ou as mais deploraveis victimas das administrações da justiça. O aspecto dos presos faz tremer de horror; mal cobertos de trapos immundos, elles clamam contra quem os

A cadeia do Aljube.

enviou para semelhante supplicio sem os ter convencido de crime ou delicto algum. Muitos referem que ali estão por não terem meios de adiantar as suas custas; que os seus processos estão indecisos ha 6, 12 e 18 mezes e mais, perante os juizes criminaes de que dependem: o nome de um magistrado é objecto de mil sarcasmos ao tempo que elles juram querer antes morrer de uma vez do que acabar pouco a pouco no meio dos maiores tormentos da fome, do calor e vendo cada dia deterior-se mais a sua saude".

O conselheiro Manoel Alves Branco, quando ministro da Justiça, em 1853, referindo-se á prisão do Aljube, em seu Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa, se expressa do seguinte modo, palavras que transcrevemos na integra, para dar uma ideia nitida do que era essa Bastilha carioca.

"O Aljube tem prisões superiores e inferiores: as primeiras são insupportaveis, mas nada iguala o horror que causão as do nivel da rua: o calor ahi é excessivo, as privadas muito mal construidas e por mais que se lavem exhalão um vapor insuportavel, que ainda mais se augmenta pela grande quantidade do pretos, que ali habitão. Os canos para esgoto das aguas, apezar do concerto que se lhes mandou fazer, não preenchem ainda satisfatoriamente o seu fim e os arredores da Cadeia se ressentem bastante desse defeito. Mas todas estas coisas nascidas do local e pessima construcção do edificio, não iguala á influencia perniciosa dos mesmos presos Naquella habitação do crime, a desesperação procura fazer mal por mero prazer. Os presos muitas vezes entulhão a privada, entopem os canos, só pelo gosto de dar trabalho ao carcereiro e seus subalternos: elles se prestão com muita repugnancia a varrer as prisões: insultão o Caiador, que pretende aceial-as, furtão-se reciprocamente as roupas e vem-se por isso reduzidos a trajar immunda e esfarrapadamente, o que augmenta a immundicie em que vivem.

E' impossivel descrever o horror das prisões das mulheres. Um quarto pequeno ao nivel da rua e debaixo de uma prisão de homens, é a habitação de mulheres de toda a condição que têm a desgraça de cahir no Aljube. A indecencia, a immoralidade, consequencias necessarias de uma reunião de elementos tão heterogeneos, são bem sensiveis para que eu julgue necessario explical-as".

E nestes termos, vão seguindo as palavras do conselheiro Manoel Alves Branco, até terminar a sua exposição sobre a celebre cadeia do Aljube, que constituia naquelles tempos uma vergonha para a cidade do Rio de Janeiro.

Muitos foram os presos celebres encarcerados nas prisões do Aljube. Sem fallar de Ratcliff, João da Silva Loureiro e Metrovich, implicados na revolução pernambucana chefiada por Paes de Andrade, ahi esteve o celebre salteador Pedro Hespanhol, terror da população carioca de 1830 a 1834. Um outro preso, que se tornou notavel, foi um chamado João Cabinda. Condemnado em 6 de Dezembro de 1838 á prisão perpetua, com trabalhos, como assassino de seu senhor Manoel Clemente, por ser um negro musculoso, era sempre chamado para carrasco nas execuções capitaes. Fez esse papel cerca de 6 vezes, motivo por que lhe commutaram a pena em prisão simples por toda a vida.

A cadeia do Aljube era sempre o assumpto principal do Relatorio de todos os ministros da Justiça, que della se queixavam amargamente, mas ficava tudo como dantes, pois os poderes publicos nada providenciavam.

Em 1831 a Regencia Provisoria cogitou de construir uma Casa de Correcção, que ao fim de muitas peripecias foi terminada 19 annos depois.

Em seguida creou-se a Casa de Detenção. Em 2 de Julho de 1856 o governo deu-lhe regulamento, mandando que ella se installasse na parte do primeiro raio da Casa de Correcção, emquanto não fosse construida a parte que lhe era destinada. Foram então transferidos para ahi os presos que se achavam no Aljube, cerrando-se de vez as portas dessa prisão sinistra, e de tão dolorosas recordações.

Fechada de vez a cadeia do Aljube, fizeram-lhe uma rapida limpeza, caiaram aquellas paredes, testemunhas de lamentações e de lagrimas e lá collocaram o Tribunal do Jury. Lá ouviram-se muitas vezes os discursos vibrantes do dr. Carlos Busch Varella, que era nesse tempo o principe da tribuna judiciaria. Julgamentos celebres foram ali realisados, entre outros o dos implicados no assassinio do dr. Julio Langlois Nosser, e o do caso dos estudantes João Capistrano e Alexandre Pereira.

Retirado de lá o Tribunal do Jury, a casa ficou por algum tempo fechada, até que a puzeram abaixo por occasião das transformações por que passou a cidade, quando prefeito o dr. Pereira Passos.

E desappareceram para sempre os vestigios da prisão do Aljube.

HERMETO LIMA

Presos do Aljube carregando agua para a cadeia.

IRONÍA DOS LETREIROS

ARTIGOS PARA HOMENS

DINHEIRO A JUROS EMPRESTA-SE QUALQUER QUANTIA

ALTA NOVIDADE

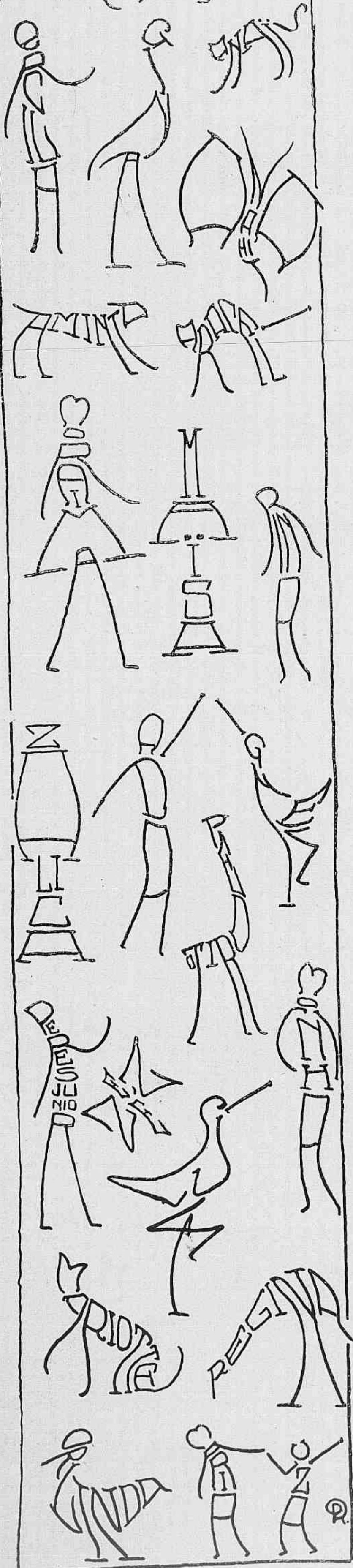
PRODUCTOS DO PAIZ

HOJE! E' AQUI A SORTE!

LIQUIDAÇÃO FINAL

LUXO ELEGANCIA E CONFORTO? — ACOMPANHAE-ME!

LIVRE

RAUL

A MODA

OS CHAPÉUS

Nos chapéus o que tem agora importancia são as copas: estão mais altas, mais amplas, *drapées*, guarnecidas, emquanto que as abas continuam minusculas. Temos ainda, graças a ellas, chapéus pequenos, mas muito differentes d'aquelles da ultima estação.

Abandona-se, pouco a pouco, a aba dobrada atrás, pela aba levantada na frente. Enfeita e rejuvenesce esse formato, mas sob a condição de que os olhos fiquem um pouco na sombra. O formato levantado só de um lado está muito em moda tambem, mas mais difficil de ser usado.

Veremos mais chapéus de palha este anno?

E' de presumir, porque d'esses é que havia em maior numero nas collecções das grandes modistas. Todas as palhas exoticas estão na moda e quanto mais finamente trançadas mais chics são. As mais apreciadas são as Bengala, Panamá, Manilla. Outras fantasias são tambem muito apreciadas: a palha gros grain, a palha perlée, a palha alpaga. Todos se fazem em tons adoraveis, entre os quaes os rosas e os azues dominam.

Este *engouement* pela palha não impede no entanto que os pequenos chapéus de feltro tenham tambem successo. Assim como tambem os chapéus de fita, de tafetá, de gros-grain, tão leves e tão interessantes para serem usados com os tailleurs.

Mistura-se muito o azul marinho com o rosa e não ha nada mais bonito; mistura-se tambem a palha e a fita, o feltro e a palha.

Quanto ás guarnições continuam a ficar no segundo plano. Quando uma joia mantem o drapé da copa ou o levantamento da aba, o chapéu não precisa de outro enfeite. Mas é preciso cuidado em não se usarem imitações muito ordinarias, que bastariam para destruir um chapéu bom. Se não se possue um broche de onyx, de jade ou de coral, é melhor renunciar a estas especies de guarnições e contentar-se com simples enfeites: flores de madreperola, cocardes de fitas, de plumas, pequenas cabeças de passarinhos exoticos, laços simples.

Algumas modistas especialistas no genero continuam a fazer chapeus bordados e confeccionam ao mesmo tempo a écharpe e a bolsa, ás vezes mesmo as luvas. Mas isso não é pratico senão para as pessoas que podem ter muitos chapéus e bolsas.

Cada vez mais se usa a bolsa a dizer com o vestuario, não se podendo ter, como outr'ora, um unico especimen. As grandes bolsas de boxcalf, muito simples e um pouco mas-

ULTIMOS MODELOS

1 — Manteau em popeline beige, golla e punhos em pelle. 2 — Vestido de lã de um só tom, enfeitado com tecido de fantasia. 3 — Vestido em kasha branco. 4 — Saia plissada de flanella branca, blusa de crêpe de fantasia de côres vivas. 5 — Manteau em drapella cinzento muito suave, a pelle que guarnece golla e punhos é em petit-gris.

A TEZ DO ROSTO SE TRANSFORMA FACILMENTE, CLARA OU MORENA

(Da Revista "Woman Beautiful")

A cutis clara, pallida ou rosada estraga-se facilmente muito cedo, porque é muito fina e delicada, diz Lina Cavalieri, uma das mais famosas bellezas contemporaneas. Ao contrario, a cutis morena é mais espessa e, por isso, tende a apresentar um aspecto gorduroso. Tanto para uma como para outra, o melhor remedio consiste no emprego da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que absorve todos os dias um pouco a pelle gasta da superficie, sem prejudicar em nada a cutis delicada e joven que se encontra por baixo. Como resultado obtem-se collocar em evidencia a nova pelle, com o delicado rosado da primeira juventude, o que equivale a rejuvenescer 10 ou 15 annos de idade. A cêra mercolized, que se pode obter em qualquer pharmacia, applica-se como se fosse cold-cream.

MODA INFANTIL

1 — Vestido em crêpe de fantasia, fundo beige com desenhos multicôres, guarnecido de crêpe beige. 2 — Vestidinho em lã branca, barra de lã azul com as bolinhas bordadas com lã azul. 3 — Roupinha em reps beige guarnecida com tiras de pelica vermelha. 4 — Vestido em kasha lilaz, enfeitado com tiras do mesmo tecido roxo.

culinas, conveem ao vestuario sportivo.

Completam o tailleur ou manteau que se põe de manhã, dizendo admiravelmente com os sapatos Richelieu em boxcalf igualmente feitos para a marcha, e com as luvas grossas cosidas á mão.

Desde que o manteau é em velludo ou em setim os sapatos em verniz preto, a bolsa tem de ser outra. E' preciso então que seja em couro mais fino, mais fragil, de tom mais delicado, com um fecho que só elle já é uma pequena joia... em marfim antigo, cornalina, jaspe, marcassite.

As bolsas em chamalote preto são sempre muito usadas á tarde; se teem as iniciaes, essas devem ser muito trabalhadas, em diamantes ou em marcassite, os grandes monogrammas em prata estando mais na nota do sport.

Vê-se tambem á tarde as bolsas em lamé ou em contas, mas é sobretudo á noite que triumpham as pequenas maravilhas d'este genero.

As bolsas da noite são muito pequeninas, podendo conter somente o minusculo lenço, o *bâton* de rouge e pó de arroz, emquanto que as bolsas da tarde continuam a ser grandes, mas bem chatas, o que as torna tambem pouco praticas.

Conselhos Sociaes

A FRANQUEZA
E AS CONSELHEIRAS

Todos conhecem uma ou mais pessoas que não hesitam em dizer na cara verdades desagradaveis, que irritam as pessoas menos sensiveis.

Umas fallam em nome da franqueza, outras nem procuram desculpas: fallam porque essa é a sua vontade. Essa maneira de agir provoca inimizades, luctas surdas, ás vezes brigas de que se dissimula ao publico a verdadeira razão.

Desnaturar a franqueza, essa nobre qualidade do coração e do espirito, seria já um mal; mas tornal-a uma mestre censura que repara em tudo e não deixa passar nada é peior ainda.

Deixemos áquelles que se approximam de nós o cuidado de se julgarem elles proprios, se o puderem, mas não os obriguemos com argumentos sem bondade. O excesso da franqueza é um allivio que damos aos nossos nervos quando elles soffrem de não poder reformar nos outros uma coisa que os irrita.

A verdadeira franqueza tem um outro aspecto; sabe calar-se quando é preciso e respeita nos outros as pequenas fraquezas de que ninguem está exempto.

Se a discussão se trava sustenta-a com criterio, evitando provar uma superioridade discutivel. Salvaguardando no entanto as suas ideias e os seus sentimentos, mas sem diminuir os do seu adversario.

Esta franqueza tem educação e tacto. A outra, pelo contrario, irrita todos na sua passagem e ficando o que abusa da franqueza surprehendido, depois, de encontrar-se só no caminho da vida.

Em geral essas pessoas que tanta facilidade teem de dizer aos outros as verdades não admittem que se chame a attenção sobre a menor falta que tenham commettido: indignam-se, revoltam-se.

Mas ao lado dos apostolos da rude franqueza, d'aquelles que não reteem a censura, colloca-se uma outra categoria de pessoas não menos temidas. São as conselheiras, as mestras.

Essas autorisam-se ou pela idade ou pela ideia que teem da sua superioridade sobre os outros. Estão sempre promptas a dar lições, moralisar, censurar e esforçam-se para nos fazer renunciarmos ao nosso

ponto de vista para adoptar os seus. O assumpto mais sem importancia é-lhes motivo para dicussão.

— Você faz mal em pensar assim!...

«Esse modo de vestir não é proprio para a sua idade... E' muito jovenil, muito ousado... No seu lgoar preferiria uma coisa mais séria...

Naturalmente essas censuras não podem agradar á pessoa a quem são dirigidas.

Então no dominio sentimental o conselho torna-se intoleravel: só se admitte quando é dictado por grande amizade e partindo de uma pessoa que tenha autoridade para isso.

Em geral são sempre mal recebidos os conselhos, ninguem gostando de ser censurado; d'ahi tantas questões de familia, que teriam sido evitadas se todos agistem com um pouco de diplomacia, não somente nas relações com os extranhos como tambem no convivio do lar.

E' muito difficil convencer-se os outros que se tem mais criterio e mais intelligencia do que elles, e fiquem bem certos de que sómente dos paes se supportam sem guardar rancor as censuras, quando já não se está mais na idade de ser corrigido.

Nossa alimentação

O SOMNO DEPOIS DAS REFEIÇÕES

Em principio é um máo habito, e quasi sempre nocivo, dormir depois das refeições, congestionando o cerebro, salvo em circumstancias particulares, como em certas doenças, fraqueza, ou muita idade. Com effeito, as pessôas enfraquecidas, os convalescentes, os fatigados e as creanças teem necessidade de repouso reparador e podem, sem inconveniente, dormir immediatamente depois das refeições; mas o mesmo não acontece com as outras pessoas, sobretudo as de temperamento sanguineo e arthritico, e com aquellas que comem muito.

Habitualmente, a somnolencia depois das refeições é a prova de uma digestão laboriosa, e as melhores precauções a tomar, sobretudo para as pessoas tendo facilmente o sangue na cabeça, é fazer refeições pouco abundantes e ajudar as funcções digestivas com um pouco de exercicio.

E' preciso esperar pelo menos duas horas antes de se deitar. As digestões difficeis embotam a intelligencia, e tornam as pessôas muitas vezes mal humoradas, tristes. E depois, do ponto de vista da gentileza, que figura faz um hospede que, á sobremesa, se sente logo invadido pela somnolencia, que lucta contra o somno e que sente um véu de gaze extender-se cada vez mais sobre os seus olhos?...

MENU

SOPA MOUSSELINE

BOLO DE BACALHAU

ARROZ

OMELETA RECHEADA Á ITALIANA

FILETES DE VITELLA

ERVILHAS E CENOURAS

BOLO DE FARINHA DE BATATA COM GELEIA

PÃO GREGO

SUSPIROS DE AMENDOAS

SOPA MOUSSELINE

Faz-se um caldo de legumes refogado com cebola, manteiga e bastantes tomates; depois de tudo muito bem cozido; passa-se por uma passador e engrossa-se com uma chicara de leite na qual se desfez farinha de arroz; junta-se uma meia colher de manteiga e algumas gemmas, tres ou quatro conforme a quantidade de sopa.

Serve-se com pão torrado frito na manteiga.

BOLO DE BACALHAU

Escolhe-se bom bacalhau, bem claro, que se põe bastantes horas de môlho; depois, tirando-se todas as espinhas e pelles, põe-se para cozinhar em outra agua. Escorre-se a agua e depois de bem desfiado soca-se bastante n'um graal, juntamente com algumas batatas bem cozidas e com meio dente de alho muito bem esmagado. Põe-se dentro de uma panella e esta sobre o fogo, e vae-se despejando lentamente meio copo de azeite ou mais conforme a quantidade de bacalhau empregada. A consistencia deve ser a de um mingáu espesso; logo que se tenha obtido e a massa fique muito lisa junta-se — sem deixar ferver — um bom pedaço de manteiga e duas gemmas de ovo desfeitas n'uma chicara de leite. Dá-se o feitio de um bolo e enfeita-se com pedacinhos de ovo cozido.

OMELETA RECHEADA A' ITALIANA

Faz-se primeiro o recheio. Pica-se bem ou passa-se na machina um pedaço de carne de vacca com um pedaço de presunto, depois soca-se bem no graal com um pouco de miolo embebido no leite e bem expremido, e junta-se um pouco de môlho de carne, salsa picada, algumas azeitonas sem caroço e sal sufficiente; por ultimo um ou dois

ovos. E mistura-se tudo muito bem.

Batem-se bem alguns ovos que se põe para frigir em manteiga n'uma frigideira larga, de maneira que a omeleta fique bem extendida; estando ella prompta, mas sem se deixar tostar, despeja-se sobre um panno, com cuidado para não quebrar, e extende-se sobre ella uma camada do recheio; enrola-se-a em seguida e corta-se em pedaços da grossura de dois dedos; pôr os pedaços n'um prato que vá ao forno, untado com manteiga, pondo-se por cima môlho de carne engrossado com um pouco de maizena, e cobre-se com uma leve camada de queijo ralado. Vae ao forno para tostar.

FILETES DE VITELLA

Depois de ter estado no tempero de vinagre, sal e cebola algum tempo enxuga-se o filete e lardeia-se-o com tiras de toucinho, de lingua salgada ou com pedaços de salpicão e com tiras de cenouras: deve-se dispor essas tiras com alguma symetria. Põe-se em seguida o filete para refogar na manteiga ou gordura, rodelas de cebola e alguns tomates; molha-se com vinho branco e em seguida com caldo de carne, pondo-se dentro um bouquet de cheiros e algumas cebolinhas.

Serve-se com ervilha em grão e cenouras cortadas em quadradinhos.

BOLO DE FARINHA DE BATATA COM GELEIA

Tres ovos, 3 colheres de assucar, 3 colheres de fecula de batata. Bate-se primeiro as gemmas com o assucar até ficarem bem claras, depois junta-se as claras bem batidas e por ultimo a farinha de batata, pondo-se junto com a farinha um pouquinho de fermento inglez e umas gottas de essencia de baunilha ou raspa de limão.

Põe-se para assar em fôrma untada com manteiga.

Deve-se sempre fazer o bolo de vespera, cortando-se no dia seguinte na sua espessura para formar 3 ou 4 fatias conforme a sua altura. Para isso é preciso usar-se uma faca grande e bem afiada.

Untam-se bem as fatias com geleia de damasco, collocando de novo as fatias uma sobre as outras para reconstituirem o bolo.

Depois enfeita-se o bolo com uma leve camada da mesma geleia e cola-se n'ella nozes partidas ao meio, que alternam com amendoas ás quaes mistura-se, para completar a ornamentação, pedacinhos de fructas crystalisadas. Em volta do bolo pinta-se bem com a geleia e semeia-se por cima amendoas bem picadas.

PÃO GREGO

200 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de manteiga, 1 ovo, 30 grs. de assucar crystalisado. Um pouco de leite. Faz-se uma massa bem trabalhada e depois deixa-se a descansar uma meia hora. Enrola-se em rolos bem alongados, que são passados no assucar em taboleiros bem untados com manteiga e põe-se para assar no forno.

SUSPIROS DE AMENDOAS

Pellam-se 400 grs. de amendoas doces em agua a ferver; depois cortam-se em fatias bem finas no sentido do comprimento. Vão a forno brando em taboleiros para ficar bem seccas e ligeiramente coradas.

Põe-se n'uma vasilha 2 claras de ovo e meio kilo de assucar, e mexe-se com uma colher de pau durante uma hora, pondo-se depois umas gottas de sumo de limão ou uma pitada de canella e meia casca de laranja ralada; juntando-se-lhe depois as

amendoas, liga-se muito bem ao assucar. Em seguida com duas colheres vae-se formando os suspiros sobre um taboleiro untado com manteiga.

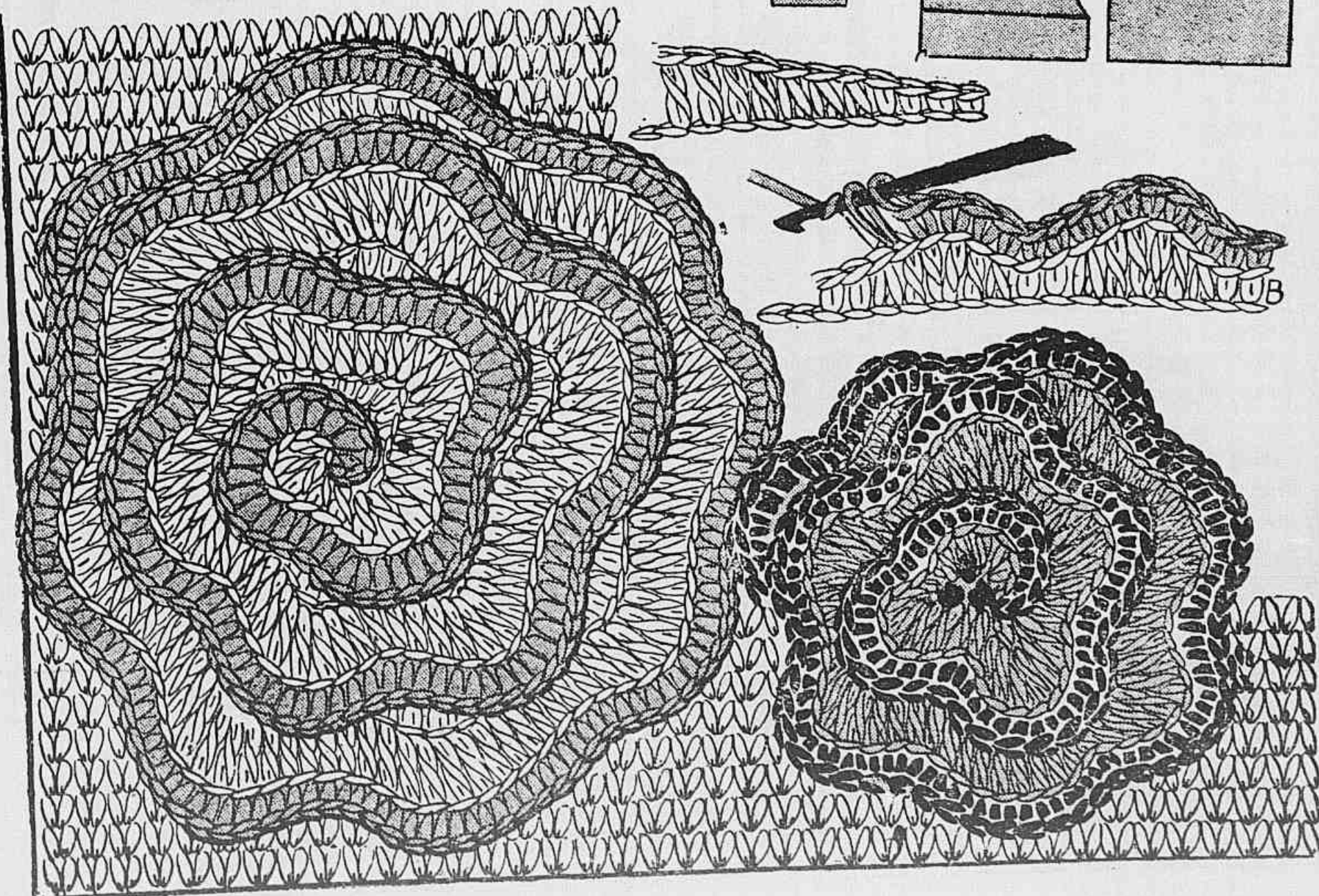
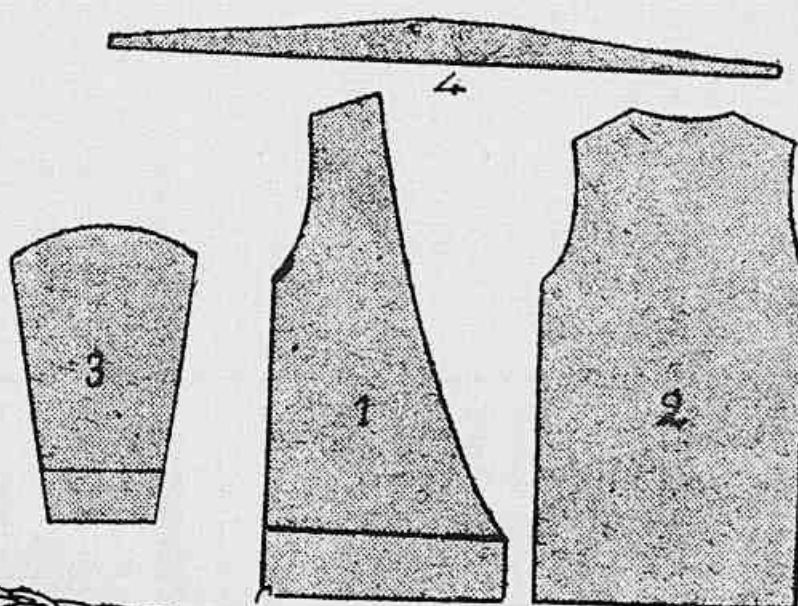
Forno brando, sendo precisas, ás vezes, duas horas para os bolinhos ficarem bem seccos, podendo-se tambem pôl-os sobre uma folha de papel untado com manteiga. Mas para ficarem com aspecto mais bonito põe-se-os em caixinhas feitas com papel, assando n'essas caixinhas nas quaes vão para a meza.

CASACO EM CROCHET DE LÃ

Começa-se por fazer primeiro a barra do casaco que tem uma altura de 15 centimetros e depois passa-se para outro tom de lã que se emprega para todo o casaco, por exemplo: para barra um verde resedá claro e para o casaco o mesmo tom, mas muito mais carregado.

As flôres serão feitas com lã vermelha de dois tons, terminadas com um ponto simples de lã tête de negre.

Como mostra muito bem o modelo que damos, faz-se primeiro a tira completa e depois vae-se enrolando e prendendo com portos escondidos feitos com agulha commum. Essas flôres são applicadas sobre a barra depois do casaco completamente prompto. Já se vê que na parte que cruza sobre a outra não deverá levar flôres.

A écharpe poderá ser feita com lã violeta de parma e as flôres em lã côr de laranja de dois tons, terminadas por um ponto de lã preta; as folhas em lã preta.

—❦—

Preceitos de hygiene

AS ANGINAS

Para quasi todos a angina não é mais que uma inflammação da garganta, uma affecção local. E' esse um erro, como poderão ver; erro deploravel que leva a seguir um tratamento insufficiente, limitado muitas vezes a inuteis gargarejos.

Não fallaremos aqui de todas as variedades de anginas, mas daremos apenas algumas ideias geraes sobre o assumpto. Quando tiverem comprehendido, tratar-se-hão melhor.

A angina, seja ella qual fôr, não é uma *affecção local*: é uma *manifestação local* de um estado geral infeccionado por um elemento microbiano. A garganta, logar propicio para a lucta entre os germens infecciosos e as cellulas defensoras, reage violentamente, mas não se deve deixar hypnotisar por esta reacção local, por esta tumefacção. Atrás, está todo o organismo infeccionado pela acção do microbio ou das suas toxinas. Tomemos um exemplo. Uma creança contráe o sarampo. Examinem a sua garganta! Ella está vermelha, intumecida. Esses symptomas não são na realidade senão os signaes visiveis da invasão do organismo pelo agente

infeccioso do sarampo. A doença está espalhada.

E' por essa razão que não se deve tratar com indifferença a mais simples amygdalite. Ella póde estar encobrindo outra coisa.

Conclue-se d'ahi que o tratamento da angina não se deve limitar aos cuidados locaes, não sendo elles no entanto inuteis, mas é preciso saber escolhel-os. Os gargarejos em geral não chegam bem ao ponto inflammado e é melhor empregar a pincelada feita com uma bola de algodão embebida num desinfectante, mas é preciso não abusar porque irritam a mucosa.

Agora como se deve agir sobre o estado geral. Ahi ha duas coisas a fazer: augmentar a resistencia do doente e favorecer a eliminação. Consegue-se fortificar o doente dando-lhe tonicos e procura-se obter a eliminação pela alimentação liquida.

Em resumo, deante de toda a angina que começa a primeira coisa a fazer é tomar um purgativo. Depois regimen lacteo e tizanas. Beber, beber muito, abundantemente para eliminar, tonificando ao mesmo tempo o organismo com uma chicara de café e *grogs* quentes.

E sobretudo metter-se logo na cama, o quarto podendo ser arejado, mas que não chegue á cama nenhum vento: com taes cuidados depressa se debelará uma angina simples. Mas se verificarmos haver pontos brancos na garganta deve-se immediatamente chamar o medico, porque então póde haver indicações especiaes, necessitadas por uma infecção microbiana mais virulenta.

PENSAMENTOS

Existem negros rochedos batidos pela tempestade, que não teem uma arvore verde nem a mais simples flor rasteira; sobre seus cumes desolados sopra um vento de desgraça; nem para fazer o seu ninho nenhum passaro os quer. O mar, nada mais que o mar no seu grande clamor. O frio sol do Norte que olha essas paragens encontra ás vezes na hora da vasante, encravados na areia, troncos de velhos mastros e restos de quilhas de antigos naufragios e, misturados com velhos pregos enferrujados, craneos dos marinheiros mortos ha mil annos.

Existem pobres corações, no deserto do mundo, condemnados a envelhecer sem nunca terem sido amados. O mundo não vê nada, esses corações são fechados, sómente Deus póde conhecel-os; e quando o seu olhar os sonda não vê no fundo senão estereis destroços — as desillusões dos sonhos e das esperanças.

ANDRÉ LEMOYNE

*

A necessidade de esquecer a terra, a realidade, as suas decepções, as suas affrontas, tão duras ás almas briosas, os seus choques brutaes tão dolorosos ás sensibilidades delicadas, é uma necessidade universal. O sonho mais que o riso distingue o homem e prova a sua superioridade.

*

Sob os seus melhores aspectos olhemos para todas as coisas.

Não nos queixemos das roseiras terem espinhos; mas antes demos graças a Deus que os espinhos tenham rosas.

A. KARR

*

Estragar as creanças é enganal-as sobre a vida porque ella não estraga os homens.

*

A morte não está atrás das montanhas, está atrás das nossas costas.

(Proverbio russo).

Variedades

A ACADEMIA GONCOURT OU A ACADEMIA DOS DEZ

Jules e Edmond de Goncourt deram toda a sua vida o exemplo bastante raro de dois collaboradores fieis. Só a morte do primeiro, sobrevinda em 1870, pôde romper a associação fraternal.

Edmond continuou a sua obra. Continuou tambem a receber, na sua casa de Auteuil, os amigos fieis que elles tinham creado no mundo litterario.

Essas reuniões, onde espiritos escolhidos, sempre os mesmos, se encontravam, tinham já, pela sua regularidade, uma apparencia academica de que ninguem suspeitava ainda, mas que Edmond de Goncourt observava. Havia já bastante tempo que elle meditava sobre os meios de assegurar, depois da sua morte, a continuação d'essas assembléas.

Desde 16 de Novembro de 1884, com effeito redigiu elle o seu testamento e, entre outras coisas, determinava elle o seguinte.

"Nomeio executor testamentario o meu amigo Alphonse Daudet, com o encargo de constituir, no anno da minha morte, á perpetuidade, uma sociedade litteraria cuja fundação foi sempre, todo o tempo de nossa vida de escriptores, a ideia de meu irmão e a minha, e que tem por fim a creação do seguinte:

1° De um premio annual de cinco mil francos destinado a um trabalho litterario;

2° De uma renda annual de seis mil francos destinada aos membros da sociedade.

Para ter a honra de fazer parte da sociedade, será preciso ser escriptor, sómente escriptor; não se receberão nem grandes senhores nem politicos...

A eleição para a Academia franceza de um dos seus membros forçará a demissão d'esse membro e a renuncia á renda".

A primeira lista, formada por Edmond de Goncourt, continha os seguintes nomes:

Théophile Gautier, Flaubert, Barbey d'Aurevilly, Louis Veuillot, Jules Vallès (estes dois nomes juntos mostram quanto era ecclectico o pensamento do creador), Banville, Fromentin, Paul de Saint Victor, Maupassant e Zola.

Depressa começaram a circular esses nomes baixinho. Nenhum protestou. Sómente Jules Vallès, com o seu feitio refractario, se insurgiu e oppoz uma recusa preventiva que provocou, naquella occasião, uma especie de escandalo: "Então Goncourt está troçando da Academia dos 40 e quer fundar a Academia dos 10! Mas ella será mais covarde que aquella que reside em frente á ponte das Artes..."

Bem entendido, o recalcitrante foi riscado da lista. Outros riscaram-se elles mesmos morrendo, como Gautier, Flaubert ou Banville. Emile Zola, tendo manifestado ambições academicas, foi posto de lado. A lista dos Dez ficou assim: "Alphonse Daudet, J. K. Huysmans, Octave Mirbeau, Justin Rosny, Paul Margueritte, Gustave Geffroy, Maurice Barrés, Paul Hervieu, Abel Hermant e Georges Rodemback."

Mas quando morreu Goncourt, no dia 16 de Julho de 1896, os quatro ultimos nomes tinham sido riscados, substituidos sómente por dois — o de Rosny e o de Leon Henrique.

Faltavam ainda dois escriptores para que a nova academia ficasse completa. Faltava lhe ainda uma cousa mais importante: o direito de viver. Com effeito, logo que foi conhecido o testamento os herdeiros legitimos intentaram um processo para reclamar os seus direitos, que elles julgavam lesados.

Foi preciso defendel-a. Raymond Poincaré, então em toda a sua gloria de advogado, tomou a seu cargo a defeza dos ami-

gos de Goncourt e conseguiu vencer, mas não sem difficuldades; foram precisos seis annos para que certos arranjos fossem concluidos com os herdeiros e para que o Conselho de Estado approvasse os actos dos que intervieram, rectificasse as transacções e approvasse os estatutos da nova sociedade.

Durante esse tempo, a morte tinha levado Alphonse Daudet, o amigo querido de Goncourt e seu testamenteiro. Os sete sobreviventes reuniram-se então e escolheram para se completarem Léon Daudet, filho de Alphonse Daudet, Elénin Bourges e Lucien Descaves. Mas, por outro lado, outras difficuldades iam surgir. Edmond de Goncourt tinha supposto que a renda da sua casa de Auteuil e das suas collecções produziria pelo menos dois milhões, o que permittiria á sociedade, pagos todos os direitos de successão e todos os impostos ficar com uma renda annual de setenta mil francos, com que fazer face sobejamente ao que estava estipulado no testamento. Mas a venda não attingiu a quantia esperada; os processos imprevistos e as transacções necessarias desfalcaram o capital. Foi preciso fazer face á situação.

Decidiram que o premio de cinco mil francos, destinados a coroar o livro de um autor, por anno, seria integralmente dado.

Contentando-se os Dez com a renda de tres mil francos em vez da de seis mil, emquanto esperavam que uma capitalisação bem feita permittisse cumprir exactamente o desejo do testador.

Pela primeira vez, em 1902, a Academia Goncourt, bem constituida, se reuniu. Mas, para ella assim como para sua irmã mais velha, a morte bate-lhe á porta com intervallos mais ou menos regulares. Huysmans partiu primeiro, em 1907, depois succedeu-lhe Jules Renard; em 1910, Judith Guatier; em 1918, Henry Céard; em 1924, Pol Neveux.

E' a cadeira que, até agora, teve mais occupantes. Emquanto que na cadeira de Octave Mirbeau tomou lugar Jean Ajalbert; e na de Paul Margueritte, Emile Bergeret, depois Raoul Ponchon.

Tantos desapparecidos em um espaço de tempo tão curto! Mas já o sufficiente para estabelecer uma tradição, porque apezar da Academia Goncourt se defender é já tradicional a seu modo. Sem duvida, as eleições não teem logar sob a Cupula, quer dizer tão solemnemente. Mas tudo se realisa conforme um rythmo já consagrado. Quer se trate de uma eleição para substituir um membro ou de um voto para coroar "o melhor romance do anno", os Goncourtiens reunem-se num restaurante e é no decorrer de um almoço, sempre succulento, que elles escrutinam. Nada de panno verde, mas sim uma alva toalha! Nada de lacaio solemne para annunciar o resultado, mas uma gentil e amavel caixa! Não é já, por mais original que ella seja, uma tradição?

E depois, se se quizesse mesmo procurar, quantas semelhanças não se encontrariam entre a jovem Academia e a velha!

Isto por exemplo: durante muitos annos, Anatole France, aborrecido com as opiniões politicas dos seus confrades, deixou de comparecer á Academia Franceza.

A Academia Goncourt tem tambem o seu refractario na pessoa de Lucien Descaves.

Elle não toma parte no almoço succulento... e tradicional. Contenta-se em mandar por carta o seu voto.

Não é porque elle se desinteresse da sociedade de que elle faz parte já ha vinte e cinco annos. Todas as vezes, pelo contrario, que ella é atacada a defende e ainda ha bem pouco tempo elle escreveu em resposta a criticas injustas o seguinte:

"Aquelles para quem as uvas estão muito verdes, podem fazer careta; mas a verdade é que pelo menos vinte premios litterarios já sahiram da coxa de Jupiter e estão ajudando a produzir e a viver jovens a quem esses premios foram concedidos. Prefiro isso, em todo o caso, aos encorajamentos officiaes que se obtinham, sob a Monarchia e sob o Imperio, compondo cantatas e outros dithirambos do regimen... Queira-se ou não se queira, o nome dos Goncourts vive, e não vive sómente dentro de uma pequena capella onde se entretem a meia claridade e o incenso: a recordação d'elles é o proprio perfume que exhalam os seus livros e que elles espalham por toda a parte."

Lucien Descaves, mais desinteressado que qualquer outro, tinha, mais que qualquer outro tambem, o direito de fallar d'esta maneira.

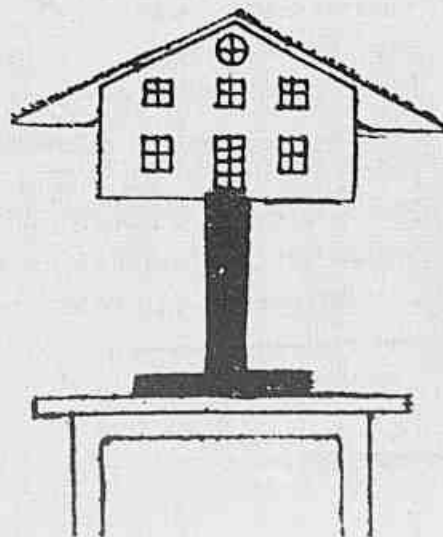
A NURSERY

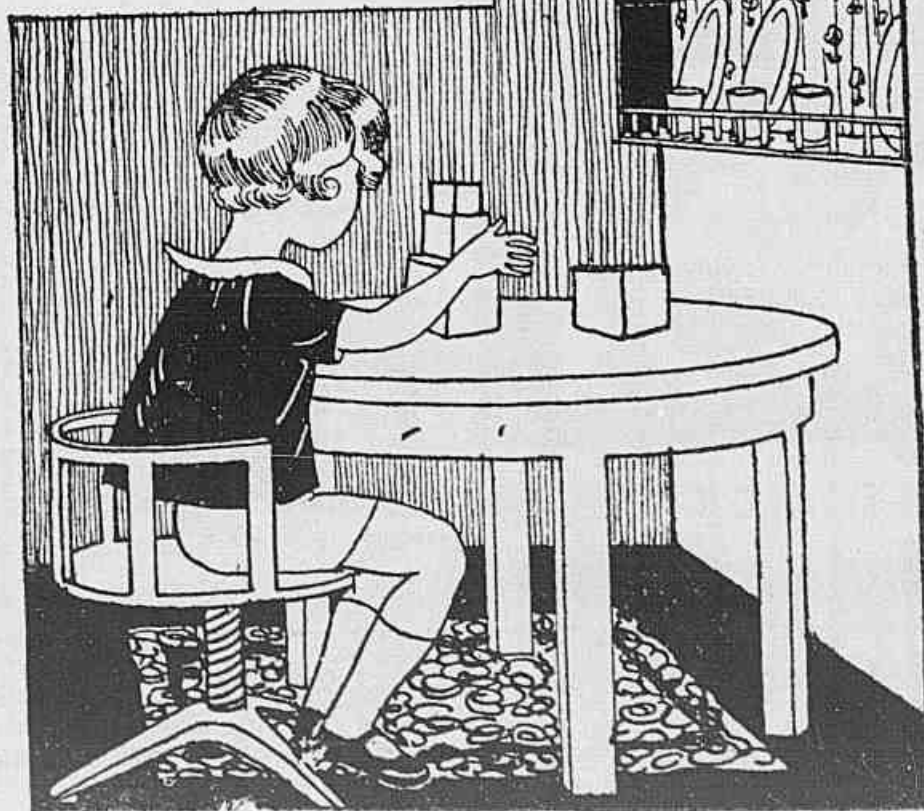
E' preciso dar ao dominio da infancia, não sómente conforto, ar e luz, mas tambem fantasia alegre, espalhando sobre os brinquedos e os sonhos uma fascinante seducção.

As lendas dos paizes do Norte da Europa reproduzem sobre as paredes poetizas ficções, emquanto que na Inglaterra animaes e floresinhas guarnecem as nurseries, pintadas de claro. Na Alsacia, são as cegonhas que, num voo rapido, atravessam os panneaux azul celeste. Animaes de Rabier, saquinhas de reclame de chocolate, gansos com touquinhas, são pintados nas barras para alegrar as creanças! A's vezes, são clowns empoados, fazendo saltar cães ensinados, dançarinos atravessando arcos de papel, todas as peripecias do circo, estando assim presentes aos olhos da petizada.

Assim como tambem são usadas para guarnições muraes as personagens dos livros de Mme de Ségur.

As cortinas de cretone são tambem de fantasia e á noite a luz sae de dentro de um papagaio de vidro que se balança n'um arco central.

Tambem são usadas umas prateleiras guarnecendo o quarto todo em volta e n'ellas são collocados os brinquedos de Nuremberg, engraçados pela sua dureza e entremeiados com vasinhos e potes de barro contendo flores e plantas artificiaes. Mas, qualquer que seja a decoração escolhida, os moveis devem ser sempre muito simples, as caminhas deverão ser em madeira ou ferro laqué; a lamparina na mesa de cabeceira poderá ser coberta por uma casinha de madeira com as suas janelinhas de vidro de côr.

Depois os divans baixos cobertos de cretone, as mesinhas com as suas cadeiras de parafuso. Quando n'esse mesmo aposento as creanças teem de tomar as suas refeições, na parede é collocada uma pequena etagére que contém as louças, copos e tudo que é necessario.

O chão é forrado com linoleum e alguns pequenos tapetes são espalhados pelo assoalho para as creanças que gostam de se assentar no chão.

Ama-se bem somente uma vez: é a primeira, os amores que seguem são menos involuntarios.

La Rochefoucauld

A felicidade ou a infelicidade da nossa velhice não é muitas vezes senão o extracto da nossa vida passada.

Mme. Necker.

Consultorio Medico

Maria Luiza (Santos) — A carne é fraca e a mulher espera sempre a surpresa do desejo. Acho-a com um ar desinteressado de victima feliz. Submettida ao instincto, docil á natureza, a sua alma se exalta nas horas solitarias da noite. Não lhe falta imaginação para doirar o amor de todas as illusões, embora fechada no circulo de ferro das sensações.

Assim se exprime Anatole France: "Une femme est franche quand elle ne fait pas de mensonges inutiles".

Aconselho injecções de *Plurion* e ás refeições uma colher de sôpa de Superalimento Fowles dissolvido em agua. Alternar as injecções com as de *Sôro Lipotrophico Feminino*, minha formula.

Mme. Florinda (Rio) — Aconselho a seguinte formula. Uso int:

Arseniato de sodio, 2 centgrs.; Iodeto de sodio, 5 grs.; Agua distillada, 200 grs.

Para tomar 4 colheres das de chá por dia.

Si possivel, banhos com agua do mar aquecida.

Voluvel (Rio) — Vejo que não tem o sentimento vivo da psychologia contemporanea e se admira do mysterio que envolve o amor. Tenho a idéa da perfeição possivel do amor numa fusão dos desejos sensuaes e das aspirações sentimentaes, sob o controle amavel da intelligencia. E' preciso ter uma visão tão exaltante do amor como a que os Hindús deram, no sobrenatural, ao seu deus Krishna.

Rykoff (Campinas) — Trata-se de asthma essencial. Recommendo-lhe a seguinte formula. Uso int.

Xe. flôres laranjeira, 300 grs.; Iodeto de sodio, 10 grs.; Chlorhydrato de heroina, 10 centgrs.; Tintura de belladona, 5 grs.; Sol. de adrenalina, 5 grs.

Tome uma a tres colheres das de sôpa por dia. Injecções de Sôro de Heckel. Eupirina Varnade.

Davidson (Rio) — E' preciso exame. Recommendo-lhe int. a seguinte formula. Int:

Phosphureto de zinco, 2 millgrs.; Extr. noz vomica, 5 millgrs.; Extr. de kola, 10 centgrs.; Pó de kola, q. b. para uma pillula. Me. n. 30. Tome 1 a 8 por dia. Injecções sub-cutaneas diarias da minha formula *Sôro lipotrophico masculino*.

Mme. O. Santos (Porto-Alegre) — Parece-me tratar-se de dyspepsia por dilatação gastrica. Trat. 1.º regime nutriente, em que sob pequeno volume se ministre o maximo de material alimentar, reduzindo-se, assim, quanto possivel a sobrecarga estomacal; 2.º evitar a estase gastrica, facilitando a funcção evacuadora; 3.º combater as fermentações occorrentes; 4.º estimular as tunicas estomacaes. Usar a cinta abdominal. Injecções de neuro-sôro. Repouso de uma hora após as refeições. Tint. de fava de S. Ignacio e quassia, 10 gottas antes das refeições.

Mme. Lina (S. Paulo) — No tratamento da atrophia uterina (e mammaria) e do utero infantil, empregam-se irrigações vaginaes e uterinas quentes e a faradisação do utero, mediante uma sonda bipolar introduzida no utero. Kehrer aconselha tambem o trat. pelo ar quente, pelo methodo de Bier. Banhos de mar. Comprimidos de Ovarina-lecithina e Yohimbina, que tambem corrigem a frieza intima. Inj. de *Sôro Lipotrophico Feminino*.

Waldemar (Rio) — E' preciso abandonar o seu triste vicio. Recommendo-lhe ás refeições um comprimido de Phytophosin e injecções sub-cutaneas diarias de *Pairol*. Exame da prostata. Int. a seguinte formula. Int.: — Sulfato de strychinina, Phosphoro, ãã 15 millgrs.; Extr. de cannabis indica, 12 centgrs.; Ferro porphyrisado, 2 grs.; Pó de rhuybarbo, 40 centrgs.

Divida em 25 papeis. Tome 3 por dia, antes das refeições.

Esperançosa (R. G. do Sul) — Póde usar uma cinta elastica.

Os purgantes só devem ser tomados no periodo da gravidez com indicação medica. Exame de sangue (reacção de Wassermann). Para a creança recem-nascida são mais aconselhaveis os banhos mornos. Desejo-lhe felicidades. E agradeço as amaveis referencias de sua carta.

J. May (Rio) — Os medicamentos indicados só devem ser usados após o parto.

Valkiria (S. Paulo) — Aconselho "Lait Candés". Evitar o sol. Tambem pode usar a seguinte formula. Uso ext:.

Sublimado, 0gr,20; Ac. acetico, 0gr,10; Tint. de benjoim, 5 grs.

Thais — Tratamento ao ar livre. Hydrotherapia branda e suave. Como tratamento abortivo — Uso int:

Tintura de opio, Tintura de belladona, ãã 5 grs. Alc. de raiz de aconito, 2 grs.

Em frasco conta-gottas. Para tomar 5 a 10 gottas com agua, duas vezes por dia. Banhos sinapisados dos pés. Pulverisações no nariz com (Uso ext.):

Chlorhydrato de cocaina, 1 gr.; Alcool absoluto, 10 grs. Agua distillada, 100 grs.; Sol. de adrenalina a 1 por 1.000, 8 gottas. Inhalações com o inhalador de Nicolai de Coryfina Bayer.

"Ardente" (Rio) — E' preciso exame de sangue (reacção de Wassermann). Aconselho injecções intramusculares de *Spyrol*.

"Flirt" (Rio) — Não ha mais no Rio de Janeiro nem incenso nem altar para as mulheres formosas. Os homens perdem pouco a pouco a imaginação e as mulheres o precioso dom da seducção.

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda a correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA. *Cons. 5, Rua Uruguayana, 1.º andar — Rio de Janeiro — Tel. 5763 Central.*

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Maria — Porque não ha de acceitar por companheiro da sua vida esse ente superior que lhe tem dado tantas provas de ser uma alma de élite? Mais tarde, quando chegar o arrependimento, reconhecerá que é muito tarde e que a mocidade nunca volta.

Marion — A electrolyse não pode deixar de ser efficaz quando devidamente executada por profissional competente. O cabello cuja raiz foi destruida não pode renascer. Nada me custa garantir-lhe a efficacia da electrolyse.

Esposa — A' pag. 9 do meu prospecto, que lhe posso mandar pelo correio, encontra as indicações necessarias para o tratamento das espinhas e das manchas.

O meu livro sobre a alimentação ainda demorará algum tempo.

Ruth — No uso diario da *Loção Adstringente* e o *Pó Hygienico* encontra o remedio para a dilatação dos poros.

Rosalita — O sabonete *Sylkale* é composto de substancias as mais finas. Limpa, amacia e perfuma a pelle. Para a sua epiderme sensivel o uso do sabonete *Sylkale* está naturalmente indicado.

Mme. Osorio — O meu *Crême de Massagem* é rigorosamente homogeneo. Fabricado com materias seleccionadas, elle penetra profundamente nas differentes camadas da epiderme e conduz as suas propriedades nutritivas ao contacto dos elementos cellulares, exaltando-lhes a vitalidade. O *Crême de Massagem* renova a pelle. A massagem deve fazer-se ao levantar e ao deitar.

Mlle. Oliveira — O *Pó de Arroz Hygienico* não serve apenas para embellezar o rosto. Um bom pó de arroz preserva a pelle do contacto com a poeira e defende-a contra a acção do calor. Mas é preciso exigir do Pó de Arroz que se usa que elle seja extremamente fino e que não contenha substancias toxicas, hoje tão vulgares com o uso generalisado dos perfumes artificiaes. O meu *Pó de Arroz Hygienico* não secca nem irrita a epiderme.

Bébé — O seu cabello deixará de cahir e não será mais oleoso se cada semana lavar a sua cabeça com o *Shampoo-Pó*. O cabello não deve ser lavado com sabonete. Este destina-se a lavar a pelle e não ha duas coisas mais diversas do que sejam o cabello e a pelle. O *Shampoo-Pó* remove a caspa e a poeira que se accumula no cabello.

Ivo — Para restituir a vitalidade do seu cabello friccione a sua cabeça todos os dias com o *Tonico n. 9*. Este tonico não é só um medicamento energico, mas tambem perfuma o cabello, transmittindo-lhe um aroma persistente e delicado.

M. O. (Pernambuco) — Aconselho-lhe o uso do *Brilho e Saúde dos Olhos*: é um excellente tonico e propaga ao mesmo tempo um intenso fulgor ás pupillas.

A *Loção para as Pestanas* destina-se a fazer crescer as pestanas avigorando-lhes as delicadas raizes. O modo de applicar encontra indicado á pag. 22 do meu prospecto.

Amelia (Campos) — O seu problema é o de quasi todas as donas de casa. Todos os dias apparecem preparados novos que se destinam a aperfeiçoar o serviço domestico, mas nem todos preenchem os fins annunciados. Para a limpeza dos utensilios da cozinha uso ha muito o preparado americano *Brillo*. Podia-lhe aconselhar outros, mas sei que este a satisfará por completo.

Hortensia (Bahia) — Para sua hygiene intima experimente o *Femirol*. Algumas gottas em meio litro d'agua preparam instantaneamente uma lavagem antiseptica, adstringente e perfumada.

Encontra á venda nas principaes drogarias.

Julio — Para corrigir a irritação provocada pela navalha de barba recommendo-lhe o *Crême Neve*. Destina-se ao tratamento da pelle para amacial-a e vitalizal-a. *Crême Neve* vende-se em bisnaga e custa 3$500.

Para branquear os dentes deve usar o *Dentifricio radio-activo*.

SELDA POTOCKA.

Os preparados de madame Selda Potocka acham-se á venda nas principaes perfumarias do Rio e especialmente nos grandes estabelecimentos: CASA BAZIN, *avenida Rio Branco*; PERFUMARIA LAPENNE, *rua do Theatro*; CASA CIRIO, *rua do Ouvidor*; GRANADO & Ca., *rua Primeiro de Março*; CASA DAS FAZENDAS PRETAS, *avenida Rio Branco*; PERFUMARIA NUNES, *rua do Theatro*; CASA ORLANDO RANGEL, *rua 7 de Setembro*; PERFUMARIA AVENIDA; *rua Rodrigo Silva*; RAMOS SOBRINHO, *rua do Rosario*; CASA COLOMBO, *avenida Rio Branco*; PARC ROYAL; PERFUMARIA LAMBERT; CASA PAULINO.

Tambem se encontram á venda nas capitaes dos Estados e cidades do interior, a saber: *Alegrete*, BRAZ FARACCO; *Amparo*, AU BON MARCHÉ; *Bahia*, LOJA ATHAYDE e MANSO & C.a; *Bello Horizonte*, CASA NARCIZO; *Bagé*, G. MALAFAIA & C.a; *Barbacena*, SOUZA MARQUES & Ca.; *Barretos*, CASTRO GOMES & C.a; *Bebedouro*, RICARDO M. MACHADO; *Campinas*, CASA BUCCI; *Campos*, ALFREDO LAMY; *Cachoeira de Itapemerim*, J. DE DEUS MADUREIRA; *Caxias*, GUIMARÃES SILVA & C.a; *Conde de Araruama*, RIBEIRO & FILHO; *Corityba*, A CARIOCA; *Cruz Alta*, JORGE CHAMIM e CASA MONTENEGRO; *Espirito Santo do Pinhal*, CASA TEIXEIRA BRANCO e CARDOSO & RIBEIRO; FLORIANO, THEODORO F. SOBRAL; *Florianopolis*, MELLO & PEREIRA; *Goyaz*, A BANDEIRA VERMELHA; *Fortaleza*, MARIO CAMPOS & C.a; *Itajahy*, IMMANUEL CURRLIN; *Franca*, BENJAMIM STEMBERG; *Itú*, ANTONIO FERREIRA DIAS; *Joinville*, JOÃO PIPER; *Juiz de Fóra*, PALACIO DAS NOIVAS; *Lavras*, A BRASILEIRA; *Leopoldina*, WERNECK & C.a; *Maceió*, J. LAGES; *Mossoró*, CAVALCANTE ALVES & Ca.; *Nictheroy*, ARMAZEM PRIMAVERA; *Oliveira*, JOSÉ SILVEIRA, *Ouro Preto*, J. B. MENDES; *Palmyra*, SAD & IRMÃO; *Parahyba*, A RAINHA DA MODA; *Pelotas*, A TORRE EIFFEL; *Poços de Caldas*, MOREIRA SALLES & C.a; *Ponte Nova*, MACHADO & CARVALHO; *Petropolis*, CASA MODERNO; *Ponta Grossa*, TORRES CAMARGO & Ca.; *Porto Alegre*, CASA QUEIMADA; *Quissaman*, J. FRANCISCO DE PAULA; *Recife*, ROSA DOS ALPES; *Ribeirão Preto*, VALERIANO F. DOS REIS; *Rio Preto*, IGNACIO DOS SANTOS; *Sant'Anna do Livramento*, HECTOR & ALVAREZ; *Santa Luzia do Carangola*, PHARMACIA DUTRA; *Santa Rita do Sapucahy*, A. DE CASSIA; *Santa Victoria do Palmar*, FERNANDEZ & LEMOS; *Santos*, MIGUEL GUERRA; *São Paulo*, CASA LEBRE; *São Jorge do Rio Pardo*, CASA LACRETA; *São Sebastião do Paraizo*, SILLOS & IRMÃO; *Sobral*, EUCLYDES SABOIA & C.a; *Taubaté*, CASA CABRAL e MOURA & SIQUEIRA; *Theophilo Ottoni*, J. R. DE CARVALHO; *Therezina*, J. R. DE CARVALHO; *Uberaba*, GALDINO PINHEIRO & C.a; *Uruguayana*, BEHEREGARAY & C.A .

Consultorio Odontologico

Salustiano de Queiroz Lima Ribeiro (Minas Geraes) — Experimente a Wolm.

Delmo Soares Guimarães (Minas Geraes) — Pode usar a seguinte pasta:

Glycerina........	125,0
Carbonato de calcio............	125,0
Iris............	125,0
Carmim...........	2,0
Essencia de cravo.	1,0
Essencia de muscada..........	1,0
Essencia de rosas..	1,0

Xe. simples q. s. para uma pasta molle.

Antenor Bueno de Miranda (Matto-Grosso) — Deve mandar extrahir a raiz.

Renato de Castro e Silva (Minas Geraes) — Ainda não recebi a sua 1.a carta, pois si tal se désse já teria respondido.

Delmo Soares de Moura (Minas Geraes) — Applique na região inflammada compressas com agua gelada, de ½ em ½ hora.

Bochechos com malvas e dormideiras — infusão forte. Ajunte para cada litro XX gottas de chloroformio.

Salin Pietro di Montro (Minas Geraes) — Deve mandar remover a obturação feita na Italia.

Provavelmente canaes infeccionados estão determinando os symptomas que diz vir sentindo.

Dario Pinto de Magalhães (S. Paulo) — A viagem do professor Coelho e Souza está marcada para os primeiros dias de Julho.

Carlos Madeira Guimarães (Minas Geraes). — O esmalte "De Trey", por exemplo.

Xisto de Araujo Coelho (Pernambuco) — Espere mais uma semana, conservando o dente rigorosamente fechado a gutta percha.

Quinto de Lemos (Alagôas) — Pois não.

Magnesia..........)	ãã
Gesso precipitado...)	20.0
Talco..........)	ãã
Cremor de tartaro..)	10.0
Acido borico.......	4.0
Essencia de hortelã	q. s.

Vianna da Silva Mello (Minas Geraes)

Sabão de magnesia.......	10,0
Carbonato de calcio precipitado	9,0
Essencia de rosas...........	10 gottas
Essencia de hortelã..........	20 gottas
Essencia de alfazema........	1 gram.
Carmim.........	q. s.

Wenceslau Pinheiro de Araujo (Minas Geraes) — Exame de raio X.

Dulce Miranda Ribeiro (S. Paulo) — Uma corôa de ouro.

2.° — Extracção da raiz.

Fernando Alves de Souza (Amazonas) — Chapa de vulcanite ou de ouro, conforme a vontade do amigo.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1838 Central — Rio de Janeiro.*

Senhorinha Jardy Britto, filha do dr. Eduardo Britto, clinico na cidade de Viradouro, estado de S. Paulo.